



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS SOCIAIS - VESPERTINO/NOTURNO**

FORTALEZA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
REITOR

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

VICE-REITOR

Prof. José Glauco Lobo Filho

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Profa. Ana Paula de Medeiros Ribeiro

COORDENADORIA DE PROJETOS E ACOMPANHAMENTO
CURRICULAR (COPAC)

Aline Batista de Andrade

CENTRO DE HUMANIDADES

Prof. Cícero Anastácio Araújo de Miranda

Diretor de Centro

Prof. Luiz Fábio Silva Paiva

Vice-diretor de Centro

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Profa. Celina Amália Ramalho Galvão Lima

Chefe de Departamento

Prof. José Estevão Machado Arcanjo

Sub-chefe de Departamento

COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Prof. Francisco Willams Ribeiro Lopes

Coordenador do Curso de Ciências Sociais - Vespertino/Noturno

Coordenador da Área de Teoria e Prática de Ensino em Ciências Sociais

Prof. Antonio Cristian Saraiva Paiva

Coordenador do Curso de Ciências Sociais - Integral

Coordenador da Área de Sociologia

Prof. Carlos Kleber Saraiva de Souza

Coordenador da Área de Antropologia

Prof. Paulo Sérgio Bessa Linhares

Vice-coordenador da Área de Antropologia

Vice-coordenador do Curso de Ciências Sociais - Integral

Prof. Clayton Mendonça Cunha Filho
 Coordenador da Área de Ciência Política
 Vice-coordenador do Curso de Ciências Sociais - Vespertino/Noturno

Profa. Monalisa Soares Lopes
 Vice- coordenadora da Área de Ciência Política

Profa. Danyelle Nilin Gonçalves
 Vice-coordenadora da Área de Sociologia

Profa. Alexandre Jeronimo Correia Lima
 Vice-coordenador da Área de Teoria e Prática de Ensino em Ciências Sociais

Maria Nayara Braz dos Santos
 Representante Estudantil do Curso Integral
 Carlos Eduardo Silva da Silveira
 Representante Estudantil do Curso Vespertino/Noturno

CORPO DOCENTE

Antropologia

Alexandre Fleming Câmara Vale
 Antonio George Lopes Paulino
 Carlos Kleber Saraiva de Sousa
 Isabelle Braz Peixoto da Silva
 Jania Perla Diógenes de Aquino
 Kleyton Rattes Gonçalves
 Marcelo Tavares Natividade
 Martinho Tota Filho Rocha de Araújo
 Paulo Sérgio Bessa Linhares

Ciência Política

Clayton Mendonça Cunha Filho
 Fabio Gentile
 Francisco Uribam Xavier de Holanda
 Jakson Alves de Aquino
 Jawdat Abu-El-Haj
 José Estevão Machado Arcanjo
 Monalisa Soares Lopes
 Valmir Lopes de Lima

Sociologia

Alba Maria Pinho de Carvalho
 Andréa Borges Leão
 Antonio Cristian Saraiva Paiva

Celina Amália Ramalho Galvão Lima
 Cristina Maria da Silva
 Danyelle Nilin Gonçalves
 Domingos Sávio Abreu
 Edemilson Paraná
 Eduardo Girão Santiago
 Geísa Mattos de Araújo Lima
 Irapuan Peixoto Lima Filho
 Leonardo Damasceno de Sá
 Luiz Fábio Silva Paiva
 Mariana Mont'Alverne Barreto Lima
 Osmar de Sá Ponte Junior
 Rilda Bezerra de Freitas Aguirre

Teoria e Prática de Ensino em Ciências Sociais

Alexandre Jeronimo Correia Lima
 Francisco Willams Ribeiro Lopes

APOIO DISCENTE

Alana Maia Mettifogo
 Ana Alice Lima de Sousa
 Carliana Isabel Nascimento Pereira
 Carlos Antonio de Souza Filho
 Francisca Márcia Gabrielle Alves Freitas
 Gabriela André Leitão
 Giovanna Freitas Rebouças
 Ícaro Barbosa de Freitas
 Vinicius Fernandes Evangelista
 Naira Nogueira da Silva Ferreira
 Sabrina Kelly Santos Lima
 Ana Thaís de Albuquerque Noroes Boutala
 Rafael Gomes da Silva
 Tales de Figueiredo Dornelas Neto
 Christina Alencar Ximenes

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
1.1 Histórico da UFC	8
1.2 Histórico e princípios do Curso de Ciências Sociais	10
1.2.1 Aspectos Institucionais	14
2. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	16
2.1 Nome do curso	16
2.2 Titulação conferida	16
2.3 Modalidade do curso	16
2.4 Duração do curso	16
2.5 Regime do curso	16
2.6 Número de vagas oferecidas por ano	16
2.7 Turnos	17
2.8 Início de funcionamento do curso	17
2.9 Ato de autorização	17
2.10 Processo de ingresso	17
2.11 Princípios norteadores	17
2.12 Objetivos do Curso	18
2.13 Perfil Profissional dos Egressos	21
2.14 Áreas de atuação do futuro profissional	24
3. ESTRUTURA CURRICULAR	25
3.1 Conteúdos curriculares	28
3.2 Unidades e Componentes Curriculares	31
3.3 Integralização Curricular	38
3.4 Práticas como componente curricular	49
3.5 Metodologia de ensino e aprendizagem	51
3.6 Procedimentos de acompanhamento e de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem	57
3.7 Estágio Curricular Supervisionado	60
3.8 Atividades Complementares	60
3.9 Atividades de Extensão	61
3.10 Trabalho de Conclusão de Curso	62
3.11 Ementário e bibliografia	63

4. GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO	174
4.1 Colegiado e Coordenação Executiva	174
4.2. Núcleo Docente Estruturante	175
4.3 Integração com as redes públicas de ensino	176
4.4 Apoio ao discente	178
4.5 Gestão do curso e os processos de avaliação interna e externa	180
5. INFRAESTRUTURA DO CURSO	181
6. REFERÊNCIAS	183
7. ANEXOS	186

1 APRESENTAÇÃO

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais está entre os 119 cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e tem como sua principal característica a formação interdisciplinar fundamentada em três áreas de conhecimento: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Complementam o percurso formativo do corpo discente as áreas de Filosofia, Economia, Geografia, História, Educação, além de outras possibilidades abertas pelos sistemas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Ceará. O presente documento refere-se ao Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Ciências Sociais, trata-se, portanto, da atualização da documentação vigente desde 2006, com base nas recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores em nível superior (Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019).

Sua atualização teve início em 2010, com reuniões sistemáticas de acompanhamento e avaliação, que envolveram toda a comunidade. Após uma primeira formatação definida em 2015, o projeto foi reavaliado para que pudesse atender às exigências da Resolução nº 02 – CNE, de 1 de julho de 2015¹.

Assim, foram realizados seminários e encontros para a elaboração de um novo PPC da Licenciatura em Ciências Sociais, com participação de integrantes da administração superior, discentes, docentes dos departamentos que atendem aos cursos de Ciências Sociais, coordenação e núcleo docente estruturante. A proposta final foi elaborada e votada no âmbito do colegiado da coordenação dos Cursos de Ciências Sociais, no ano de 2018², após realização de dois seminários deliberativos que contaram, também, com representantes da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) e do Grupo de Trabalho das Licenciaturas (GTL) da UFC. Após exaustivo e democrático debate, o corpo

¹ Em sua última versão atualizado para o atendimento da resolução RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019

² Embora tenha ocorrido a atualização na administração e isso esteja consubstanciado neste documento, é relevante registrar que a primeira e fundamental versão deste PPC apresentada em junho de 2018 foi elaborada e conduzida sob a composição do seguinte Colegiado da Coordenação: Prof. Luiz Fábio Silva Paiva (Coordenador do Curso Diurno), Prof. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo (Coordenador do Curso Noturno), Prof. Clayton Mendonça Cunha Filho (Vice-coordenador do Curso Diurno), José Estevão Machado Arcanjo (Vice-coordenador do Curso Noturno), Carlos Kleber Saraiva de Souza (Coordenador da Área de Antropologia), Antonio Cristian Saraiva Paiva (Vice-coordenador da Área de Sociologia), Celina Amália Ramalho Galvão Lima (Coordenadora da Área de Teoria e Prática de Ensino em Ciências Sociais) e Mariana Mont'Alverne Barreto Lima (Vice-coordenadora da Área de Teoria e Prática de Ensino em Ciências Sociais).

discente e docente, observando as exigências legais e regimentais, referendaram o presente Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFC. Entretanto, com a revogação da Resolução nº 02 – CNE, de 1 de julho de 2015 pela Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019, a redação final deste texto no ano de 2022 incorporou as orientações desta última e de outros regimentos da universidade.

Cabe, ainda, mencionar que o processo de finalização deste PPC deu-se no contexto da maior crise sanitária vivida no país, provocada pela pandemia mundial de covid-19, que atingiu a população cearense e brasileira, e que desvelou, em lente ampliada, as desigualdades e vulnerabilidades sociais arraigadas na nossa sociedade³. O contexto de crise pandêmica, nos anos de 2020 e 2021, afetou diretamente a educação básica e superior, produzindo efeitos nos processos de seleção e entrada de estudantes na Universidade, assim como impactou as vivências escolares dos/das estudantes do curso de Ciências Sociais, fazendo-nos repensar objetivos e metodologias de ensino e aprendizagem, sistemas de avaliação e outras práticas pedagógicas. Esperamos que este PPC reverbere os princípios de inclusão, solidariedade e corresponsabilidade, que nortearam a atuação da gestão do curso e da Unidade Acadêmica nestes difíceis tempos.

1.1 Histórico da UFC

Para melhor conhecimento sobre a graduação em Ciências Sociais, apresenta-se um breve histórico da Universidade e do Curso.

Criada em 16 de dezembro de 1954, pela Lei nº 2.373, a Universidade Federal do Ceará vem, há 67 anos, formando gerações de profissionais da mais alta qualificação, gerando e difundindo conhecimentos, preservando e divulgando valores artísticos e culturais, tornando-se ao longo desses anos uma instituição estratégica para o desenvolvimento do Estado e da região, ocupando posição de destaque no cenário acadêmico nacional e internacional.

³ Na data em que este texto foi finalizado, contabilizam-se mais de 22,2 milhões de casos de infecção, com mais de 618.000 mortos pela covid-19. Entre estas vítimas incluem-se estudantes, docentes e servidores/as técnico-administrativos/as da UFC, bem como familiares, por cuja perda manifestamos nossa comoção.

A UFC surgiu com a missão de integrar as instituições já existentes, propiciando maior coordenação e ampliação da oferta do ensino superior no estado. As áreas de Direito, Medicina, Odontologia e Agronomia foram as primeiras a serem incorporadas à nova universidade.

No âmbito das Humanidades, a UFC sempre teve papel destacado. Desde a instalação do Serviço de Antropologia, em 1957, passando pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1961) e a criação do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (1966), assumiu papel de protagonista na longa produção no campo das ciências sociais no estado do Ceará – cujas raízes estão fincadas no Instituto do Ceará, fundado em 1887.

Essa vocação nunca afastou a universidade de sua inspiração original, celebrada na rememoração constante de seu lema: “o universal pelo regional”. Essa perspectiva estava inserida na visão universalista de seus fundadores.

Atualmente, a Universidade Federal do Ceará adquiriu maturidade suficiente para colocar-se no rol das mais destacadas instituições do país. Contam-se em mais de 100 os cursos de graduação e também em mais de 100 os cursos de pós-graduação *stricto sensu*. São ofertadas cerca de 6 mil vagas de graduação, sendo uma das universidades brasileiras mais procuradas no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Recentemente, redobrou esforços no sentido de ampliar o ensino superior no estado do Ceará, exercendo papel preponderante na instalação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Simultaneamente, a UFC desenvolveu grande esforço para ampliar a ofertas de cursos de graduação, especialmente em cursos noturnos e em vários novos campi no interior do estado.

A Universidade Federal do Ceará é composta por oito campi, denominados Campus do Benfica, Campus do Pici, Campus do Porangabussu e Labomar, todos localizados no município de Fortaleza (sede da UFC), além do Campus Avançado de Sobral, Campus Avançado de Quixadá, Campus Avançado de Crateús e Campus Avançado de Russas, integrando praticamente todas as áreas do conhecimento.

No momento em que é elaborado este Projeto Pedagógico a UFC enfrenta importantes desafios. A gestão, o financiamento e a capacitação de servidores técnico-administrativos e docentes precisam manter e ampliar as

atividades de ensino, pesquisa e extensão, garantir a manutenção da qualidade e a ampliação do acesso e da permanência dos discentes. Os objetivos do Plano Nacional de Educação são a norma legal que impulsiona a busca da superação desses desafios.

Isso se mostra mais relevante no curso de Ciências Sociais, carentes de melhores condições de infraestrutura, acessibilidade e de servidores. A atualização do PPC é o momento que permite essa reflexão, renovando a comunidade universitária na busca de um serviço público de maior qualidade e compromisso social.

1.2 Histórico e princípios do Curso de Ciências Sociais

O Curso de Ciências Sociais da UFC foi criado em 1968 e, em 53 anos, graduou cerca de 1.000 profissionais que atuam, hoje, em instituições públicas e privadas, nas áreas de pesquisa, ensino e gestão, entre outras. Muitos deles têm, cada vez mais, procurado aprofundar seus estudos, ingressando em cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado). É notória a presença desses/as profissionais no magistério de ensino superior, tanto na UFC quanto em outras instituições, no Ceará e em outros centros.

A história do curso de Ciências Sociais, na UFC, insere-se na longa tradição de estudos sociológicos, políticos e antropológicos. Na então Universidade do Ceará, em 1957, tais estudos iniciaram-se com a criação do Serviço de Antropologia, ofertando curso de curta duração, em antropologia, e dando ali os primeiros passos na pesquisa, principalmente de populações indígenas nas proximidades de Fortaleza. Em 1958, tal Serviço foi transformado em Instituto de Antropologia, continuando sua atuação na mesma linha. Em 1966, foi criado o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, integrando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (criada em 1961). Posteriormente, os profissionais do Instituto (pesquisadores, docentes e técnicos administrativos) foram incorporados ao Departamento, conforme exigência da reforma universitária de 1968.

Nos dez primeiros anos, o Curso formou licenciados em Ciências Sociais; a primeira monografia de bacharelado é de 1976.

Nos últimos 30 anos, passou por três reformas curriculares. Em 1985, procurou-se reforçar o eixo teórico-metodológico e a formação generalista e mantendo a formação de bacharéis e licenciados/as (sem exigência de anterioridade). Um novo currículo foi implantado em 1995. No conjunto das alterações então feitas, as mais expressivas foram: a) a modalidade Bacharelado passou a ser obrigatória para todos/as os/as discentes, com a Licenciatura sendo possível somente para os/as já bacharéis; b) implantou-se um “sistema misto de integralização curricular”, de acordo com o qual parte do curso (dois primeiros anos) era feita sob o regime seriado, com disciplinas anuais, de matrícula obrigatória, e parte continuava em regime semestral.

Desde que o sistema anualizado foi adotado, não se efetivou qualquer avaliação conjunta – em que se reunissem docentes e discentes –, oportunidade na qual se falasse e se debatesse, francamente, sobre o que se vinha fazendo, tendo em vista eventuais “ajustes” ou mudança de orientação do percurso.

A rigor, não houve um trabalho coletivo, envolvendo planejamento, execução e avaliação do sistema misto adotado. Assim, as “descontinuidades” ou os impasses e “descontentamentos” vividos, por discentes, nesses termos, em parte refletiram uma fragmentação das ações referentes ao processo de ensino/aprendizagem como um todo. Portanto, refletiram ações ou procedimentos e percepções de professores e estudantes, no que concerne ao curso. De todo modo, considerando-se as “descontinuidades” e os “descontentamentos” alusivos à reforma curricular de 1995, promoveu-se a quebra das disciplinas anuais e o retorno ao sistema semestral, no ano de 2003.

Em 2005, após intensos debates e diante da necessidade de se adequar às novas demandas para cursos de formação de professores/as em grau de Licenciatura, um novo projeto foi formulado. Tal projeto foi implantado em 2006. É importante destacar que desde o início do ano 2000, com a realização do “I Seminário Projeto Pedagógico: socialização de percursos”, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação e, posteriormente, com a criação do Fórum de Coordenadores e do Fórum das Licenciaturas, a Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais amadureceu os elementos presentes no Projeto de 2005. Entre os destaques que mereceram a atenção da proposta, esteve a curricularização da Sociologia como disciplina obrigatória no Ensino Médio.

Assim, o Projeto representou mudanças importantes no contexto da formação profissional em consonância com as abrangentes mudanças no mundo contemporâneo e igualmente refletindo, em profundidade, o papel que as Ciências Sociais são chamadas a desempenhar nos novos tempos.

A partir de 2006, os cursos de Ciências Sociais, nas modalidades Bacharelado e Licenciatura, passaram a coexistir com 25 vagas cada um, com uma Coordenação única para os dois graus, atuando em uma perspectiva de integração entre ambos. Com o advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o PPC foi ampliado com a implementação, em 2009, da Licenciatura e do Bacharelado em Ciências Sociais, no período noturno, com o mesmo regime de vagas entre os dois graus, isto é, 25 para Licenciatura e 25 para Bacharelado. Assim, os cursos passaram a oferecer um total de 100 vagas, para Licenciatura e Bacharelado, nos períodos Integral (manhã e tarde) e Noturno.

A gestão pedagógica dos quatro cursos se fundamentou, entre outros aspectos, no entendimento de que eles precisavam se ajustar às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Ciências Sociais, cujo texto ressalta a prioridade de uma formação teórico-metodológica que articule teoria, pesquisa e prática social, na busca de uma ampla formação humanística e desestímulo à especialização precoce. Essa premissa foi fundamental para se entender que Bacharelado e Licenciatura deveriam primar por princípios e trajetos formativos comuns, embora respeitando as especificidades de cada um.

Em avaliação desde 2010, o Projeto de 2005 foi referência importante para uma série de novas discussões que culminaram na realização de dois Seminários de Atualização dos Projetos Pedagógicos das Ciências Sociais, no primeiro semestre de 2018. Restaram consolidadas as compreensões e críticas a respeito das continuidades e das mudanças necessárias, em atendimento a novas exigências político-pedagógicas e legais para funcionamento do curso de Licenciatura. Ressalte-se mais uma vez que esta proposição foi elaborada preservando princípios existentes no Projeto Político Pedagógico de 2006, ampliando o entendimento sobre a valorização da Licenciatura, ao considerar os elementos específicos deste grau.

Cabe mencionar que no processo de atualização e revisão deste PPC, foi elaborado o documento Plano de Reestruturação e Melhorias do Curso com um

diagnóstico das fragilidades dos Cursos de Ciências Sociais. Tal diagnóstico contribuiu para a elaboração da Proposta de Reestruturação, que consistia na redução dos 4 cursos (2 bacharelados e 2 licenciaturas) para 2 cursos (1 bacharelado e 1 licenciatura), sendo um curso integral e outro vespertino/noturno. Após novos estudos realizados pelo NDE e apresentados no Seminário de Reestruturação dos Cursos de Ciências Sociais, em dezembro de 2022, que contou com a participação de docentes, discentes e representantes estudantis, a proposta de reestruturação foi aprovada pelo Colegiado da Coordenação. Assim, a partir do ano de 2024, as 50 vagas do curso integral passam a ser ofertadas no grau bacharelado e as 50 vagas do curso noturno no grau licenciatura, sendo que neste último até 20% da carga horária será no turno vespertino. Desta forma, foi realizada a “aglutinação” dos graus, cada um em um turno, mantendo-se a mesma quantidade de vagas que já eram ofertadas. Feito isso, os cursos de bacharelado noturno e licenciatura integral passaram a ser considerados em processo de extinção.

Assim, o novo PPC reúne discussões e sistematizações feitas nos últimos anos, observando, também, princípios normativos do MEC e da UFC, sem perder de vista as dimensões políticas e pedagógicas constitutivas do campo das Ciências Sociais. Assim, a estrutura curricular oferece ao estudante a possibilidade de trilhar um percurso baseado em disciplinas *obrigatórias* e *optativas*, com parte da formação dedicada a ações de extensão universitária e elaboradas de acordo com as necessidades constitutivas dos interesses, talentos e criatividade do corpo discente. O Projeto respeita as normalizações presentes na Resolução nº 02 – CNE, de 20 de dezembro de 2019, do Conselho Nacional de Educação (CNS/MEC) que, entre outros aspectos, estabelecem o mínimo de 3.200 horas/aula para formação dos licenciados/as, sendo um quarto dessa carga horária dedicada a dimensões pedagógicas, 400 horas de práticas como componente curricular e 400 horas de estágio curricular supervisionado.

Os princípios que nortearam a presente atualização do Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências Sociais foram divididos em 4 eixos, a saber:

EIXO 1 - protagonismo do/a estudante:

- a) Formação teórico-metodológica sólida para Licenciatura e respeito às especificidades do grau na trajetória formativa;
- b) Percurso acadêmico mais flexível: redução de pré-requisitos, do percentual de disciplinas obrigatórias e ampliação de optativas;
- c) Continuação de uma formação interdisciplinar, com possibilidades de equivalências para cumprimento da trajetória acadêmica;
- d) Criação de Optativas em Componentes Específicos que, em seu conteúdo curricular, aprofundam temáticas trabalhadas ao longo do curso, envolvendo metodologias, marcadores sociais da diferença (gênero, etnia, raça, classe), cultura afro-brasileira, juventudes e direitos humanos;

EIXO 2 - profissionalização do/a egresso/a:

- e) Valorização da Licenciatura e envolvimento das três áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia e Ciência Política) nas reflexões sobre educação na sociedade brasileira;
- f) Formação pautada em práticas de pesquisa e ensino;
- g) Formação para o exercício da profissão nas atividades de gestão, planejamento e ensino;
- h) Estágios curriculares estruturados de acordo com as especificidades referentes aos trajetos formativos da Licenciatura;

EIXO 3 - gestão acadêmica:

- i) Formação complementar trabalhada de acordo com os interesses e desenvolvimento de habilidades específicas dos/as discentes;
- j) Educação para desenvolvimento de sensibilidade compreensiva, crítica e analítica em relação aos problemas sociais que constituem as realidades nas quais os/as egressos/as do curso devem atuar.
- k) Fortalecimento das áreas de conhecimento e das unidades curriculares, atualizando o organograma de funcionamento e acompanhamento político-pedagógico do Curso;
- l) Atenção à evasão escolar;
- m) Definição das atribuições da Coordenação e do Núcleo Docente Estruturante (NDE);
- n) Reforço de equipamentos didáticos e infraestrutura;

o) Aperfeiçoamento de tecnologias de gestão democrática e participação discente;

ELIXO 4 – redefinições político-pedagógicas:

- p) Redefinição do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC);
- q) Efetivação de conteúdos de metodologia qualitativa e quantitativa à disposição dos/as discentes;
- r) Inclusão da Extensão como atividade curricular.

Em suma, este PPC de Ciências Sociais, atualiza um projeto político formativo que tenciona a profissionalização de sociólogos/as, antropólogos/as e cientistas políticos/as que atuarão em ensino, pesquisa, gestão, empreendimentos privados, entre outras áreas, de maneira qualificada e ancorada no papel social desses/as profissionais em comunidades políticas e morais em movimento de permanente de transformação.

1.2.1 Aspectos Institucionais

A partir de 2024, o curso de graduação em Ciências Sociais, grau Licenciatura, oferece 50 vagas anuais e funciona no turno noturno, sendo até 20% da carga horária no turno vespertino. O curso funciona no âmbito administrativo do Centro de Humanidades da UFC, localizado na Área III do campus do Benfica. O colegiado do Curso de Licenciatura é composto, principalmente, pelos/as docentes que integram quatro áreas de estudo do Departamento de Ciências Sociais: Antropologia, Ciência Política, Sociologia e Teoria e Prática de Ensino. Em sua dimensão pedagógica, o Curso é composto por seis unidades curriculares: a) Sociologia; b) Antropologia; c) Ciência Política; d) Metodologia e Pesquisa; e) Teoria e Prática de Ensino e f) Unidade Especial de Extensão e Formação Complementar.

Os/as estudantes do curso de Ciências Sociais têm possibilidade de aprofundar sua formação, alcançando nível de excelência, pela inserção em núcleos e grupos de pesquisa do DCS, a saber:

- a) Grupo de Estudos e Pesquisas Étnicas (GEPE);
- b) Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos;

- c) Grupo de Estudos em Cultura, Comunicação e Arte (GECCA);
- d) Grupo de Estudos sobre Trabalho e Transformações Capitalistas (GET);
- e) Laboratório das Artes e Juventudes (LAJUS);
- f) Laboratório de Estudo da Violência (LEV);
- g) Laboratório de Estudos da Imagem (LAI);
- h) Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO);
- i) Laboratório de Estudos de Política, Educação e Cidade (LEPEC);
- j) Laboratório de Estudos sobre a Cidade (LEC);
- k) Laboratório de Estudos sobre Política, Eleições e Mídia (LEPEM);
- l) Laboratório dos Marcadores Sociais da Diferença (LAMAS);
- m) Núcleo de Estudos de Raça e Gênero (NERI);
- n) Núcleo de Estudos de Religião e Política (NERPO);
- o) Núcleo de Pesquisa sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS);
- p) Rede Universitária de Pesquisadores da América Latina (RUPAL).

Submetendo-se a processos de seleção, a cada início de período letivo, os/as candidatos/as aprovados/as são inseridos/as, institucionalmente, na estrutura de programas de Mestrado e Doutorado, entre eles, o Programa de Pós-Graduação em Sociologia, com cursos de Mestrado, criado em 1976, e Doutorado, criado em 1994, o Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia, criado em 2017, em parceria com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, denominado ProfSocio. No CH III, os estudantes contam com o acervo da Revista de Ciências Sociais, fundada em 1970, uma das mais antigas, na área, do país. Trata-se de uma publicação do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que se mantém de forma ininterrupta ao longo de todo esse tempo, possibilitando, dentre outros aspectos, o diálogo entre professores/as e, também, entre grupos de trabalho. A entidade representativa dos/as estudantes é o Centro Acadêmico Batista Neto, fundado em 1980, que também dispõe de estrutura física para suas atividades no prédio do CH III.

2 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

2.1 Nome do curso:

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS -
VESPERTINO/NOTURNO.

2.2 Titulação conferida:

LICENCIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LICENCIADA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

2.3 Modalidade do curso:

PRESENCIAL.

2.4 Duração do curso:

Em conformidade com a *Resolução nº 02 – CNE, de 20 de dezembro de 2019*, o Curso segue o seguinte regime de integralização:

Integralização em horas: 3.200 horas.

- Mínimo 4,5 anos;

- Máximo 7 anos.

2.5 Regime do curso:

SEMESTRAL.

2.6 Número de vagas oferecidas por ano:

50 vagas

2.7 Turno:

VESPERTINO/NOTURNO (noturno com até 20% da carga horária no vespertino).

2.8 Início de funcionamento do curso:

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS – NOTURNO: 2009.

2.9 Ato de autorização

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS – NOTURNO

- Resolução nº. 18/2008, de 25/11/2008.

2.10 Processo de ingresso

Para ingresso dos/as candidatos/as no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, a UFC adota a metodologia do Sistema de Seleção Unificada (SISU), com aproveitamento de nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ademais, é possível, também, o ingresso mediante a admissão de graduado, admissão por convênio, admissão de estudante especial, mudança de curso e transferência com base em editais da Pró-Reitoria de Graduação.

2.11 Princípios norteadores

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais segue uma perspectiva filosófica e política que visa à formação de educadores/as capazes de compreender e atuar na construção de práticas educacionais qualificadas, nos âmbitos de Ensino, Pesquisa e Gestão, que prezem pelos direitos humanos e a construção de uma sociedade emancipatória. Para a formação do/a licenciado/a em Ciências Sociais observam-se os seguintes princípios:

- a) Formação teórico-metodológica sólida, em torno dos eixos constitutivos da identidade do Curso, fornecendo instrumentos para estabelecer relações com o ensino, a pesquisa e a prática social;
- b) Oferta de conteúdos que estimulem a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos/as estudantes e uma ampla formação humanística;
- c) Formação de uma visão interdisciplinar para a análise da realidade social e das condições socioculturais que a constituem;
- d) Desenvolvimento da dimensão ético-profissional;
- e) Docência entendida como prática que articula conhecimentos específicos das ciências sociais, pedagógicos, interdisciplinares e experienciais;
- f) Compreensão da escola como espaço primordial para a formação docente, considerando as dimensões da prática de ensino, da pesquisa e gestão;
- g) Profissionalização orientada pelas exigências das dinâmicas políticas, sociais e econômicas da sociedade;
- h) Geração de conhecimentos comprometidos com o respeito às diferenças sociais, à diversidade e à dignidade da pessoa humana;

- i) Formação de habilidades analíticas a respeito de problemas sociais geradores de injustiças, desigualdades e discriminações, proporcionando intervenções qualificadas nos processos de transformação social;
- j) Promoção da acessibilidade como valor e crítica ao capacitismo em suas múltiplas expressões;
- k) Ambiente acadêmico de produção de conhecimento de alto nível em que as pessoas de diferentes classes, etnias, raças, credos e gêneros possam desenvolver seus projetos de vida de maneira solidária e democrática;
- l) Trabalho educacional pautado pela superação da intolerância, do ódio e da violência contra os sujeitos percebidos como abjetos em virtude do seu gênero, orientação social, cor, raça, etnia ou posição social.

2.12 Objetivos do Curso

Geral

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFC objetiva formar docentes-pesquisadores/as com excelente qualificação teórica, prática, metodológica, didática e pedagógica, comprometidos/as com a docência ética, crítica, criativa e aberta ao permanente aperfeiçoamento da práxis educacional, voltada ao aprimoramento do exercício da cidadania.

B – Específicos:

- a) Proporcionar o acesso a um conhecimento complexo que permita desenvolver olhar estranhado, desnaturalizado, compreensivo, crítico e analítico de realidades sociais distintas, marcadas por contradições e desigualdades estruturais, em dimensões econômicas, culturais e políticas heterogêneas;
- b) Proporcionar formação de excelência nas áreas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política para atender as competências e habilidades constitutivas do perfil de egressos/as, em conformidade com a estrutura curricular ofertada;
- c) Oferecer formação ampla nas dimensões de pesquisa, ensino e extensão, considerando os conhecimentos clássicos e contemporâneos que constituem as áreas de conhecimento das Ciências Sociais;

- d) Formar docentes capazes de construir alternativas educacionais concernentes aos desafios encontrados na atuação no magistério;
- e) Garantir aos licenciandos/as conhecimentos sobre as inovações tecnológicas e linguagens digitais refletindo sobre seus impactos na prática docente;
- f) Habilitar os/as profissionais às tarefas de gestão educacional, especialmente, no que se refere à atividade docente na escola.
- g) Formar profissionais em atenção às condições geradas pelas áreas científicas, sociais e profissionais que demandam atuação de sociólogos, antropólogos e cientistas políticos.
- h) Proporcionar o domínio de conteúdos e metodologias das Ciências Sociais referentes ao exercício do ensino na Educação Básica.

2.13 Perfil Profissional dos/as Egressos/as

Ao concluir a Licenciatura em Ciências Sociais na UFC, o/a egresso/a deve se caracterizar como um/a profissional:

- a) Capaz de manejar conteúdos, teorias, conceitos e metodologias das ciências sociais, de modo a utilizá-los para ampliar a visão e a atuação profissional;
- b) Possuidor/a de habilidades didático-pedagógicas e domínio dos conteúdos básicos para o ensino de Sociologia, em suas múltiplas inserções na Educação Básica.
- c) Ético/a e comprometido/a com o enfrentamento das diversas formas de discriminação e desigualdade, com vistas à construção de uma sociedade justa, cidadã, plural e igualitária;
- d) Consciente da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, geracional, de gêneros, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras;
- e) Reflexivo/a e crítico/a na análise dos fenômenos sociais;
- f) Atento/a às relações de alteridade e de poder presentes nas culturas, instituições e sociabilidades de diferentes grupos;
- g) Criativo/a no desenvolvimento de ações pedagógicas e atividades docentes;

- h) Sensível à realidade social dos/as estudantes e às especificidades do contexto escolar;
- i) Competente para a investigação de processos educacionais, a escola e seu entorno;
- j) Fluente e competente no ensino dos conteúdos básicos que são objetos de conhecimento da Sociologia, Antropologia e Ciência Política e das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Educação Básica;
- k) Capaz de atuar em outros níveis de ensino e espaços educacionais diversos.

Em sua formação, os/as licenciados/as em Ciências Sociais devem desenvolver as seguintes **competências e habilidades gerais**:

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES
1. Capacidade de articular conhecimentos teóricos e empíricos das Ciências Sociais para a elaboração de atividades de ensino, pesquisa e extensão em sua prática docente;	H 1.1 Dominar a epistemologias das Ciências Sociais, distinguindo as múltiplas formas de conhecer o mundo social; H1.2 Dominar teorias, conceitos e métodos das Ciências Sociais, compreendendo seu contexto e aperfeiçoando sua prática de ensino; H 1.3 Produzir interpretações e análises relativas aos fenômenos sociais, culturais e políticos e saber ensiná-las; H 1.4 Dominar os conteúdos sociológicos, antropológicos, políticos, pedagógicos e as abordagens teórico-metodológicas do seu ensino, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;
2. Identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a desnaturalização e problematização de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras, compreendendo a instituição educativa como organização complexa na função de	H.2.1 Conhecer o contexto educacional nacional e local, incluindo a diversidade das modalidades escolares das redes públicas e privadas; H.2.2 Conhecer as condições de trabalho dos/as professores/as na Educação Básica no Brasil e no Ceará; H2.3 Capacidade de pesquisar e refletir crítica e autonomamente sobre a

promover a educação para e na cidadania.	sociedade tornando-se capaz de propor diagnóstico e intervenção em processos sociais, culturais, políticos e educacionais.
3. Capacidade de pesquisar, refletir e intervir criticamente em seu campo de atuação profissional e em sua própria prática.	H3.1 Realizar pesquisas que proporcionem conhecimento sobre os/as estudantes e sua realidade sociocultural, sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos, sobre propostas curriculares e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas, entre outros; H 3.2 Conhecer métodos e técnicas de pesquisa para analisar e aplicar os resultados de investigações de interesse da área educacional e das ciências sociais; H 3.3 Utilizar instrumentos de pesquisa adequados para a construção de conhecimentos pedagógicos e científicos, objetivando a reflexão sobre a própria prática e a discussão e disseminação desses conhecimentos; H 3.4 Construir e aplicar instrumentos de pesquisa qualitativa e quantitativa;
4. Dispor de conhecimentos e recursos didático-pedagógicos gerais para exercício do Magistério e específicos para o ensino de Sociologia e Ciências Sociais na Educação Básica.	H 4.1 Dominar as habilidades didático-pedagógicas necessárias e os conteúdos básicos para atuação como docente na educação básica e superior na área do Ensino de Sociologia, Ciências Humanas, Ciências Sociais e afins. H 4.2 Articular princípios e saberes para educação na área de Ciências Sociais. H. 4.3 Mobilizar recursos didático-pedagógicos nos processos de ensino e aprendizagem. H 4.4 Elaboração de materiais didáticos situados e associados às pessoas e suas experiências de vida.

Em sua formação, os/as licenciados/as em Ciências Sociais devem desenvolver as seguintes **competências e habilidades específicas**:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	HABILIDADES ESPECÍFICAS
CE 1 Compreender os estabelecimentos escolares como instituições relacionadas às famílias e comunidades, sabendo agir de modo a integrá-las na ação educativa.	HE 1.1 - Compreender a proposição, monitoramento e avaliação de projetos sociais, programas e políticas públicas; e ser capaz de discuti-los em sala de aula com estudantes da educação básica; HE 1.2 - Compreender a configuração socioespacial dos ambientes educacionais e promover processos de ensino e aprendizagem contextualizados.
CE 2 Conhecer os documentos que orientam a Educação Básica, o Ensino Médio e os currículos para o Ensino de Sociologia, dominando as metodologias e os conteúdos básicos para o exercício do Magistério no Ensino da Sociologia e das Ciências Humanas e Sociais.	HE 2.1 - Estudar e compreender criticamente as Diretrizes Curriculares Nacionais, além de outras determinações legais, como componentes de formação fundamentais para o exercício do magistério; HE 2.2 - Conhecer as políticas curriculares vigentes e suas interferências no campo educacional, bem como as disputas entre os diversos agentes sociais; HE 2.3 - Elaborar, aplicar e avaliar materiais didáticos e paradidáticos; Elaborar textos para material didático.
CE 3 Compreender sociológica e pedagogicamente a condição docente e discente na realidade brasileira e cearense.	HE 3.1 Compreender sociologicamente a realidade dos/as estudantes, reconhecendo-os/as enquanto sujeitos e considerando suas experiências vividas como fundamentos importantes para a produção, socialização e transformação dos conhecimentos; HE 3.2 Compreender sociologicamente a realidade dos/as professores/as; HE 3.3 Compreender a juventude como categoria pensada e atuante nas dimensões política, social e cultural.
CE 4 Capacidade de planejar um currículo e elaborar planos de aula.	HE 4.1 Ministras aulas, distinguindo as diversas epistemes e formas de conhecimento; HE 4.2 Compreender sociologicamente os processos de ensino e aprendizagem; HE 4.3 Desenvolver e aplicar estratégias didáticas e de avaliação adequadas ao ensino de Ciências Sociais na Educação Básica.
CE 5 Capacidade de criar recursos extraordinários para o ensino, sequências didáticas, dinâmicas, materiais pedagógicos e pesquisas socioeducacionais.	HE 5.1 Mobilizar diversas fontes como cultural, pessoal, história de vida, conhecimentos universitários, saberes profissionais, manuais didáticos na construção das práticas de ensino;

	HE 5.2 Articular teorias, conceitos e temas sociológicos de forma a promover intervenções pedagógicas e materiais didáticos que promovam a imaginação sociológica.
CE 6 Reflexividade em relação à própria experiência e abertura para constante aperfeiçoamento.	HE 6.1 Disposição para aprendizagem como parte constante e cotidiana da prática profissional, reconhecendo a necessidade de formação continuada; HE 6.2 Praticar reflexão que possibilite identificar saberes oriundos da própria experiência, reconhecendo que a educação não é baseada em procedimentos padronizados; HE 6.3 Gerenciar desafios práticos entre o trabalho prescrito e o trabalho real.

Política de acompanhamento de egressos/as:

- a) Manutenção de cadastro atualizado dos/as egressos/as por meio de acompanhamento de atividades, formulários e banco de dados;
- b) Estabelecimento de canais de comunicação com egressos via e-mail, redes sociais e secretaria do Curso de Ciências Sociais;
- c) Pesquisas e levantamentos periódicos da situação de egressos por meio de grupos focais, entrevistas, formulários eletrônicos e reuniões de trabalho de modo a acompanhar condições de trabalho, postos ocupados, desafios profissionais e demandas de formação que subsidiem a revisão e adoção de práticas formativas específicas que aperfeiçoem a formação dos novos licenciandos/as;
- d) Promover atividades específicas dentro dos Laboratórios e Grupos de Pesquisa associados ao curso de Ciências Sociais que desenvolvam habilidades próprias da Licenciatura e seus campos de atuação;
- e) Articulação com os Laboratórios e Grupos de Pesquisa associados ao curso de Ciências Sociais para promoção de eventos que engajam os/as egressos/as e deem espaço para sua articulação;
- f) Engajamento dos/as egressos/as em atividades permanentes de pesquisa, ensino e extensão do curso de Ciências Sociais, em particular, no campo das discussões didático-pedagógicas da formação docente;

- g) Priorização dos/as egressos/as atuantes nas escolas públicas (ou privadas) como professores/as receptores/as dos estágios docentes curriculares do curso;
- h) Apoiar a criação de um grupo de ex-estudantes e amigos/as do curso de Ciências Sociais da UFC, com espaço digital no site do curso;
- i) Proporcionar a realização de encontros entre egressos/as.

2.14 Áreas de atuação do/a futuro/a profissional

O/a egresso/a da Licenciatura em Ciências Sociais pode atuar em:

- a) Instituições de ensino público e/ou privado voltado para a Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio), nas áreas de Sociologia, Antropologia, Ciência Política ou Ciências Sociais em geral;
- b) Docência, planejamento e gestão em instituições de ensino público e/ou privado voltadas para a Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio);
- c) Docência, planejamento e gestão em instituições de ensino de Sociologia, Ciências Sociais, temas de Cidadania e/ou Direitos Humanos em instituições públicas, privadas ou do terceiro setor que trabalham com público juvenil ou adulto;
- d) Instituições de ensino público e/ou privado voltado para a Educação Superior, nas áreas de Sociologia, Antropologia, Ciência Política ou Ciências Sociais em geral;
- e) Instâncias de proposição, implementação, gerenciamento e avaliação de políticas educacionais, programas e projetos relacionados à realidade social;
- f) Agências de desenvolvimento de pesquisas educacionais de caráter científico, no ambiente acadêmico, nas instituições e órgãos públicos ou privados;
- g) Equipes de produção, tratamento e análise quantitativa e qualitativa de indicadores sociais, econômicos, políticos e culturais, visando, também, a alimentação de banco de dados;
- h) Editoras e em órgãos públicos e privados que produzem e avaliam programas e materiais didáticos para o ensino presencial e à distância na área das ciências sociais;

- i) Empresas e serviços de pesquisa, assessoria e consultoria que exijam habilidade na área educacional e áreas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

3. ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura curricular da Licenciatura oferece ao estudante a possibilidade de trilhar um percurso formativo baseado em disciplinas *obrigatórias*, *optativas*, de formação *complementar* e formação em *extensão*. Ao se considerar os critérios de **flexibilidade**, foram observadas as orientações presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Licenciatura, Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019, do Conselho Nacional de Educação do MEC, e no Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação – IACG (MEC/INEP, 2017) . Tem-se, pois, um currículo que respeita as normalizações e oferece ao/à estudante possibilidades de criação de repertórios próprios dentro do seu percurso formativo. Assim, o PPC da Licenciatura em Ciências Sociais oferece ao/à discente a possibilidade de criar formas de atuação e participação, por meio de atividades de extensão e complementares que compõem 14% da sua integralização curricular. Ademais, é ofertada a possibilidade de cursar disciplinas optativas em diferentes áreas do conhecimento, além das disciplinas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política. O/a discente pode, também, aprofundar os estudos em uma área das Ciências Sociais de acordo com seu interesse. O estudante ainda tem 5% da sua formação dedicados ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), podendo gerar produtos decorrentes de diferentes atividades de pesquisa, ensino e extensão.

A estrutura curricular propõe, também, um percurso formativo **interdisciplinar**. Em primeiro lugar, o Projeto se mantém fiel às Diretrizes Curriculares, ao ofertar um curso que privilegia a interlocução entre as três grandes áreas já referidas, isto é, Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Essa característica fundamental permite que o/a egresso das Ciências Sociais tenha um olhar especial sobre “recortes da realidade” das sociedades contemporâneas. No seu percurso formativo, além das três áreas principais das Ciências Sociais, os estudantes têm a oportunidade de dialogar com as Letras, a Pedagogia, a Psicologia, a Geografia, a Economia, a História, a Estatística e a

Filosofia, entre outras da sua escolha. Tal interlocução ocorre ao longo da formação, estando as disciplinas dos referidos cursos distribuídas do 1º ao 7º semestre. A estruturação desses componentes observa a Resolução nº 2 de 20 de dezembro de 2019 do MEC que, entre outros aspectos, estabelece o mínimo de 3.200 horas/aula para formação dos/as licenciados/as.

A proposta busca, também, articular os aspectos correspondentes a **acessibilidade** em sentido abrangente. Em relação às dimensões atitudinais, a coordenação do curso de Ciências Sociais da UFC trabalha visando a criação de um ambiente integrativo entre corpo docente e discente, valorizando o respeito às diferenças e a promoção de uma educação inclusiva. Assim, comportamentos que não se coadunam com a perspectiva política do Curso são trabalhados em ações de mediação e diálogo com instâncias como a Ouvidoria da instituição. Os/as discentes são, desde o início do Curso, informados/as dos princípios que estruturam a comunidade acadêmica da UFC e das instâncias responsáveis para seu atendimento e auxílio. Existe também, por parte da coordenação e do corpo docente, preocupação em garantir aos/às estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica acesso a programas de assistência estudantil para sua manutenção durante o Curso.

A **compatibilidade da carga horária total** buscou respeitar características socioeconômicas de discentes que, em linhas gerais, dispõem de apenas 4 a 6 horas diárias para realização de seus estudos. Todas as disciplinas da Licenciatura têm carga horária de 64 horas, correspondendo a 4 créditos, o que possibilita a oferta de 5 disciplinas no período de um turno. Assim, cada disciplina tem duração de 16 semanas e pode ser cursada no turno escolhido pelo/a estudante. A ideia é que o/a discente possa cursar, pelo menos, 5 disciplinas mesmo que ele/ela só possa estar presente na Universidade em um dos turnos. Isto significa que ele/ela concluirá todas as disciplinas em 4 anos. A carga horária das atividades complementares e atividades de extensão (448 horas), exigida para conclusão do curso, pode ser cumprida em concomitância com as disciplinas presenciais de sala de aula.

A definição dos componentes curriculares deste Projeto se pauta na ideia de que **teoria e prática** são dimensões intimamente relacionadas, na produção do conhecimento. É preocupação do curso de Ciências Sociais ensinar aos/às seus/as estudantes que a teoria é resultado de um trabalho sistemático

de pesquisa e sua função é gerar novas práticas que abram o caminho para a sistematização de novos conhecimentos. Na estrutura curricular, são oferecidas disciplinas teóricas e práticas que buscam demonstrar essa relação e promover o ensino. Nos dois primeiros anos do Curso, as disciplinas de Sociologia I a IV, Antropologia I a IV e Ciência Política I a IV tratam dos fundamentos históricos, modelos epistemológicos e propostas teórico-conceituais de cada uma das ciências sociais e têm também a função de demonstrar como as práticas de pesquisa e as teorias criaram tais conhecimentos que possibilitam a compreensão, a crítica, a análise, a explicação e a intervenção do cientista no mundo social. Nas disciplinas Sociologia da Educação, Antropologia e Educação e Estado e Educação, assim como nos Estágios I, II e III, consolida-se o processo pelo qual os conhecimentos de teorias e práticas são trabalhados em suas dimensões pedagógicas para se promover a difusão de saberes importantes para jovens em formação.

O projeto visa a formação para **inovações** na produção do conhecimento e dos processos educacionais gerados por egressos/as do curso de Ciências Sociais. Por isso, incentiva-se, nas atividades de extensão e atividades complementares, a elaboração de processos e produtos que tenham impacto social como a promoção de cursos, elaboração de cartilhas e conteúdos para *internet*, entre outros, que possam repercutir o conhecimento adquirido nas áreas de atuação dos estudantes. Tenciona-se ainda que os/as estudantes – devidamente acompanhados e orientados/as por professores/as do curso de Ciências Sociais – transformem seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em produtos que mostrem potencial inovador e possam ser disponibilizados para a comunidade em geral, na forma de monografias, artigos, documentários, material didático, entre outros. A criação de novas tecnologias sociais de ensino está no horizonte do PPC de Ciências Sociais. Assim, para esse propósito, é fundamental o envolvimento dos/as docentes nas atividades de extensão e complementares, bem como em outros processos interativos, visando a elaboração dos TCCs e, também, a articulação com os programas de pós-graduação em Sociologia, Antropologia e ProfSocio.

3.1 Conteúdos curriculares

Os conteúdos curriculares foram pensados no intuito de promover uma formação completa em teorias e práticas que possibilitem o alcance dos objetivos do Curso. Assim, se pretende formar um/a profissional com domínio de conhecimentos básicos – teóricos e práticos – que possam atender eventuais demandas específicas das áreas de conhecimento das Ciências Sociais. Foram observadas para elaboração do PPC de Licenciatura em Ciências Sociais as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Ciências Sociais retratadas no Parecer CNE/CES nº 492/2001, aprovado em 3 de abril de 2001, Parecer CNE/CES nº 1.363/2001, aprovado em 12 de dezembro de 2001, Resolução CNE/CES nº 17, de 13 de março de 2002 e Parecer CNE/CES nº 224/2004, aprovado em 4 de agosto de 2004. São observadas ainda as orientações da Resolução nº 2 CNE/MEC, aprovada em 20 de dezembro de 2019.

Os conteúdos curriculares estão estruturados em linhas que privilegiam, no primeiro momento, a **formação teórico-metodológico**, a partir dos conteúdos clássicos e contemporâneos consagrados nas áreas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Priorizam-se abordagens que possibilitem a formação de profissionais capazes de desenvolver pesquisa, práticas de ensino e ações de intervenção social e atenção às demandas sociais que exigem atuação dos/as cientistas sociais. Estes conteúdos são trabalhados nos seguintes componentes curriculares desenvolvidos no âmbito da Licenciatura:

- a) Sociologia I, II, III e IV;
- b) Antropologia I, II, III e IV;
- c) Ciência Política I, II, III e IV.

Além de uma formação nas áreas específicas das Ciências Sociais, no intuito de oferecer uma ampla **formação humanística e interdisciplinar**, oferta-se aos/às estudantes a possibilidade de conteúdos teórico-metodológicos nas áreas de Letras, Pedagogia, Psicologia, História, Geografia, Economia e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Garante-se a interdisciplinaridade através dos seguintes componentes curriculares:

- a) Introdução à Filosofia;
- b) Compreensão e Produção de Texto;
- c) Economia e Sociedade;
- d) Fundamentos de Estatística;

- e) História Contemporânea I;
- f) Sociedade e Meio Ambiente;
- g) Didática I;
- h) Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS;
- i) Estudos Socio-históricos e Culturais da Educação;
- j) Estrutura, Política e Gestão Educacional;
- k) Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Adolescência.

No intuito de contribuir para a **autonomia intelectual** e **capacidade analítica** como o conhecimento dos *modus operandi* do fazer pesquisa nas Ciências Sociais, é assegurado ao/à estudante o acesso a conhecimentos de **práticas de pesquisa** trabalhados nas disciplinas de Metodologia das Ciências Sociais I e Fundamentos de Estatística. Tais conhecimentos são articulados às **práticas de ensino** e promovem conexões ainda com **ações de extensão**. Ao se buscar essa articulação nas três áreas de conhecimento integrantes das Ciências Sociais, são ofertadas as seguintes disciplinas: a) Sociologia da Educação; b) Antropologia e Educação; e c) Estado e Educação. A afinação entre as dimensões, também, está presente nas **400 horas de prática como componente curricular** (Item 3.4), com o objetivo de possibilitar uma estrutura na qual o/a estudante possa mobilizar os conteúdos para diversos fins, em conformidade com seus interesses formativos e demandas sociais.

Ainda em atenção à Resolução nº 2 CNE/MEC de 2019, são dedicadas **800 horas a dimensões pedagógicas**. Os componentes curriculares que integram essa dimensão do currículo estão integralizados em disciplinas *obrigatórias, disciplinas Optativas em Componentes Específicos*, bem como no *Trabalho de Conclusão de Curso*, conforme discriminado a seguir:

- a) Sociologia da Educação: 64 horas;
- b) Antropologia e Educação: 64 horas;
- c) Estado e Educação: 64 horas;
- d) Didática I: 64 horas;
- e) Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: 64 horas;
- f) Estrutura, Política e Gestão Educacional: 64 horas;
- g) Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Adolescência: 64 horas;
- h) Estudos Socio-históricos e Culturais da Educação: 64 horas;

- i) Duas disciplinas do Grupo de Optativas em Componentes Específicos: 128 horas;
- j) Trabalho de Conclusão de Curso: 160 horas;

Ao longo do curso, se busca trabalhar com questões sociais relevantes para pensar o mundo social contemporâneo e as vivências no espaço escolar, envolvendo as temáticas pertinentes às políticas de educação ambiental, de educação em direitos humanos e de educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Além de serem conteúdos trabalhados em disciplinas obrigatórias, são ofertadas ao longo do processo formativo um **Grupo de Optativas em Componentes Específicos**, permeando essas temáticas e oferecendo leituras direcionadas. Assim, para conclusão de seus estudos, os/as discentes devem cursar, pelo menos duas, dentre as seguintes disciplinas optativas:

- a) Pluralidades Metodológica da Pesquisa nas Ciências Sociais
- b) Projetos Sociais e Políticas Públicas
- c) Estado, Ética e Direitos Humanos
- d) Juventudes nas Sociedades Contemporâneas
- e) Marcadores Sociais da Diferença
- f) Saberes e Culturas Afro-brasileiras

Por fim, é importante destacar que o Curso de Licenciatura visa, por meio da incorporação de **320 horas de atividades de extensão**, promover o contato de estudantes com problemas sociais do estado do Ceará e da cidade de Fortaleza, criando situações pedagógicas relevantes para sua formação. Objetiva-se incentivar a criação de um ambiente favorável à geração de tecnologias sociais em uma perspectiva humanística e democrática, que possam ser replicadas em um processo de envolvimento e ampliação do escopo do Curso para além das fronteiras que separam a Universidade do mundo ao seu redor. Para concluir seu curso, o/a estudante ainda contará com a possibilidade de encontrar a linguagem mais adequada às características de seu percurso formativo, podendo optar entre um trabalho monográfico, artigo, memorial, documentário etnográfico ou projeto de intervenção social, entre outros. A ideia é que ao oferecer múltiplas possibilidades de conclusão de curso, se possa contribuir para a definição de melhores estratégias pedagógicas de

desenvolvimento das habilidades dos/as concludentes e para a geração de um ambiente criativo de inovações no campo das Ciências Sociais.

É fundamental também o papel do **estágio curricular supervisionado** como meio de instituir experimentações que possibilitem a elaboração dos trabalhos de conclusão de curso. Assim, estimula-se ainda o corpo docente a se qualificar no processo de acompanhamento e incentivo a inovações referentes às possibilidades de cada uma das estratégias criadas para os respectivos trabalhos.

3.2 Unidades e Componentes Curriculares

As Ciências Sociais são compostas por três áreas de conhecimento: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Elas formam um conjunto que integra o corpo teórico-metodológico básico, e cada uma dessas áreas compõem uma unidade curricular que concentra as disciplinas de teoria e prática de pesquisa. A mesma estratégia se aplica à unidade curricular de Metodologia e Pesquisa que, em sua estruturação, prima por congregar o módulo de Oficina de Produção do Trabalho Científico, as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais I e Fundamentos de Estatística, além da atividade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A unidade curricular de Teoria e Prática de Ensino reúne a formação no âmbito das dimensões pedagógicas necessárias à profissionalização dos/as licenciandos/as, ela congrega disciplinas teórico-práticas e as atividades de estágio.

Compõe ainda o curso de Ciências Sociais a Unidade Curricular Especial de Extensão e Atividades Complementares. As atividades de extensão são reguladas pela Resolução nº 28/CEPE/2017, e as atividades complementares pela Resolução nº 07/CEPE, de 17 de junho de 2005. A gestão dessa unidade será feita pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais e por uma Comissão de 4 docentes do Colegiado nomeada para acompanhar a Unidade Curricular Especial de Extensão.

Em suma, o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais é composto por **6 (seis) Unidades Curriculares** que congregam em sua estruturação os seguintes componentes curriculares:

UNIDADE CURRICULAR: SOCIOLOGIA			
COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA
SOCIOLOGIA I	Sociology I	D. Obr. ⁴	DCS ⁵
SOCIOLOGIA II	Sociology II	D. Obr.	DCS
SOCIOLOGIA III	Sociology III	D. Obr.	DCS
SOCIOLOGIA IV	Sociology IV	D. Obr.	DCS
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	Sociology of Education	D. Obr.	DCS
SOCIOLOGIA URBANA	Urban Sociology	D. Opt.	DCS
CULTURA BRASILEIRA E IDENTIDADE NACIONAL	Brazilian Culture and National Identity	D. Opt.	DCS
NARRATIVAS, GRAFIAS E TRAJETÓRIAS	Narratives, Writings and Trajectory	D. Opt.	DCS
COMUNICAÇÃO MÍDIÁTICA E OPINIÃO PÚBLICA	Media Communication and Public Opinion	D. Opt.	DCS
SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES	Sociology of Emotions	D. Opt.	DCS
SOCIOLOGIA DO CORPO E DA SEXUALIDADE	Sociology of Body and Sexuality	D. Opt.	DCS
ESTUDOS DE GÊNERO	Gender Studies	D. Opt.	DCS
SOCIOLOGIA DO CEARÁ	Sociology of the Ceará State	D. Opt.	DCS
ELEIÇÕES E MÍDIA	Elections and Media	D. Opt.	DCS
JUVENTUDE E ESCOLA	School and Youth	D. Opt.	DCS
SOCIOLOGIA E LITERATURA	Literature and Sociology	D. Opt.	DCS
SUBJETIVIDADE E SOCIEDADE	Society and Subjectivity	D. Opt.	DCS

⁴ Disciplina Obrigatória (D. Obr.); Disciplina Optativa (D. Opt.); Disciplina Grupo Optativas em Componentes Específico (D. Opt. C. E.); Atividade Obrigatória (Ativ. Obr.)

⁵ Departamento de Ciências Sociais

CRIME, VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS	Crime, Violence and Social Conflict	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM SOCIOLOGIA I	Special Topics on Sociology I	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM SOCIOLOGIA II	Special Topics on Sociology II	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM SOCIOLOGIA III	Special Topics on Sociology III	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM SOCIOLOGIA IV	Special Topics on Sociology IV	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM SOCIOLOGIA V	Special Topics on Sociology V	D. Opt.	DCS
UNIDADE CURRICULAR: ANTROPOLOGIA			
COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA
ANTROPOLOGIA I	Anthropology I	D. Obr.	DCS
ANTROPOLOGIA II	Anthropology II	D. Obr.	DCS
ANTROPOLOGIA III	Anthropology III	D. Obr.	DCS
ANTROPOLOGIA IV	Anthropology IV	D. Obr.	DCS
ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO	Anthropology and Education	D. Obr.	DCS
ANTROPOLOGIA DA ECONOMIA	Economic Anthropology	D. Opt.	DCS
SOCIEDADES CAMPONESAS	Peasant Societies	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA E FAMÍLIA	Family and Anthropology	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA E MÍDIAS	Media and Anthropology	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA	Political Anthropology	D. Opt.	DCS
ETNOLOGIA	Etnology	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO	Religious Anthropology	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA CULTURAL	Cultural Anthropology	D. Opt.	DCS

ANTROPOLOGIA DA SAÚDE	Anthropology of Health	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA E LITERATURA	Literature and Anthropology	D. Opt.	DCS
CULTURA BRASILEIRA	Brazilian Culture	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA DO BRASIL INDÍGENA	Anthropology of Indigenous Brazil	D. Opt.	DCS
ESTUDOS INDÍGENAS NO CEARÁ	Indigenous Studies in Ceará	D. Opt.	DCS
MITO, RITO E COSMOLOGIAS	Myth, Rites and Cosmologies	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA BRASILEIRA	Brazilian Anthropology	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA DO CRIME	Anthropology of Crime	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA DA ARTE	Anthropology of Arts	D. Opt.	DCS
ETNOGRAFIA ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	Ethnography: Theoretical and Methodological Approaches	D. Opt.	DCS
ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA	Anthropology of Science and Technology	D. Opt.	DCS
LEITURAS ETNOGRÁFICAS	Ethnographic Readings	D. Opt.	DCS
MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA	Methods and Techniques for Anthropological Research	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM ANTROPOLOGIA I	Special Topics on Anthropology I	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM ANTROPOLOGIA II	Special Topics on Anthropology II	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM ANTROPOLOGIA III	Special Topics on Anthropology III	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM ANTROPOLOGIA IV	Special Topics on Anthropology IV	D. Opt.	DCS

TÓPICO ESPECIAL EM ANTROPOLOGIA V	Special Topics on Anthropology V	D. Opt.	DCS
UNIDADE CURRICULAR: CIÊNCIA POLÍTICA			
COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA
CIÊNCIA POLÍTICA I	Political Science I	D. Obr.	DCS
CIÊNCIA POLÍTICA II	Political Science II	D. Obr.	DCS
CIÊNCIA POLÍTICA III	Political Science III	D. Obr.	DCS
CIÊNCIA POLÍTICA IV	Political Science IV	D. Obr.	DCS
ESTADO E EDUCAÇÃO	State and Education	D. Obr.	DCS
ANÁLISE DE POLÍTICAS PÚBLICAS	Public Policy Analysis	D. Opt.	DCS
CAPITAL SOCIAL E DEMOCRACIA	Social Capital and Democracy	D. Opt.	DCS
CULTURA E COMPORTAMENTO POLÍTICO	Culture and Political Behavior	D. Opt.	DCS
ESTADO E CLASSES SOCIAIS NO BRASIL	State and Social Classes in Brazil	D. Opt.	DCS
ESTADO E MOVIMENTOS SOCIAIS	State and Social Movements	D. Opt.	DCS
INSTITUIÇÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS	Brazilian Political Institutions	D. Opt.	DCS
PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL	Political Parties in Brazil	D. Opt.	DCS
PENSAMENTO POLÍTICO MARXISTA	Marxist Political Theory	D. Opt.	DCS
PENSAMENTO POLÍTICO PÓS-COLONIAL	Post-Colonial Political Theory	D. Opt.	DCS

PENSAMENTO AUTORITÁRIO BRASILEIRO	Authoritarian Political Thought in Brazil	D. Opt.	DCS
SOCIOLOGIA POLÍTICA MACRO-HISTÓRICA	Macrohistorical Political Sociology	D. Opt.	DCS
TEORIA DO ESTADO	Theory of the State	D. Opt.	DCS
TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	International Relations Theory	D. Opt.	DCS
TEORIAS DA DEMOCRACIA	Democratic Theory	D. Opt.	DCS
TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS NA AMÉRICA LATINA	Political and Economic Transformation in Latin America	D. Opt.	DCS
ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS	State and Public Policy	D. Opt.	DCS
PENSAMENTO LIBERAL E CONSERVADOR	Liberal and Conservative Political Theory	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM CIÊNCIA POLÍTICA I	Special Topics on Political Science I	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM CIÊNCIA POLÍTICA II	Special Topics on Political Science II	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM CIÊNCIA POLÍTICA III	Special Topics on Political Science III	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM CIÊNCIA POLÍTICA IV	Special Topics on Political Science IV	D. Opt.	DCS
TÓPICO ESPECIAL EM CIÊNCIA POLÍTICA V	Special Topics on Political Science V	D. Opt.	DCS
UNIDADE CURRICULAR: METODOLOGIA E PESQUISA			
COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA

OFICINA DE PRODUÇÃO DO TRABALHO CIENTÍFICO	Scientific Paper Production Workshop	Módulo Obr.	DCS
METODOLOGIA DA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS I	Social Sciences Research Methodology I	D. Obr.	DCS
FUNDAMENTOS DE ESTATÍSTICA	Fundamentals of Statistics	D. Obr.	Departamento de Estatística e Matemática Aplicada
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	Course Conclusion Paper	Ativ. Obr.	DCS
METODOLOGIA DA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS II	Social Sciences Research Methodology II	D. Opt.	DCS
PROJETO E PRÁTICA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	Research Project and Workshop in Social Sciences	D. Opt.	DCS
MANIPULAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	Data Analysis and Manipulation	D. Opt.	DCS

UNIDADE CURRICULAR: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO

COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA I	Teaching Internship I	Ativ. Obr.	DCS
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA II	Teaching Internship II	Ativ. Obr.	DCS
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA III	Teaching Internship III	Ativ. Obr.	DCS
OFICINA DE ENSINO	Teaching Workshop	D. Opt.	DCS

**UNIDADE CURRICULAR ESPECIAL DE EXTENSÃO
E ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Ativ. Obr.	CCS ⁶
ATIVIDADES DE EXTENSÃO	Ativ. Obr.	CCS

COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA
-----------------------	-----------------------------------	--------------------	---

⁶ Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO	TEXT COMPREHENSION AND PRODUCTION	D. Obr.	Departamento de Letras Vernáculas
ECONOMIA E SOCIEDADE	ECONOMICS AND SOCIETY	D. Obr.	Departamento de Teoria Econômica
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA	INTRODUCTION TO PHILOSOPHY	D. Obr.	Curso de Filosofia
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I	CONTEMPORARY HISTORY I	D. Obr.	Departamento de História
SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE	ENVIRONMENT AND SOCIETY	D. Obr.	Departamento de Geografia
DIDÁTICA I	DIDACTICS I	D. Obr.	Departamento de Teoria e Prática de Ensino
PSICOLOGIA DO DES. E APRENDIZAGEM NA ADOLESC.	ADOLESCENT DEVELOPMENT AND LEARNING PSYCHOLOGY	D. Obr.	Departamento de Fundamentos da Educação
ESTRUTURA, POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL	EDUCATIONAL STRUCTURE, POLICY AND MANAGEMENT	D. Obr.	Departamento de Fundamentos da Educação
EST. SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAIS DA EDUCAÇÃO	SOCIO-HISTORICAL AND CULTURAL STUDIES OF EDUCATION	D. Obr.	Departamento de Fundamentos da Educação
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS	BRAZILIAN SIGN LANGUAGE - LIBRAS	D. Obr.	Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos
OPTATIVAS EM COMPONENTES ESPECÍFICOS			
COMPONENTE CURRICULAR	COMPONENTE CURRICULAR (em inglês)	TIPO DE COMPONENTE	UNIDADE ACADÊMICA RESPONSÁVEL PELA OFERTA
PLURALIDADE METODOLÓGICA DA PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	Methodological Plurality in Social Sciences Research	D. Opt. C. E. ⁷	DCS
PROJETOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS	Social Projects and Public Policy	D. Opt. C. E.	DCS
ESTADO, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS	State, Ethics and Human Rights	D. Opt. C. E.	DCS
JUVENTUDES NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS	Youth in Contemporary Society	D. Opt. C. E.	DCS
MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA	Social Markers of Difference	D. Opt. C. E.	DCS

⁷ Disciplina Optativa em Componentes Específicos (D. Opt. C. E.)

SABERES E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS	Afro-Brazilian Knowledges and Cultures	D. Opt. C. E.	DCS
--	--	---------------	-----

Cada unidade curricular integra um conjunto de disciplinas obrigatórias pensadas de acordo com a especificidade de formação teórico-metodológica das áreas de Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Teoria e Prática de Ensino, assim como as necessidades de formação humanística interdisciplinar e as necessidades correspondentes às dimensões pedagógicas que compõem as orientações curriculares nacionais para cursos de Licenciatura.

As unidades curriculares também privilegiam um conjunto de disciplinas optativas. Como é possível observar no quadro acima, são definidas as disciplinas optativas das unidades curriculares de Sociologia, Antropologia e Ciência Política e Teoria e Prática de Ensino. Os/as estudantes de Ciências Sociais devem cursar 448 horas de disciplinas optativas. Recomenda-se que 192 horas sejam cumpridas por disciplinas dos componentes curriculares de Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Teoria e Prática de Ensino. O/A estudante também deverá cursar 128 horas, à sua escolha, das seis disciplinas pertencentes ao Grupo de Optativas em Componentes Específicos oferecidas pelo Curso, no intuito de aprofundar problemáticas, metodologias e temas de interesses social que compõem a agenda de pesquisa, educação e intervenção social das Ciências Sociais, no Brasil. As demais 128 horas podem ser cumpridas em disciplinas oferecidas por outros cursos da Universidade Federal do Ceará.

3.3 Integralização Curricular

INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR											
SEM.	COMP. CURR.	C.H. TEÓRICA	C.H. PRÁTICA	C.H. EAD	C.H. EXTENSÃO	C.H. TOTAL	CH. PCC	CARÁTER DOS COMP.	PRÉ-REQUISITO	CORREQ.	EQUIVALÊNCIA
1º	Sociologia I	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	Sociologia I - HD0231
1º	Antropologia I	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	Antropologia I - HD0229
1º	Ciência Política I	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	Ciência Política I - HD0230
1º	Compreensão e Produção do Texto - HB0757	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
1º	Introdução à Filosofia - ICA1660	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	Teoria do Conhecimento - HD0243
2º	Sociologia II	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Sociologia I		Sociologia II - HD0234
2º	Antropologia II	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Antropologia I	-	Antropologia II - HD0232
2º	Ciência Política II	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Ciência Política I	-	Ciência Política II - HD0233
2º	Economia e Sociedade - EE0133	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	-
2º	Didática I - PC0208	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
2º	Oficina de Produção do Trabalho Científico	16	0	0	0	16	16	Obrigatório	-	-	-
3º	Sociologia III	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Sociologia II		Sociologia III - HD0238
3º	Antropologia III	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Antropologia II	-	Antropologia III - HD0236
3º	Ciência Política III	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Ciência Política II	-	Ciência Política III - HD0237
3º	Fundamentos de Estatística - CC0218	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	Estatística Aplicada às Ciências Sociais - CC0240

3º	Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais I	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais - HD0235
4º	Sociologia IV	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Sociologia III	-	Pensamento Social Brasileiro - HD0219
4º	Antropologia IV	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Antropologia III	-	Antropologia Brasileira -HD0240
4º	Ciência Política IV	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	Ciência Política III	-	Pensamento Político Brasileiro - HD0241
4º	História Contemporânea I - HI0137	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	-
4º	Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - HLL0077	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
5º	Sociologia da Educação	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	Sociologia da Educação - HD0286
5º	Antropologia e Educação	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
5º	Estado e Educação	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
5º	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem na adolescência - PB0090	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
6º	Estágio de Docência I	0	128	0	0	128	0	Obrigatório	-	-	Prática do Trabalho Docente I - HD0296
6º	Sociedade e Meio Ambiente - CJO145	64	0	0	0	64	0	Obrigatório	-	-	Sociedade e Meio Ambiente - HD0245
6º	Estrutura, política e gestão educacional - PB0092	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-
7º	Estágio de Docência II	0	128	0	0	128	0	Obrigatório	Estágio de Docência I	-	Prática do Trabalho Docente II - HD0298
7º	Estudos socio-históricos e culturais da educação - PB0091	64	0	0	0	64	32	Obrigatório	-	-	-

8º	Estágio de Docência III	0	144	0	0	144	0	Obrigatório	Estágio de Docência II	-	Prática do Trabalho Docente III - HD0299
9º	Trabalho de Conclusão de Curso	0	160	0	0	160	0	Obrigatório	Estágio de Docência III	-	Prática do Trabalho Docente IV - HD0300
9º	Atividades Complementares	0	128	0	0	128	0	Obrigatório	-	-	-
1º - 9º	Unidade Curricular Especial de Extensão	0	0	0	320	320	0	Obrigatório	-	-	-
5º - 9º	Pluralidade Metodológica da Pesquisa nas Ciências Sociais	64	0	0	0	64	32	Optativo C. E.	-	-	-
5º - 9º	Projetos Sociais e Políticas Públicas	64	0	0	0	64	32	Optativo C. E.	-	-	-
5º - 9º	Estado, Ética e Direitos Humanos	64	0	0	0	64	32	Optativo C. E.	-	-	-
5º - 9º	Juventudes nas Sociedades Contemporâneas	64	0	0	0	64	32	Optativo C. E.	-	-	-
5º - 9º	Marcadores Sociais da Diferença	64	0	0	0	64	32	Optativo C. E.	-	-	-
5º - 9º	Saberes e Culturas Afro-brasileiras	64	0	0	0	64	32	Optativo C. E.	-	-	-
5º - 9º	Antropologia da Economia	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociedades Camponesas	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia e Família	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia e Mídias	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia da Política	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Etnologia	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia da Religião - HD0251	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia Cultural - HD0982	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia da Saúde - HD0259	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia e Literatura	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-

5º - 9º	Cultura Brasileira - HD0789	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia do Brasil Indígena - HD0254	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Estudos Indígenas no Ceará - HD0261	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Mito, Rito e Cosmologia	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia Brasileira	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	Antropologia Brasileira - HD0240
5º - 9º	Antropologia do Crime	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia da Arte	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Etnografia Abordagens Teóricas e Metodológicas	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Antropologia da Ciência e Tecnologia	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Leituras Etnográficas	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Antropologia I - HD0997	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Antropologia II- HD0998	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Antropologia III - HD0104	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Antropologia IV - HD0105	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Antropologia V - HD0106	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociologia Urbana - HD0775	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Cultura Brasileira e Identidade Nacional	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Narrativas, Grafias e Trajetórias	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-

5º - 9º	Comunicação Midiática e Opinião Pública	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociologia das Emoções	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociologia do Corpo e da Sexualidade - HD0291	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Estudos de Gênero	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociologia do Ceará	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Eleições e Mídia	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Juventude e Escola	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociologia e Literatura	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Subjetividade e Sociedade - HD0289	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Crime, Violência e Conflitos Sociais	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Sociologia I - HD0995	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Sociologia II - HD0996	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Sociologia III - HD0126	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Sociologia IV - HD0127	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Sociologia V - HD0114	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Análise de Políticas Públicas	48	16	0	0	64	0	Optativo	-	-	Análise de Políticas Governamental - HD0263
5º - 9º	Capital Social e Democracia	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	Capital Social e Políticas Públicas - HD0269
5º - 9º	Cultura e Comportamento Político	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Estado e Classes Sociais no Brasil - HD0273	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Estado e Movimentos Sociais - HD0271	64	0	0	0	64	0	Optativo	-	-	-

5º - 9º	Instituições Políticas Brasileiras	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Partidos Políticos no Brasil - HDo275	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Pensamento Político Marxista - HDo267	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Pensamento Político Pós-colonial	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Pensamento Autoritário Brasileiro	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Sociologia Política Macrohistórica	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Teoria do Estado - HDo262	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Teoria das Relações Internacionais - HDo270	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Teorias da Democracia - HDo266	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Transformações Políticas e Econômicas na América Latina - HDo272	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Estado e Políticas Públicas - HDo264	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Pensamento Liberal e Conservador	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	Pensamento Político Liberal - HDo268
5º - 9º	Tópico Especial em Ciência Política I - HDo999	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Ciência Política II - HDo100	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-

5º - 9º	Tópico Especial em Ciência Política III - HD0107	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Ciência Política IV - HD0108	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Tópico Especial em Ciência Política V - HD0109	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Oficina de ensino	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	Oficina de Ensino - HD0301
5º - 9º	Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais II	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Projeto e Prática de Pesquisa em Ciências Sociais	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-
5º - 9º	Manipulação e Análise de Dados	64	o	o	o	64	o	Optativo	-	-	-

3.3.1 Percurso regular de integralização

1º Semestre 320 horas	2º Semestre 336 horas	3º Semestre 320 horas	4º Semestre 320 horas	5º Semestre 320 horas	6º Semestre 320 horas	7º Semestre 320 horas	8º Semestre 272 horas	9º Semestre 224 horas
Sociologia I (64h/4 créditos)	Sociologia II (64h/4 créditos)	Sociologia III (64h/4 créditos)	Sociologia IV (64h/4 créditos)	Sociologia da Educação (64h/4 créditos)	Estágio de docência I (128h/8 créditos)	Estágio de docência II (128h/8 créditos)	Estágio de docência III (144h/9 créditos)	Trabalho de conclusão de curso (160h/10 créditos)
Antropologia I (64h/4 créditos)	Antropologia II (64h/4 créditos)	Antropologia III (64h/4 créditos)	Antropologia IV (64h/4 créditos)	Antropologia e Educação (64h/4 créditos)	Estrutura, política e gestão educacional (64h/4 créditos)	Estudos socio-históricos e culturais da educação (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa* (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa* (64h/4 créditos)
Ciência Política I (64h/4 créditos)	Ciência Política II (64h/4 créditos)	Ciência Política III (64h/4 créditos)	Ciência Política IV (64h/4 créditos)	Estado e Educação (64h/4 créditos)	Sociedade e Meio Ambiente (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa* (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa* (64h/4 créditos)	
Compreensão e Produção de Texto (64h/4 créditos)	Economia e Sociedade (64h/4 créditos)	Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais I (64h/4 créditos)	História Contemporânea I (64h/4 créditos)	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem na adolescência (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa em Componentes Específicos* (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa em Componentes Específicos* (64h/4 créditos)		
Introdução à Filosofia (64h/4 créditos)	Didática I (64h/4 créditos)	Fundamentos de Estatística (64h/4 créditos)	LIBRAS (64h/4 créditos)	Disciplina Optativa* (64h/4 créditos)				
	Oficina de Produção do							

	Trabalho Científico (16h/1 créditos)							
ATIVIDADES DE EXTENSÃO (320 horas) ATIVIDADES COMPLEMENTARES (128 horas)								

***Disciplina Optativa:** Recomenda-se que três disciplinas optativas sejam cumpridas por componentes curriculares de Sociologia, Antropologia, Ciência Política e/ou Teoria e Prática de Ensino (192 horas). O/A estudante também deverá cursar 128 horas, à sua escolha, das seis disciplinas pertencentes ao Grupo de Optativas em Componentes Específicos oferecidas pelo Curso, no intuito de aprofundar problemáticas, metodologias e temas de interesses social que compõem a agenda de pesquisa, educação e intervenção social das Ciências Sociais, no Brasil. As demais 128 horas podem ser cumpridas em disciplinas oferecidas por outros cursos da Universidade Federal do Ceará.

DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA		
COMPONENTES CURRICULARES		CARGA HORÁRIA
OBRIGATÓRIOS	Disciplinas obrigatórias	1.728
	Módulo	16
	Trabalho de Conclusão de Curso	160
	Estágio Curricular Supervisionado	400
	Unidade Curricular Especial de Extensão	320
OPTATIVOS	Disciplinas optativas	448 (das quais 128 horas <i>devem ser</i> cursadas em Disciplinas Optativas em Componentes Específicos e 128 horas <i>podem ser</i> cursadas em Optativas-Livres)
ATIVIDADES COMPLEMENTARES		128
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		3.200

CARGA HORÁRIA POR SEMESTRE Conforme Portaria nº 31/2022, 20 de abril de 2022.	HORAS
Mínima	157 horas
Média	356 horas
Máxima	513 horas

PRAZOS	SEMESTRES
Mínimo	9
Médio	12
Máximo	14

3.4 Práticas como componente curricular

Prática como componente curricular diz respeito aos conhecimentos alusivos a práticas constitutivas do trajeto formativo do/a discente e às ações feitas para o domínio profissional de situações pedagógicas, usos de tecnologias da informação, técnicas de pesquisa, técnicas de trabalho escrito, experiências didáticas, produções com fins educacionais, situações de formação, estudos de

caso, produções de materiais didáticos, coordenações e gestões de projetos, entre outras experiências que envolvam processos educacionais que podem ser desenvolvidos em diferentes espaços e instituições sociais.

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais pensa a prática como componente curricular, desde os primeiros semestres, a partir de uma estratégia metodológica que envolve as disciplinas regulares. Para criação dessa estratégia político-pedagógica, foram observadas as orientações da Resolução CNE/CP nº 1, de fevereiro de 2002, que recomenda as práticas como parte integral dos componentes curriculares trabalhados desde os primeiros semestres. Considerou-se ainda a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que determina a carga horária de 400 horas para práticas como componentes curriculares.

A integralização curricular das práticas foi pensada no intuito de trabalhar habilidades e competências que são fundamentais para a profissionalização de cientistas sociais e sua atuação no mundo do trabalho. Em componentes obrigatórios, são integralizadas 400 horas dispostas da seguinte maneira: a) Compreensão e Produção de Texto: 32 horas; b) Oficina de Produção do Trabalho Científico: 16 horas; c) Didática I: 32 horas; d) Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais I: 32 horas; e) Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: 32 horas; f) Sociologia da Educação: 32 horas; g) Antropologia e Educação: 32 horas; h) Estado e Educação: 32 horas; i) Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem na adolescência: 32 horas; j) Estrutura, política e gestão educacional: 32 horas; l) Estudos socio-históricos e culturais da educação: 32 horas; m) Duas Optativas em Componentes Específicos: 64 horas.

No primeiro semestre a disciplina *Compreensão e produção do texto* foi pensada no intuito de trabalhar a escrita dos/as futuros/as profissionais que terão no uso da língua portuguesa um instrumento fundamental de educação, comunicação e análise do mundo social. Trabalhar esse conteúdo de maneira substantiva, pelo exercício de produções textuais, é fundamental na capacitação do/a egresso/a que, em seus futuros postos de trabalho, deverá estar apto/a a contribuir para a formação de outros/as estudantes. O módulo *Oficina de Produção do Trabalho Científico* complementa a disciplina *Compreensão e produção do texto*, e se volta para procedimentos e normalizações que qualificam a experiência do fazer científico. Tais práticas têm como princípio

norteador a ideia segundo a qual a escrita é uma técnica, um método e arte fundamental para o trabalho de cientistas sociais nas suas ações variadas, na pesquisa, no ensino e em outras intervenções na realidade social.

A disciplina *Didática I* proporciona um saber específico sobre como atuar na relação de conhecimento entre professores/as e estudantes. É quando os/as discentes se deparam com o fazer da profissão docente e se preparam para outras experiências que envolvem o universo da educação e suas problematizações políticas e culturais. Entre as práticas abordadas estão a sala de aula e seus eventos, o planejamento e a gestão do processo de ensino e aprendizagem.

A formação para práticas de pesquisa se constitui na disciplina de *Metodologia da Pesquisa nas Ciências Sociais I*, quando o/a estudante aprende as principais estratégias de pesquisa para produção de conhecimento. Essa possibilidade é fundamental para a formação de um/uma educador/a que sabe ensinar o ofício das Ciências Sociais, evidenciando as articulações entre a pesquisa e a produção de conhecimentos conceituais, analíticos e teóricos.

A disciplina de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS aborda os fundamentos histórico culturais da Libras e suas relações com a educação de surdos, a cultura e a identidade surdas, bem como proporciona situações de aprendizagem para diálogos em língua de sinais.

No arco das disciplinas de *Sociologia da Educação, Antropologia e Educação e Estado e Educação*, os/as estudantes são apresentados/as a discussões teóricas e a práticas constituintes de processos educacionais desenvolvidos em determinados contextos sociais e circunstâncias históricas de múltiplas comunidades políticas e morais. A ideia é que eles/elas tenham acesso a conhecimentos que possam ser úteis em suas futuras atividades de sala de aula, sendo instigados a pensar sobre os intercâmbios entre o conhecimento acadêmico e as práticas de ensino da Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Estimula-se a realização de trabalhos de pesquisa com foco em ações, projetos e programas educacionais.

Na disciplina *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Adolescência*, o/a estudante conhece as concepções básicas do desenvolvimento humano na adolescência e os fatores sócio-afetivos e cognitivos que envolvem o processo de aprendizagem. A disciplina *Estrutura, política e gestão educacional*

auxilia os/as estudantes na abordagem de questões inerentes ao cotidiano dos processos formativos, com discussões de problemas práticos como a gestão, o financiamento, a formação profissional, a estrutura e a política educacional do Estado do Ceará e no Brasil. Na disciplina de *Estudos socio-históricos e culturais da educação*, o/a estudante se familiariza com análises sobre as maneiras de fazer e desenvolver processos educacionais em múltiplas instâncias da vida social. A ideia é que os/as estudantes possam se qualificar profissionalmente, em contato com a história e a realidade social de programas e projetos de governo para a educação, no âmbito do Estado, adquirindo, então, uma compreensão crítica e capacidade de intervenção em modelos de gestão de sistemas educacionais.

Por último, nas disciplinas *Optativas em Componentes Específicos*, as temáticas trabalhadas ao longo do curso são aprofundadas de forma relacionada ao ensino de Ciências Sociais/Sociologia na educação básica. As temáticas envolvem metodologias, marcadores sociais da diferença (gênero, etnia, raça, classe), cultura afro-brasileira, juventudes e direitos humanos. Das seis disciplinas ofertadas, os/as estudantes integralizam pelo menos duas.

Ao considerar os objetivos e os procedimentos para implementação de 400 horas de Prática como Componente Curricular (PCC) e as características das áreas de conhecimento que compõem os principais eixos formativos do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, tem-se o seguinte quadro:

PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR		HORAS
1.	Compreensão e Produção de Texto	32
2.	Oficina de Produção do Trabalho Científico	16
3.	Didática I	32
4.	Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais I	32
5.	Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	32
6.	Sociologia da Educação	32
7.	Antropologia e Educação	32
8.	Estado e Educação	32
9.	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Adolescência	32
10.	Estrutura, Política e Gestão Educacional	32
11.	Estudos Socio-históricos e Culturais da Educação	32
12.	Optativa em Componentes Específicos	32
13.	Optativa em Componentes Específicos	32
Total		400

3.5 Metodologia de ensino e aprendizagem

A metodologia de ensino e aprendizagem no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFC observa os princípios de cidadania instituídos na Constituição Federal de 1988, nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Ciências Sociais (Parecer CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001; Resolução CNE/CES 17/03/2002) e as normalizações da Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015 e a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. A estruturação do curso busca atender aos princípios normativos para disciplinas, atividades complementares, estágios, atividades de extensão e trabalho de conclusão de curso, com objetivo de desenvolver habilidades e competências em um contínuo processo de formação reflexiva de profissionais qualificados/as e críticos/as em suas rotinas de trabalho e atuação.

Valoriza-se a construção de um conhecimento que faça diferença no mundo social, elaborando maneiras de conhecer e acessar formas de interpretação qualificada e que possam incidir, para construção de uma sociedade justa e igualitária, atenta e promotora da defesa de princípios que regem os direitos humanos, a cidadania e a convivência entre pessoas de todas as raças, gêneros, credos, etnias e classes sociais. O respeito à diferença e a promoção dessa convivência no ambiente natural e social que compartilham são princípios éticos fundamentais das metodologias de aprendizagem elaboradas para a formação em Ciências Sociais.

Em consonância com a visão de mundo norteadora do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, busca-se criar rotinas de sala de aula, ensino, estudos de fenômenos sociais, investigação de problemas, metodologias de pesquisa, análise de realidades, reflexões sobre dinâmicas de poder e sistematização, de maneira a interagir e atuar nas dinâmicas relacionais das sociedades contemporâneas.

Os 4 primeiros semestres do curso integram o eixo de disciplinas teóricas, que congregam o conhecimento de sistemas de pensamento centrais das perspectivas teórico-metodológicas que dão forma às três áreas das Ciências Sociais. Assim, os conteúdos curriculares são desenvolvidos por aulas expositivas, estimulando a discussão e reflexão com os/as estudantes, sobre como as teorias emergiram, nas referidas áreas, a partir de pesquisas científicas que permitiram analisar o mundo social à luz dessas ciências. As disciplinas

teóricas não se furtam a exercitar o olhar do/a cientista social em trabalhos de pesquisa feitos por estudantes que são desafiados/as a relacionar conceitos com fenômenos empiricamente observáveis. Isto ajuda a criar um ambiente acadêmico interessante para o/a estudante, fazendo-o/a enxergar o mundo à luz de uma linguagem que visa à formação de uma percepção crítica e compreensiva sobre a relação teoria e prática.

Desde os primeiros semestres, o processo formativo, nas Ciências Sociais, privilegia o ensino de disciplinas que ofereçam possibilidades, ferramentas e instrumentais distintos na preparação do/a futuro/a profissional para a pesquisa de fenômenos sociais complexos e para a comunicação dos seus resultados em diferentes espaços como a sala de aula.

A mobilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) compõem o repertório de estratégias metodológicas em diversas disciplinas ao longo do curso. Mais especificamente, sendo mobilizadas nos componentes curriculares da Unidade Curricular de Metodologia e Pesquisa e também na Unidade Curricular de Teoria e Prática de Ensino, cabe menção ainda ao componente optativo “Manipulação e Análise de Dados”, no qual os/as discentes têm a oportunidade de aprender sobre o papel da computação de novas variáveis, a manipulação de bancos de dados, a produção e aprimoramento de gráficos e mapas, a análise de redes sociais, entre outros.

O Projeto fundamenta-se na ideia de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, compreendendo que as Ciências Sociais têm papel importante na explicação de fenômenos que desafiam e interessam à sociedade, em suas diferentes maneiras de existir, se reproduzir e se transformar. Em linhas gerais, sabe-se que o conhecimento das Ciências Sociais não pode existir como um fim em si mesmo e que é um desafio permanente transformá-lo em algo que seja relevante e que afete, positivamente, a sociedade. Portanto, na perspectiva deste Projeto, constitui-se desafio do curso de Ciências Sociais formar um/a profissional capaz de, pelo seu trabalho, analisar dinâmicas de exclusão, além de contribuir para formulação de políticas e agendas que visem o respeito às diferenças e a promoção da convivialidade democrática.

O processo de ensino e aprendizagem vincula, também, a prática com a atividade de extensão, tentando criar laços por meio de uma ação pedagógica, orientada e refletida conjuntamente para que, na sua formação, os/as

estudantes tenham interação contínua com a realidade social circundante, tentando, assim, ultrapassar fronteiras demarcadoras de uma distância entre esta e a Universidade. Fronteiras que precisam ser expandidas, por exemplo, através da maneira de se relacionar com o mundo externo, num esforço permanente para diminuir as dimensões restritivas dessa interação e trabalhar o espaço acadêmico como público e politicamente orientado para a inclusão social. A dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem segue nessa direção, com atenção especial para a extensão, com suas linguagens que possam ser mais acessíveis, dinâmicas e replicadas por diversos sujeitos, em iniciativas que dialoguem com os princípios que compõem a visão de mundo das Ciências Sociais. A escola e outros espaços educacionais são não apenas auxiliares, mas integrantes desse processo, pois como se observa no Projeto de Iniciação à Docência (PIBID), na Residência Pedagógica (RP) e no Estágio Curricular Supervisionado, a presença dos/as estudantes no dia a dia de processos educativos é fundamental para o alcance dos objetivos do processo de ensino e aprendizagem.

Entre as estratégias pedagógicas, este Projeto busca, através do Estágio Curricular Supervisionado, aliar pesquisa e ensino no processo de formação do/a estudante, na escola ou em outras instâncias educacionais, atuando pedagogicamente para que ele/a compreenda como o conhecimento é produzido e transformado em conteúdos constituintes de relações sociais. Interessa, particularmente, à metodologia de ensino e aprendizagem das Ciências Sociais pensar as relações entre instituições públicas, empreendimentos privados, movimentos sociais, ações de governo, resistências populares e experiências comunitárias para construção de uma sociedade democrática em que convivem sujeitos de direito. Essa intervenção social é importante para pensar o que significa a ação do/a pesquisador/a e educador/a em um mundo repleto de contradições entre princípios normativos e práticas sociais que o/a envolvem. É improvável admitir estratégias de ensino-aprendizagem que não pressuponham ou criem situações problemas nas quais o/a sociólogo/a, antropólogo/a ou cientista político/a não se encontrem envolvidos/as.

As estratégias de ensino e aprendizagem consideram, também, a interação dos/as estudantes com a comunidade acadêmica de outros cursos de graduação e programas de pós-graduação. É muito importante que o/a

estudante sinta-se parte de uma comunidade de conhecimento, observando o que é feito por outros/as em seu mesmo grau de formação e em grau mais avançado. Esse contato e incentivo à formação de grupos de estudo é fundamental para que o/a egresso perceba-se como parte de algo em movimento permanente, com criações e invenções que se retroalimentam e se transformam. Para alcance desse objetivo, fomentam-se, no Curso, iniciativas geradoras de maior integração. São elas:

- a) Realização de conferências, mesas redondas, seminários, painéis e defesas públicas de monografias, dissertações e teses, favorecendo integração com a comunidade acadêmica nacional e internacional;
- b) Oferta de disciplinas que integrem estudantes de graduação e pós-graduação, com criação de grupos mistos para desenvolvimento de aprendizagens mediante a troca de experiências e dificuldades;
- c) Elaboração de planejamento conjunto (envolvendo as duas coordenações) de modo a tornar a disciplina Estágio de Docência (CAPES) do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) um espaço de aprendizado e de troca de saberes, permitindo que atividades desenvolvidas (teóricas e práticas) possam contribuir, efetivamente, com o processo formativo dos envolvidos;
- d) Promoção de grupos de estudo, interinstitucionais e entre graduandos/as e pós-graduandos/as, para o estudo de teorias e práticas que fomentem a troca de experiências, trabalhos de pesquisa, práticas de ensino e atividades de extensão, o que garante a circulação do conhecimento;
- e) Circulação das experiências de pesquisa, ensino e extensão, com comunicação permanente via tecnologias das informações disponíveis pela Coordenação do Curso, com criação de grupos de discussão para compartilhar eventuais êxitos e dificuldades das iniciativas desenvolvidas.

Ressalte-se que, para o sucesso dos processos de ensino e aprendizagem, nas Ciências Sociais é fundamental o desenvolvimento do hábito de leitura. Todas as ferramentas teórico-metodológicas das disciplinas constitutivas do Curso passam pela aquisição de um acervo registrado em publicações científicas. Apesar de sérias deficiências quanto ao acervo disponível, encontram-se à disposição dos/as estudantes alguns exemplares de obras importantes no sistema de bibliotecas da UFC, além de acervos

específicos dos grupos e laboratórios de pesquisa e, ainda, na sala de estudos que funciona no Departamento de Ciências Sociais. No módulo Oficina para produção do trabalho científico, os/as estudantes serão apresentados/as aos acervos digitais que, na atualidade, possibilitam acessos a obras de referência publicadas em todo o mundo.

Os trabalhos desenvolvidos nos grupos e laboratórios de pesquisa que integram o Curso de Ciências Sociais são fundamentais nas estratégias de ensino e aprendizagem colocadas em ação para que, entre outros aspectos, os/as estudantes entrem em contato direto com as atividades acadêmicas e públicas de professores/as e colegas. A articulação das atividades de todos os núcleos e laboratórios com as atividades discentes e de pesquisa é uma das estratégias importantes para a formação dos/as estudantes, pois nesses grupos se concentram boa parte dos trabalhos e bolsas do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), além de atividades que constituem projetos e programas da Pró-Reitoria de Extensão (PREX/UFC). As atividades desses grupos e seu alcance social integram o processo de formação, com incentivo à excelência acadêmica como meio de construir conhecimentos, práticas e discursos que tenham repercussão social. Compreender a dinâmica de tais núcleos e atividades, em um espaço integrado de formação e trabalho em equipe, com profissionais em diferentes momentos da carreira, é uma dimensão importante do processo pedagógico e da ideia de aprender a partir das experiências do fazer sociológico, antropológico e político.

Entre os desafios encontradas para promoção de condições de excelência do ensino e da aprendizagem e que necessitam de atenção, destacam-se:

- a) Atualizar o acervo bibliográfico da Biblioteca setorial do Centro de Humanidades;
- b) Contratar servidores para garantia de funcionamento da sala de leitura; preservação do acervo e sua catalogação;
- c) Ampliar o número de vagas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Programa de Iniciação à Docência (PID), do Programa de Apoio e Incentivo à Permanência (PAIP) e da Extensão, assim como apresentar propostas para os editais do Programa Institucional de Bolsas

de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa Residência Pedagógica (PRP) das Ciências Sociais;

- d) Promover condições para a prática, por parte dos discentes, de vivências artístico-culturais, com segurança institucional;
- e) Estabelecer vínculos com organismos de fomento à pesquisa, empresas, Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais, instituindo uma política de estágios ou outras formas de intercâmbio;
- f) Estimular a inserção nas atividades de estágio supervisionado junto a instituições diversas;
- g) Motivar a criação de espaços alternativos de práticas educacionais que envolvam as áreas de conhecimento das Ciências Sociais;
- h) Estimular a organização de debates e seminários, eventos diversos e o Encontro Estadual de Ciências Sociais.

Por fim, este Projeto se pauta na ideia de que os processos de ensino e aprendizagem são experiências coletivas que se inventam e reinventam em suas respectivas dinâmicas. Espera-se que as avaliações institucionais realizadas pela UFC resultem na sistematização de dados a serem repassados ao Curso para estudo e direcionamento de possíveis mudanças a serem concretizadas com a implementação deste Projeto. A Coordenação do curso de Ciências Sociais e o Núcleo Docente Estruturante são instâncias que devem, a cada semestre, avaliar os problemas, propor soluções e promover seminários temáticos que visem analisar junto à comunidade acadêmica o que está funcionando bem e o que precisa ser atualizado nas estratégias de ensino e aprendizagem.

3.6 Procedimentos de acompanhamento e de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem

A transparência nas relações estabelecidas, institucionalmente, entre os/as responsáveis pelo processo formativo e os/as estudantes constitui princípio fundamental para a política de avaliação da aprendizagem neste Projeto. É preciso que os/as estudantes estejam, desde o início de cada etapa do processo formativo, plenamente informados sobre os critérios, metodologias e instrumentos colocados em ação pelo/a educador/a na sua avaliação das trajetórias coletivas e individuais do corpo discente. O processo deve cumprir e envolver as dinâmicas formativas sempre que possível em consonância e diálogo

com os/as estudantes, principais interessados/as em adquirir e compreender os conteúdos da sua formação.

As práticas avaliativas implementadas estão em consonância com as normalizações estabelecidas para esse fim, como o Regimento Geral da Universidade e a Resolução CEPE/UFC nº 12, de 19 de junho de 2008. De acordo com tais normativas, a avaliação do rendimento acadêmico dos/as discentes considerará os componentes curriculares (disciplinas obrigatórias e optativas, módulo e demais atividades), considerando aspectos de assiduidade e de eficiência.

A avaliação discente será expressa, ao final de cada disciplina, mediante notas de 0 (zero) a 10 (dez) com, no máximo, uma casa decimal. A avaliação de atividades será expressa, ao final de cada uma, mediante os conceitos “aprovado” e “reprovado” e/ou por meio de notas de 0 (zero) a 10 (dez) com, no máximo, uma casa decimal.

Quanto à assiduidade, será exigido o mínimo de 75% (setenta e cinco por cento) de presença nos componentes curriculares. Ressalte-se ainda que o/a discente do Curso de Ciências Sociais precisa ter clareza quanto às normalizações pertinentes à Resolução CEPE/UFC nº 12, de 19 de junho de 2008, que versa sobre implicações em virtude de reprovações consecutivas por falta em componentes curriculares.

Os/As professores/as terão autonomia para propor mecanismos de avaliação continuada, ao longo do curso, assim como considerar uma variedade de opções para que seja verificada a eficiência de suas práticas e a competência dos/as estudantes na compreensão e manejo dos conteúdos e exercícios exigidos. A iniciativa e criatividade dos/as estudantes integram um processo avaliativo que tenciona trabalhar a autonomia intelectual do corpo discente. Muito importante, também, a observação do comportamento, comprometimento e responsabilidade do/a discente diante da agenda proposta pelo/a docente para cumprimento dos objetivos de cada um dos cursos, atividades, estágios e trabalhos de conclusão de curso propostos neste Projeto.

No processo avaliativo, educadores/as responsáveis pelo desenvolvimento de disciplinas e atividades deverão estar atentos/as às condições de acessibilidade disponíveis para o pleno exercício das ações propostas. Além de transparência no processo avaliativo é preciso assegurar ao

corpo discente plenas condições de acesso aos conteúdos trabalhados, considerando linguagem, disponibilidade e meios pelos quais os/as estudantes possam estudar o conteúdo e desenvolver as atividades propostas com fins avaliativos. Os/As estudantes devem ter acesso à possibilidade de revisão de notas e oportunidade de segunda chamada. Eles/Elas devem ser esclarecidos sobre as metodologias avaliativas, sempre que se sentirem prejudicados/as ou em dificuldade, em virtude das condições de acessibilidade a conteúdos, exercícios e avaliações. É responsabilidade da Coordenação de Ciências Sociais a avaliação das condições de acessibilidade pertinentes à disciplina, sempre que provocada.

Os aspectos de acessibilidade desenvolvidos no âmbito das práticas avaliativas neste Projeto Pedagógico envolvem também: a) uma relação proximal com a Secretaria de Acessibilidade, com vistas a atender demandas dos/as estudantes com deficiência, garantindo que suas avaliações contemplem os princípios da acessibilidade e da inclusão; b) o estímulo às monitorias, vinculadas ao Programa de Iniciação à Docência (PID), que orientadas por docentes de disciplinas obrigatórias constituem relevante suporte para os/as discentes que apresentam desafios à aprendizagem.

O/a docente deve fazer o acompanhamento da assiduidade por meio do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA/UFC), atualizando o mesmo mensalmente.

Em observação ao artigo 94-A do Regimento Geral da UFC,

[...] os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração de seus cursos, obedecidos os parâmetros fixados em Resolução específica (acrescentado pelo Provimento nº 3/CONSUNI, de 26 de novembro de 2014). (IDEM).

Cabe à Coordenação do Curso de Ciências Sociais designar comissão para avaliação dos casos pertinentes ao artigo 94-A do Regimento Geral da UFC. A Coordenação do Curso prestará atenção especial à avaliação das atividades complementares e atividades de extensão, conforme especificado nos itens 3.8 e 3.9 deste documento. E estará igualmente atenta à Comissão de Estágio, ajudando quando solicitada, para que as atividades possam se desenvolver conforme o estabelecido no Manual de Estágio, no item 3.7. Ademais, é função da Coordenação do Curso o acompanhamento dos trabalhos de conclusão de

curso, em conformidade com o que estabelece o Manual do TCC (Anexos). Em todos esses casos e outros omissos é facultado à Coordenação nomear comissões para avaliar a adequação das atividades às exigências deste Projeto, assim como analisar eventuais distorções quanto a procedimentos desenvolvidos. Os/as docentes designados/as e orientadores/as são responsáveis em primeira instância pelo desenvolvimento e avaliação das atividades.

Por fim, é tarefa do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Ciências Sociais a realização periódica de reflexão e análise das estratégias pedagógicas adotadas, individual e coletivamente, propondo correções, atualizações e mudanças que possam proporcionar um ambiente formativo qualificado, transparente, democrático e acessível quanto às metodologias de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem.

3.7 Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado é uma atividade educativa, exercida no ambiente de trabalho, que visa a formação profissional por meio da articulação entre teoria e prática. Trata-se de um importante momento no itinerário de formação do/a aluno/a através do qual são adquiridas e exercitadas competências profissionais e aplicados os conhecimentos curriculares.

O devido cumprimento desta função depende de compromisso firmado entre a instituição de ensino, o/a aluno/a e a instituição concedente, o que implica o adequado planejamento, acompanhamento, execução e avaliação das atividades de estágio em co-responsabilidade entre as partes envolvidas. Esse compromisso é formalizado e operacionalizado através de “Termo de Compromisso de Estágio”, regido segundo a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Tendo em vista a referida legislação, a Resolução 02 – CNE, de 20 de dezembro de 2019, entre outras, este Projeto Pedagógico apresenta Manual de Estágio (ANEXO I) no qual constam os objetivos, finalidades e etapas do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFC.

3.8 Atividades Complementares

De acordo com o artigo 1º da Resolução nº 07 CEPE/UFC, de 17 de junho de 2005, *as Atividades Complementares dos Cursos de Graduação constituem um conjunto de estratégias pedagógico-didáticas que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática e a complementação dos saberes e habilidades necessárias, a serem desenvolvidas durante o período de formação do estudante.*

Para o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, serão consideradas 128 horas de carga horária vinculada a atividades complementares desenvolvidas pelo/a estudante, de maneira individual.

Considerando a legislação de referência, este projeto pedagógico apresenta um Manual, em seus anexos, com requisitos e orientações para a integralização das atividades complementares no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

3.9 Atividades de extensão

De acordo com o artigo 3º da Resolução nº 28 CEPE/UFC, de 1º de dezembro de 2017, *as ações de extensão a serem inseridas no currículo dos cursos de graduação deverão reforçar a interação com a sociedade visando a impactos positivos nos âmbitos culturais, científicos, artísticos, educacionais, sociais, ambientais e esportivos bem como a geração de emprego e renda, de consultorias técnicas, de assistência à saúde, de empreendedorismo, de inovação e de projetos em consonância com as políticas públicas e com as demandas coletivas da sociedade.*

Para o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, serão consideradas 320 horas de carga horária vinculada a atividades de extensão desenvolvidas ativamente pelo estudante.

São consideradas para integralização na carga horária da extensão, as atividades em que o/a estudante atua na condição de executor/a, sob a supervisão de um/a docente que coordena a ação de extensão devidamente cadastrada na Pró-Reitoria de Extensão (PREX). É fundamental a participação ativa do/a estudante nas práticas desenvolvidas com vistas a atender os objetivos dos projetos. Assim, quando o/a discente participar apenas como

público de uma ação de extensão deve contabilizar essas horas como parte das atividades complementares e não como horas de extensão.

Considerando a legislação de referência (RESOLUÇÃO Nº 28 CEPE/UFC, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2017; RESOLUÇÃO Nº 7 CNE, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018), este projeto pedagógico apresenta um Manual, em seus anexos, com os objetivos, requisitos e orientações para a curricularização no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

3.10 Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) constitui uma etapa essencial no percurso de formação intelectual do/a estudante. Do ponto de vista institucional, é requisito obrigatório para a obtenção do diploma e sua carga horária corresponde a 160 horas.

Para a elaboração do seu TCC, o/a estudante estará obrigatoriamente sob a orientação de um/a dos/as docentes do Curso de Ciências Sociais. Eventualmente, a Coordenação do Curso pode autorizar, mediante solicitação, que estudantes de Ciências Sociais sejam orientados/as por professores/as de outras áreas do conhecimento. Para tanto, deverá ser comprovado que, na sua trajetória acadêmica, o/a docente mantém interlocução com o campo de produção da Antropologia, da Ciência Política ou da Sociologia. Será com ele/a que o/a estudante irá discutir sobre o método e a problemática de construção de seu TCC, a partir dos ensinamentos apreendidos e sistematizados ao longo do curso.

O objetivo do TCC é consolidar o processo de ensino e aprendizagem que compõe a formação do/a estudante no campo das Ciências Sociais. Sua realização representa uma etapa de aprendizagem do domínio das ferramentas teóricas e dos métodos das ciências sociais. Além da orientação, a qualidade do TCC depende, em grande parte, do desempenho acadêmico do/a estudante, da sua capacidade de organização e ordenamento das diferentes fases de sua pesquisa: leitura bibliográfica prévia, elaboração de uma problemática, trabalho de campo, sistematização e apresentação.

Em seus anexos, o Projeto, apresenta um Manual com as definições de cada modalidade e demais orientações para a produção do TCC no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

3.11 Ementário e bibliografia

UNIDADE CURRICULAR DE ANTROPOLOGIA

a) Obrigatórias:

ANTROPOLOGIA I

▪ Ementa

Origens do pensamento antropológico. O problema do etnocentrismo. Evolucionismo e Relativismo Cultural. A formação da Antropologia Norte-Americana. Crítica ao Evolucionismo. Culturalismo e a Escola Cultura e Personalidade. Evolucionismo e Culturalismo na Antropologia Brasileira.

▪ Bibliografia Básica

CASTRO, Celso (org.). Franz Boas: antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CASTRO, Celso (org.). Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

CASTRO, Celso. Cultura e personalidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1994.

STOCKING JR., George (org.). A formação da antropologia americana (1883-1911). Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

▪ Bibliografia Complementar

BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CASTRO, Celso (org.). Textos básicos de antropologia – Cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DAMATTA, Roberto. Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. São Paulo: Edusp, 2002.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINNER, Horace. "O ritual do corpo entre os Sonacirema". [Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFrbnxhbnRjdWxoaGlzdG9yaWF8Z3g6NzdjMmVhZjY1MTgzNTZhNw>]

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos)

ROCHA, Everardo e FRID, Marina (orgs.). Os antropólogos: de Edward Tylor a Pierre Clastres. Petrópolis, RJ: Vozes/Editora PUC, 2015.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos)

ANTROPOLOGIA II

▪ Ementa

Teoria antropológica produzida no âmbito da Escola Sociológica Francesa, da Escola de Antropologia Social Britânica e da Antropologia feita no Brasil na primeira metade do século XX. Racionalismo e Empirismo. Representações sociais, sistemas de crenças e conhecimento. Funcionalismo e Estrutural-funcionalismo. A especificidade do método antropológico: pesquisa de campo e etnografia. Relações sociais, mudanças, conflitos e expressões rituais.

▪ Bibliografia Básica

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1978.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

▪ Bibliografia Complementar

DAMATTA, Roberto (org.). Edmund Leach (Antropologia). São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais)

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERNANDES, Florestan. Organização social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

FERNANDES, Florestan. A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Globo, 2006.

GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: FELDMAN-Bianco, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1987. p. 227-344

HERTZ, Robert. Sociologia religiosa e folclore. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEACH, Edmund R. Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin. São Paulo: Edusp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MITCHELL, J. Clyde. "A dança Kalela: aspectos de relações sociais entre africanos urbanos na Rodésia". In: FELDMAN-Bianco, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1987.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). Mauss (Antropologia). São Paulo: Ática, 1979. (Grandes Cientistas Sociais)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). A antropologia de Rivers. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

RODRIGUES, José Albertino (org.). Durkheim (Sociologia). São Paulo: Guanabara, 1995.

TURNER, Victor. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas. Niterói: UFF, 2008.

VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 2011.

WOORTMANN, Klaas. Religião e ciência no Renascimento. Brasília: Editora UnB, 1997.

ANTROPOLOGIA III

▪ Ementa

Estruturalismo. Holismo e individualismo. Materialismo cultural e as contribuições do materialismo histórico à Antropologia. Antropologia Francesa e Antropologia Brasileira da segunda metade do século XX.

▪ Bibliografia Básica

BALANDIER, Georges. Antropologia política. São Paulo: Difusão Europeia do Livro/Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

CARVALHO, Edgard de Assis (org.). Godelier (Antropologia). São Paulo: Ática, 1985.

DUMONT, Louis. O individualismo: uma perspectiva antropológica da sociedade moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976

▪ Bibliografia Complementar

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BALANDIER, Georges. Antropo-lógicas. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BALANDIER, Georges. As dinâmicas sociais: sentido e poder. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, Difusão Editorial S.A., 1976.

BALANDIER, Georges. O poder em cena. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

DUMONT, Loui. Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: Edusc, 1977.

DUMONT, Louis. Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1997.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAPLANTINE, François. Antropologia da doença. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MORIN, Edgar. O homem e a morte. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro/CNPq, 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo/Brasília: Editora Unesp/Paralelo 15, 2006.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. O nosso governo»: os Ticuna e o Regime Tutelar. São Paulo: Editora Marco Zero, 1988.

PACHECO DE OLIVEIRA, João (org.). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2004.

PEIRANO, Mariza. Uma antropologia no plural: três experiências. Brasília: Editora UnB, 1992.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu do corpo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006

ANTROPOLOGIA IV

▪ Ementa

Antropologia contemporânea. Pluralidade paradigmática. Antropologia interpretativa. Teoria, estética e reflexividade antropológica. Representações e práticas sociais. Explicação, compreensão, estrutura e ação. Estudos culturais. Crítica à autoridade etnográfica. Pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo. Episteme e ontologia.

▪ Bibliografia Básica

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

FABIAN, Johannes. O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

▪ Bibliografia Complementar

BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CLIFFORD, James e MARCUS, George (orgs.). A escrita da cultura: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ/Papéis Selvagens Edições, 2016.

DESCOLA, Philippe. “Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia”. Mana 4(1): 23-45, 1998.

DESCOLA, Philippe. Outras naturezas, outras culturas. São Paulo: Editora 34, 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Cadernos de Campo, 13, p. 155-161, 2005.

FISCHER, Michael. "Da antropologia interpretativa à antropologia crítica". Anuário Antropológico 83: 55-72.

GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GELL, Alfred. A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOLDMAN, Márcio. “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”. Etnográfica, Vol. X (1), 2006, p. 161-173.

GOODY, Jack. A domesticação da mente selvagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

INGOLD, Tim. "Trazendo as Coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais". Horizontes Antropológicos, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LATOUR, Bruno. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc, 2002.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

MARCUS, George. "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial". Revista de Antropologia 34: 197-221, 1991.

ORTNER, Sherry. "Teoria na Antropologia desde os anos 60". Mana 17(2): 419-466, 2011.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

RABINOW, Paul. Antropologia da razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHNEIDER, David M. Parentesco americano: uma exposição cultural. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (org.). Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome: 2012

STRATHERN, Marilyn. O gênero da dádiva. Campinas: Editora da Unicamp. 2006.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "O nativo relativo". Mana 8(1): 113-148, 2002.

ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO

▪ Ementa:

Sentido do conceito de educação. Diferentes formas de educação. Pluralidade cultural nos processos educativos. Tolerância e preconceito: formas de superação desse dilema. Antropologia e educação.

▪ Bibliografia Básica

AQUINO, Julio Groppa. Diferença e preconceito na escola. São Paulo: Summus, 1998.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006.

DAUSTER, Tania. Antropologia e educação. Brasil: Editora forma e ação, 2007.

ROCHA, Gilmar. Antropologia e Educação. Brasil: Editora CRV, 2013

SILVA, Aracy Lopes da. Antropologia, história e educação. BRASIL: Editora Global, 2001.

▪ Bibliografia Complementar

VIEIRA, Karina Augusta. Antropologia e educação. BRASIL: Editora CRV, 2017.

SILVA, Aracy Lopes da. Práticas pedagógicas na escola indígena. Brasil: Editora Global, 2001.

FERNANDES, Mauro. Raça e gênero na educação. BRASIL, Appris, 2014.

ROCHA, Gilmar. Etnografia e educação. Nacional: Lamparina, 2012.

b) Optativas:

ANTROPOLOGIA DA ECONOMIA

▪ Ementa

Teoria antropológica e a dimensão econômica da vida social. Correntes teóricas na Antropologia da Economia. Cultura, sociedade e economia. Sistemas de troca e sua articulação com a organização social das sociedades não-capitalistas. Economia, sistemas de crenças e parentesco. Economia, capitalismo e modernidade.

▪ Bibliografia Básica

CARVALHO, Edgar A. (org.). Antropologia econômica. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1973.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

POUILLON, François. A Antropologia econômica: correntes e problemas. Lisboa: Edições 70, 1976.

▪ Bibliografia Complementar

- APPADURAI, Arjun (org.). A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: Editora UFF, 2008.
- CAMPBELL, Colin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CARVALHO, Edgard de Assis (org.). Godelier (Antropologia). São Paulo, Ática, 1985.
- CLASTRES, Pierre. “A Economia primitiva”. In: Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.175-195.
- DUMONT, Louis. Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: EDUSC, 2000.
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FEATHERSTONE, Mike (org). Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GODELIER, Maurice. Horizontes da antropologia. Lisboa: Edições 70, 1973.
- GORDON, César. Economia selvagem: ritual e mercadoria entre os índios Xikrin- Mebêngôkre. São Paulo: Unesp, 2006.
- LEITE LOPES, José Sérgio. “Sobre um debate da antropologia econômica: a economia política de Polanyi”. América Latina, Rio de Janeiro, v. 3/4, 1971.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1976.
- NEIBURG, Federico. “Os sentidos sociais da economia”. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias (org.). Horizontes das ciências sociais no Brasil – Antropologia. ANPOCS/Barcarolla/Discurso Editorial, 2010.
- SAHLINS, Marshall. Cultura na prática. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.
- SIGAUD, Lygia. “As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom”. Mana. Estudos de Antropologia social, 5(2), pp 89-123, 1999.
- STRATHERN, Marilyn. “Sujeito ou objeto? As mulheres e a circulação de bens e valor nas terras altas da Nova Guiné”. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- WEBER. Max. Economia e sociedade. Brasília: UnB, 1999.

ANTROPOLOGIA DO CRIME

▪ Ementa

O curso aborda dinâmicas, contextos, situações e agentes relacionados ao crime em uma perspectiva etnográfica, marcadamente distinta da “antropologia criminal”. Definição, abrangência, desafios e perspectivas da “Antropologia do Crime”. Dinâmicas criminais e dispositivos de controle social. Trajetórias, simbolismos e moralidades que atravessam o universo social do crime. Dimensões éticas das pesquisas etnográficas junto a praticantes de atividades criminais.

▪Bibliografia Básica

AQUINO, J.P.D. Redes e conexões parciais nos assaltos contra instituições financeiras. Dilemas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 10, 2010.

BIONDI, K. Junto e misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

FOUCAULT, M. Apresentação. in Michel Foucault (org.). 1977. Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão. Rio de Janeiro: Graal.

GRILLO, C. C. Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

MALINOWSKI, B. 2003 [1926]. Crime e costume na sociedade selvagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. 2013 [1952]. “Sanções sociais” e “O direito primitivo” in Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Editora Vozes.

SÁ, L. D. A condição de bichão da favela e a busca por consideração: uma etnografia dos jovens armados em favelas a beira-mar. Dilemas, Rio de Janeiro, vol 4, n. 2, 2001

ZALUAR, A. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WHYTE, W. F. 2005 [1943]. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar.

▪ Bibliografia Complementar

AQUINO, J. P. D . Príncipes e castelos de areia: um estudo da performance nos grandes roubos. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

BARBOSA, A. C. R. Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduff, 1998.

BARREIRA, C. Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

CAVALCANTE, P. Como se fabrica um pistoleiro. São Paulo: A Girafa, 2003.

DIÓGENES, G. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop. São Paulo, Annablume, 1998.

FELTRAN, G. S. Fronteiras de tensão: política e violência na periferia de São Paulo. 2006. 336 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, Campinas, 2006.

_____. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59-73, 2010.

MARQUES, A. J. Crime e proceder: um experimento antropológico. São Paulo: Alameda, 2014.

MENEZES, P. V. Entre o “fogo cruzado” e o “campo minado”: uma etnografia do processo de “pacificação” de favelas cariocas. Tese (Doutorado em Sociologia) – UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

MISSE, M. Malandros, marginais e vagabundos. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999.

_____. Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

RAMALHO, J. R. Mundo do crime: a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RIFIOTIS, T. Nos campos da violência: diferença e positividade. Revista Primeira Mão, Curitiba, v. 18, n. 7, p. 1-13, 1997.

SÁ, L. D. Guerra, mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFC, Fortaleza, 2010.

TELLES, V. S.; HIRATA, D. V. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. Estudos Avançados, v. 61, p. 173-192, 2007.

VENKATESH, S. Chefe de quadrilha por um dia. Rio de Janeiro: C-Elsevier, 2008.

ZILLI, L. F. O mundo do crime e a lei da favela: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. Etnográfica, Lisboa, v. 19, n. 3, 2015.

SOCIEDADES CAMPONESAS

▪ Ementa

Contextos históricos e socioculturais do campesinato. Conceitos básicos e abordagens teóricas dos estudos sobre o campesinato. Tipos de sociedades camponesas. O campesinato no Brasil: elementos históricos e aspectos contemporâneos. A luta pela terra, violência e movimentos sociais.

▪ Bibliografia Básica

FELDMAN-BIANCO, Bela e RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unicamp, 2003.

GARCIA JR., Afrânio Raul. Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O campesinato brasileiro. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

▪ Bibliografia Complementar

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo/Campinas: Editora Hucitec/Editora da Unicamp, 1998. ANDRADE, Maristela de Paula. “Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas”. Estudos Feministas 15(2), n. 240, Florianópolis, maio-agosto/2007, pp. 445-451.

BERGAMASCO, Sonia M.P.P e NORDER, Luís A. C. O que são os assentamentos rurais?. São Paulo, Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos)

CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

CORDEIRO, Rosineide de L. Meira. “Vida de agricultoras e histórias de documentos no Sertão Central de Pernambuco”. Revista Estudos Feministas 15 (2), n. 240, Florianópolis, maio-agosto/2007, pp. 453-460.

DEERE, Carmen Diana. “Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira”. Estudos Feministas, 12(1), 360, Florianópolis, janeiro-abril/2004, pp. 175-204.

FERREIRA, Paulo Rogers. “A natureza e o imaginário: dos jogos eróticos em sociedades rurais”. Habitus, v. 5, n. 2, Goiânia, jul./dez. 2007, pp. 375-394.

FERREIRA, Paulo Rogers. “O trabalho brasileiro sobre o rural: eterno retorno ao mesmo?”. Ruris, v. 2, n. 1, março de 2008, pp. 129-153.

GARCIA, Marie-France. “O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 19, ano 7, junho de 1992, pp. 84-102.

GARCIA JR., Afrânio Raul. O sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: MCT/CNPq, 1989.

GARCIA JR., Afrânio e PALMEIRA, Moacir. “Rastros de casas-grandes e de senzalas: transformações sociais no mundo rural brasileiro”. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (orgs.). Brasil: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 38-77

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. Formas de dominação e espaço social: a modernização da agroindústria canavieira em Alagoas. São Paulo/Brasília, DF: Marco Zero/MTC/CNPq, 1989.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de; GARCIA, Marie France; GARCIA JÚNIOR, Afrânio R. “O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas”. In: AGUIAR, Neuma (org.). Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. pp. 29-44.

MARQUES, Roberto. “Homoerotismo no Cariri cearense: inscrições de um objeto em suas relações com o silêncio”. MÉTIS: história & cultura – v. 10, n. 20, p. 197-217, jul./dez. 2011.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. “Homem com homem, mulher com mulher: paródias sertanejas no interior de Goiás”. Cadernos Pagu (39), julho-dezembro de 2012, pp. 367-402.

NOVAES, Regina Reyes. Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania. Rio de Janeiro/São Paulo: ISER/Editora Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, n. 19).

NOVAES, Regina Reyes. De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Lopes de. "Feminismo, gênero e vida cotidiana das mulheres do semi-árido paraibano". pp. 1-14.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. "A mulher e a terra no Brejo paraibano". In: BRUSCHINI, Maria Cristina A. & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). Trabalhadoras do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982. pp. 163-190.

PRADO, Regina de Paula Santos. Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa. São Luís: EDUFMA, 2007.

QUADROS, Marion Teodósio de; ADRIÃO, Karla Galvão; TEODÓSIO, Ana Marta de Carvalho; MELO, Maria Julia Carvalho de. "Mulheres jovens, sexualidade e redes de convivência em uma comunidade rural de Caruaru/PE: circuitos (des)integrados?". Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 16, v. 23(1), 2012, pp. 137-159.

RODRIGUES, Lelia Lofego. "O avesso do casamento: uma leitura antropológica do celibato camponês feminino". Anuário Antropológico/91, Brasília/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, pp. 139-166.

SALES, Celecina de Maria Veras. "Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos". Estudos Feministas 15(2), n. 240, Florianópolis, maio-agosto/2007, pp. 437-443.

SALES, Celecina de Maria Veras. "Mulheres rurais e vida cotidiana". (s/d).

SCOTT, Russel Parry. "Ruralidade e mulheres responsáveis por domicílios no Norte e no Nordeste". Revista Estudos Feministas 15(2), n. 240, Florianópolis, mai-ago/2007, pp. 425-436.

SIGAUD, Lygia. Os clandestinos e os direitos: estudo sobre os trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SIGAUD, Lygia M. "A presença política dos camponeses: uma questão de reconhecimento". In: CAMARGO, Aspásia e DINIZ, Eli (orgs.). Continuidade e mudança no Brasil da Nova República. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1989. pp.163-183.

ZALUAR, Alba. Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WOORTMANN, Klaas & WOORTMANN, Ellen F. "Fuga a três vozes". Anuário Antropológico/91, Brasília/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. pp. 89-137.

ANTROPOLOGIA E FAMÍLIA

▪Ementa

As relações entre parentesco e família. Formas de família e casamento nas sociedades não-ocidentais. Família e marcadores sociais da diferença. Família, gênero e novas tecnologias reprodutivas. Classe social e família. Hierarquia e

Individualismo e a questão da autonomia. Família, casamento e conjugalidades. Família e religião. As famílias recompostas. Reprodução, sexo e aborto. Famílias negras, preconceito e poder. Família, geração e mudança social. Violência doméstica e sexual. Novos arranjos familiares. Transparentalidade.

▪ Bibliografia Básica

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? Cadernos Pagu(21), São Paulo: Unicamp, 2003.

CORREA, Mariza. Repensando a Família Patriarcal Brasileira in Colcha de Retalhos- Estudos sobre a família no Brasil. In: Arantes, Antonio Augusto (Org). Campinas, Ed UNICAMP, 1994, pp 15-42.

FONSECA, Cláudia. De Afinidades a Coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco entre décadas recentes da Antropologia. In: Ilha Revista de Antropologia. Florianópolis: UFSC. v. 5, n. 2, Dez. 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. A Família in Homem, Cultura e Sociedade, Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

MALINOWSKI, B. 1983 [1929]. A vida sexual dos selvagens. RJ: Francisco Alves.

MELLO, Luiz. Novas famílias. Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: RJ, Garamond, 2005.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 3 (2): 303-29, 1995.

STRATHERN, Marilyn. Parentesco, Direito e o Inesperado. 2012[2005].

▪ Bibliografia Complementar

CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cadernos Pagu, 2007, nº 28, pp. 65-99. [disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/o5.pdf>].

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. Historia da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

SEGATO, Rita Laura. Inventando a Natureza: Família, Sexo e Gênero no Xangô de Recife. Anuário Antropológico. São Paulo: SP, Tempo Brasileiro, 11-54, 1985.

ESTUDOS INDÍGENAS NO CEARÁ

▪ Ementa

Mapa etnográfico do estado do Ceará. Significações e sentidos de identidades étnico-indígenas. Estudos históricos e etnográficos. Laudos antropológicos. Dinâmica cultural. Mitos e Rituais. Educação Indígena. Movimento indígena e campo indigenista.

▪ Bibliografia básica:

AIRES, Max Maranhão P. (Org.) Escolas Indígenas e Políticas Interculturais no Nordeste Brasileiro. Fortaleza: EdUECE, 2009.

CENTRO DE DEFESA E PROMOÇÃO DE DIREITOS HUMANOS DA ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. Situação territorial dos povos indígenas no Ceará. Fortaleza, 2015.

GRÜNEWALD, Rodrigo Azeredo (Org.). Toré: regime encantado de índio no Nordeste. Recife: Fundarj, 2005.

PINHEIRO, Joceny (Org.) Ceará: terra da luz, terra dos índios. História, presença e perspectiva. Fortaleza. FUNAI; IPHAN, 2002.

SARAIVA DE SOUSA, Carlos Kleber; ANDRADE, João Tadeu. Curas indígenas e práticas terapêuticas entre os Pitaguary do Ceará. IN: Saúde e Cultura {...}. João Tadeu de Andrade et all (Orgs). Fortaleza. EdUECE, 2015.

MELATTI, Júlio César. Índios no Brasil. São Paulo: EdUSP, 2007.

OLIVEIRA. João Pacheco (Org.) A viagem de volta {...}. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

▪Bibliografia Complementar

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade; SOUZA LIMA, Antônio Carlos (Orgs) Antropologia e identificação. Rio de Janeiro. Contra Capa, 2005.

CAVALCANTE, Gustava Bezerril. A natureza encantada que encanta: histórias de seres dos mangues, rios e lagoas narradas por índios Tapeba. 2010. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, 2010.

OLIVEIRA Jr., Gerson Augusto de. O encanto das águas. A relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza – CE. Museu do Ceará, 2006.

RATTS, Alex. Traços étnicos. Especialidades de culturas negras e índias. Fortaleza CE. Museu do Ceará, 2009.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto. Vilas de índios no Ceará. S/L. Pontes, 2006.

ETNOGRAFIA - ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

▪Ementa

Abordagens clássicas da etnografia e perspectivas contemporâneas. Usos do corpo, de imagens, de narrativas e do diário em campos etnográficos. Relação com os nativos e comunidades. Experiências em campos empíricos da pesquisa antropológica. Autoridade etnográfica. Limites e possibilidades do método etnográfico.

▪Bibliografia Básica

BEAUD, Stéphane; Weber, Florence. Guia para a pesquisa de campo. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CASTRO, Eduardo Viveiros. Araweté: o povo Ipixuna. São Paulo: CEDI, 1992.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Victor Civita, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 2000.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro Zahar, 2006.

SARAIVA, Kleber. Sobre os papéis do corpo na pesquisa de campo antropológica. IN: Revista Faculdade Christus. Fortaleza-CE, julho – dezembro 2005. Págs 105-116.

▪ Bibliografia Complementar

AUGÉ, Marc. O antropólogo e o mundo global. Petrópolis: Vozes, 2014.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL;UNESP, 2010.

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CASTRO, Eduardo Viveiros. Metafísicas Canibais. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CASTRO, Eduardo Viveiros. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CARDOSO, Ruth. A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GEERTZ, Clifford. O saber local. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia. São Paulo: Edusp, 2006.

ANTROPOLOGIA E MÍDIAS

▪ Ementa

Ciências sociais e a escrita jornalística e literária. Os multimeios. Comportamento e cultura. Os cadernos de opinião. Crônicas e etnografia. Ativismos, minorias e jornalismo. Produção cultural e o audiovisual. Produção de textos e imagens para websites. Mensagens midiáticas, valores e processos culturais. Sociedade global e diversidade.

▪Bibliografia Básica

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002;

ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984;

GARCIA, Wilton. Corpo, mídia e representações: estudos contemporâneos. São Paulo, Pioneira Thompson Learning, 2005.

GUATARRIA, Félix. Da produção da subjetividade. In: PARENTE, Andre. Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2001.

MACHADO, Arlindo. O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo, Paulus, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 4ª Ed., 2006.

▪Bibliografia Complementar

BAUDRILARD, Jean. Telemorfose. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão, seguido de: a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUARTE, Elizabeth Bastos e CASTRO, Maria Lília Dias (org.). Televisão: entre o mercado e a academia. Porto Alegre, Editora Sulina, 2006.

ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

▪ Ementa

História da antropologia no Brasil. Fenômenos culturais brasileiros. Estudos antropológicos. Etnografia em aldeias, quilombos, comunidades e cidades. A antropologia nas universidades brasileiras.

▪ Bibliografia básica

ATHIAS, Renato. A noção de identidade étnica na Antropologia Brasileira. Recife-PE: Ed. UFPE, 2007.

DAMATTA, Roberto. Conta de mentiroso. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____, O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____, A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

▪ Bibliografia complementar

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs). O campo da Antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. Rio de Janeiro: Ed Globo, 2001.

ANTROPOLOGIA CULTURAL

▪ Ementa

A ciência antropológica: campo de estudo. Particularidades do objeto de estudo e procedimentos metodológicos. Cultura e sociedade. Cultura e etnocentrismo. Relativismo cultural. Cultura e identidade. Diversidade cultural.

▪ Bibliografia Básica

GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

HALL, Stuart. Identidade cultura na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo. Brasiliense, 2000

▪ Bibliografia Complementar

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 1998.

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo?. São Paulo: Brasiliense, 1994.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna. Rio de Janeiro. Vozes, 1995.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade; SOUZA LIMA, Antônio Carlos (Orgs) Antropologia e identificação. Rio de Janeiro. Contra Capa, 2005.

CAVALCANTE, Gustavo Bezerril. A natureza encantada que encanta: histórias de seres dos mangues, rios e lagoas narradas por índios Tapeba. 2010. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, 2010.

OLIVEIRA Jr., Gerson Augusto de. O encanto das águas. A relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza – Ce. Museu do Ceará, 2006.

RATTS, Alex. Traços étnicos. Especialidades de culturas negras e índias. Fortaleza - CE. Museu do Ceará, 2009.

ANTROPOLOGIA DA ARTE

▪ Ementa

Teorias antropológicas e teorias estéticas: etnoestética, etnomusicologia, etnocoreologia e outros e sub-campos da área. Arte como código sociocultural. Arte, performance e agência. Arte e representação política. Arte e questões étnico-raciais. Principais tendências teórico-metodológicas. Etnografias clássicas, modernas e contemporâneas sobre arte.

▪ Bibliografia Básica

CLIFFORD, James. 1998. "Sobre o Surrealismo Etnográfico" in *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Rio de Janeiro: Edufrj.

COSTA ET AL. 2017. *Quelê. Qual é a voz da cor? Biografia de Clementina de Jesus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

EAGLETON, Terry. 1993. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GEERTZ, Clifford. 1998. "A Arte como um Sistema Cultural". In *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis: Vozes, pp. 142-181.

GINZBURG, Carlo. 2001. "Representação: a palavra, a idéia, a coisa". In: *Olhos de Madeira: Novas Reflexões sobre a Distância*. São Paulo: Cia das Letras.

LAGROU, Elsje Maris. 2007. *A fluidez da forma arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: TopBooks.

NETO, Lira. 2017. *Uma história do samba. As origens*. São Paulo: Companhia das Letras.

VELHO, Gilberto (org). 1977. *Arte e Sociedade: Ensaios de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar

▪ Bibliografia Complementar

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, R. BRIGGS, C. "Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social". *Revista Ilha*, vol. 8, n. 1 e 2, Florianópolis, 2008.

BENJAMIN, Walter, "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução". In, *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BECKER, Howard. "Explorando a sociedade fotograficamente". In, *Cadernos de antropologia e imagem*. N2

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EdUsp, 2007.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia do cinema*. Brasília: EdBrasiliense, 2ª edição.

CLIFFORD, J. "Sobre o surrealismo etnográfico". In, *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

_____. "Colecionando arte e cultura". In: *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 23, 1994.

DAWSEY, John. O teatro dos "boias-frias": repensando a antropologia da performance. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul/dez, 2005.

_____. Descrição tensa (Tension-Thick Description): Geertz, Benjamin e Performance. *Revista de antropologia, são paulo, usp*, 2013, v. 56 nº 2.

_____. A casa de Joana Dark: drama e montagem. *MANA* 18(1): 91-119, 2012

DERRIDA, J. "O teatro da crueldade eu o fechamento da representação". In, A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, M. Isto não é um cachimbo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GELL, A. "Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte". In, Revista Poiésis, n 14, p. 245-261, Dez. de 2009.

_____. "A rede Vogel: armadilhas como obra de arte e obras de artes como armadilhas". In, Revista do programa de pós-graduação em artes visuais eba. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001

_____. "A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia". In, Concinnitas. Ano 6, volume 1, número 8, julho 2005.

GINZBURG, C. "Representação. A palavra, a ideia, a coisa". In, Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia das letras, 2001.

GINSBURG, Faye. "Não necessariamente o filme etnográfico". In, Eckert & Monte-Mor (org) Imagens em foco. Novas Perspectivas em antropologia. Porto Alegre: EdUniversidade.

INGOLD, T. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais". In, Horizonte Antropológicos. V18, n37, 2012.

INGOLD, T. "Desenho fazendo escrita". In, Estar Vivo. Petrópolis: Vozes, 2015.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e comunicação. São Paulo: Ed Cultrix.

LANGDON, E. "A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral". In, Horizontes Antropológicos, ano 5, n. 12, Porto Alegre, 1999.

LAGROU, E. "Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio". In, Revista Ilha. V5, n2, 2003.

LAGROU, E. A Fluidez da Forma. Arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LATOUR, B. "O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?". In, Horizontes Antropológicos. Ano14, n29, 2008.

_____. "Não congelarás a imagem', ou: como não desentender o debate ciência-religião". In, Revista Mana. 10(2):349-376, 2004

_____. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiche. Bauru: Edusc, 2002.

MARCUS, George. O intercambio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2004, V.47 n°1.

MORPHY, H. "Arte como um modo de ação: alguns problemas com Art and Agency de Gell". In, Proa, Vo1, n3.

MORIN, Edgar. O cinema ou o homem imaginário. Moraes Editores.

MÜLLER, Regina Polo. "Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asuriní do Xingu", in Grafismo indígena: 231-248, 1992

NOVAES, Sylvia C (org). Escrituras da imagem. São Paulo: Edusp, 2004.

PIAULT, Marc. “Espaço de uma antropologia audiovisual”. In, Eckert & Monte-Mor (org) *Imagens em foco. Novas Perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: EdUniversidade.

PRICE, Sally. *Arte primitiva em centros civilizados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

SAMAIN, Etienne. “‘Ver’ e ‘dizer’ na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. In, *Horizontes Antropológicos*. N2, 1995.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das letras, 2003

SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

VARIOS. *Antropologia e Cinema: primeiros contatos*. Cadernos de Antropologia e Imagem, 1995.

VERNANT, Jean-Pierre. “Do duplo à imagem”, In, *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Pp303-330, 1990.

ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA

▪ Ementa

O campo da política no pensamento antropológico. Estruturas de poder em sociedades sem Estado. Parentesco na organização política. Status e poder político. Símbolo e poder. Religião e poder. Relações de poder e resolução de conflitos em sociedades sem Estado. As categorias cultura e poder nos processos de mudança social. Cultura e política no contexto contemporâneo. A abordagem etnográfica na Antropologia da Política. Ritos e rituais da política

▪ Bibliografia Básica

BALANDIER, Georges. *Antropologia Política*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1969.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção Estudos).

LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social kachin*. São Paulo: Edusp, 2013.

PEIRANO, Mariza (Org). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. (Antropologia da Política)

▪ Bibliografia Complementar

BARREIRA, Irllys A. F. *Ritual e símbolo na política*. Cadernos CERU, Série 2, n. 7, p. 09-35, 1996.

BEZERRA, Marcos Otávio. Em nome das bases: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 1999. (Antropologia da Política)

BORGES, Antonádia. Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003. (Antropologia da Política; 21)

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. [Tradução de Fernando Tomaz]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. (Coleção Memória e Sociedade)

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1988. (Coleção Tempo Universitário, 83)

CHAVES, Christine de Alencar. A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político. In: PEIRANO, Mariza (org). O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. Pp. 131-148. (Antropologia da Política)

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política. São Paulo, Cosac e Naify, 2004.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. (Coleção Antropologia Social).

GELLNER, Ernest. Antropologia e Política: revoluções no bosque sagrado. [Tradução de Ruy Jungmann]. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos. São Paulo: Global, 1987. Pp. 227-344.

GOLDMAN, Marcio; SANT'ANNA, Ronaldo dos Santos. Elementos para uma análise antropológica do voto. In: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio (Orgs.). Antropologia, voto e representação política. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1996. Pp. 13-40.

KUPER, Adam. A Reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

KUSCHNIR, Karina. Antropologia da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política. In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (orgs.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Pp. 20-42.

LABURTHE-TOLRA, Philippe & WARNIER, Jean-Pierre. Etnologia, Antropologia. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. [Traduzido por Paulo Neves]. São Paulo: Cosac Naify, 2003a [1925]. Pp. 183-314.

PALMEIRA, Moacir & HEREDIA, Beatriz. Os Comícios e as políticas de facções. In: Anuário Antropológico, N°. 94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

PAULINO, Antonio George Lopes. “Aceitamos Palmas”: construção simbólica e prática da economia solidária no espaço local. In: PAULINO, Antonio George Lopes. Economia solidária como projeto cultural e político: a experiência do Banco Palmas. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Pp. 217-285.

_____. Lugar e poder simbólico em Riacho Doce. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, UFC, v. 42, n. 1, jan/jun, p. 110-128, 2011.

_____. Entre a normatividade e a tradição: narrativas e imagens de resistência e reinvenção na procissão de “São José de baixo”. ST 29 – Religião, Política e Direitos na Contemporaneidade. Anais do 40ª Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, MG, 2016. <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st29-3>>.

_____. A Política no Assentamento Zumbi dos Palmares (Aracati – CE): tensões particulares e arranjos coletivos possíveis. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal – RN, 2014. GT 15. <<http://www.29rba.abant.org.br>>

PEIRANO, Mariza (Org). Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Passo-a-passo; v. 24).

SAHLINS, Marshall. Sociedades tribais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1974.

TURNER, Victor. O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura. [Tradução de Nancy Campi de Castro]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974b. (Antropologia; 7).

WEBER, Max. Sociologia da Religião. In: Economia e Sociedade. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

▪ Ementa

A construção social da ciência e da tecnologia. As epistemes modernas e o discurso científico. Ciência, ontologias e poder. Razão e racionalidade. Natureza e cultura; humano, pós-humano, não-humano.

▪ Bibliografia Básica

BOURDIEU, P. 2004. Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP

FOUCAULT, Michel. 2002. As palavras e as coisas, São Paulo: Martins Fontes.

HARAWAY, D. 2000. Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica.

LATOUR, Bruno & Woogar, S. 1997. A vida de laboratório: A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

RABINOW, P. 1999. Antropologia da Razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará;

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naify,

▪ Bibliografia Complementar

BATESON, Gregory [1936]. “Contraste etológico, competição e cismogênese”, In: Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas, São Paulo: EDUSP, 2008

BLOOR, David [1976]. “O programa forte na sociologia do conhecimento” e “Conhecimento e imaginário social: um estudo de caso”, In: Conhecimento e imaginário social. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DARWIN, Charles [1859]. “Esboço autobiográfico”, “Introdução”, Capítulos I, II, III, IV, V e XIV, In: A origem das espécies, Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

DARWIN, Charles. O diário do Beagle, Curitiba: UFPR, 2015.

DOUGLAS, Mary [1966]. “Impureza secular”, In: Pureza e perigo, São Paulo: Perspectiva

EVANS-PRITCHARD, E.E. [1937]. “A noção de bruxaria como explicação de infortúnios”, In: Bruxaria, oráculos e magia entre os azande, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

HACKING, Ian. “Construindo tipos: o caso de abusos contra crianças”. Cadernos Pagu 40, 2013

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e socialismo-feminista no século XX”, In: Tomaz Tadeu (org.), Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano, Belo Horizonte: Autêntica, 2009

INGOLD, Tim. “Contra o espaço: lugar, movimento, conhecimento”, In: Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição, Petrópolis: Vozes, 2015.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas, São Paulo: Perspectiva, 2006.

LATOUR, Bruno. “Você acredita na realidade?” e “Da fabricação à realidade”, In: A esperança de pandora: estudos sobre a realidade dos estudos científicos, Bauru: Edusc, 2001.

LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve [1988]. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1962]. “A ciência do concreto”, In: O pensamento selvagem, Campinas: Papirus, 1989.

MALINOWSKI, Bronislaw [1925]. “Superioridade racional do homem sobre o meio envolvente” e “A arte da magia e o poder da fé”, In: Magia, ciência, religião. Lisboa: Edições 70.

MAUSS, Marcel [1934]. “As técnicas do corpo”, In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac-Naify, 2003.

RABINOW, Paul. “Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossocialidade”, In: Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p.135-57.

RABINOW, Paul e ROSE, Nikolas. “O conceito de biopoder hoje”. Política e Trabalho 24, 2006.

WIENER, Nobert [1950]. “A cibernética na história”, In: Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos, São Paulo: Cultrix, 1954

ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO

▪ Ementa

Religião, magia, ciência, mito e rito. Relação entre mito, rito e estrutura social. Religiosidades brasileiras: catolicismo, devoções populares, espiritismo, protestantismos, religiões afro-ameríndio-brasileiras. Sincretismo, mediações, trânsitos e passagens. Pluralismo religioso, religiosidades contemporâneas, intolerância religiosa e fundamentalismos. Religião, globalização, transnacionalização e mídia. Religião e poder. Religiões e controvérsias públicas. Ética e pesquisa em religião.

▪ Bibliografia Básica

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Primeiro Volume. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

CARVALHO, J. Jorge de. Um Espaço Público Encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. Série Antropologia, 249. Brasília – DF: Universidade de Brasília, 1999. 22p.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália. 1ª ed. [Tradução de Paulo Neves]. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Tópicos).

LÉVI-STRAUSS, C. O Feiticeiro e Sua Magia. A Eficácia Simbólica. In: Antropologia Estrutural. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. Pp. 193-213; 215-236.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1904]. Pp. 47-181.

▪ Bibliografia Complementar

AMARAL, Rita; SILVA, Vagner G. da. Foi conta para todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. Afro-Ásia, n. 34, p. 189-235, 2006.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.

BASTIDE, Roger. O sagrado selvagem. In: O Sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Pp. 250-275.

BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1), p. 146-175, 2008.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Debates; 110)

EVANS-PRITCHARD, E. E. Antropologia Social da Religião. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

_____. Bruxarias, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2015.

FRAZER, Sir James George. O Ramo de Ouro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

GEERTZ, C. A Religião Como Sistema Cultural. "Ethos", Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. Pp. 101-142; 143-159.

_____. O Beliscão do Destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Pp. 149-165.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. A Religião: o fenômeno religioso. In: Etnologia – Antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Pp. 196-226.

LANDES, Ruth. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro, RJ: Editora da UFRJ, 2002.

LEWIS, Ioan M. Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Debates; 119)

MALINOWSKI, Bronislaw. Magia, ciência e religião. Lisboa: Edições 70, 1984. (Perspectivas do Homem; 30)

MAUSS, Marcel. A Prece. In: Antropologia. (Roberto C. de O. – Organizador). São Paulo: Ática, 1979. Pp. 102-146. (Grandes Cientistas Sociais; 11)

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homofobia religiosa e direitos LGBT: notas de pesquisa. *Latitude*, v. 07, n. 1, p. 33-51, 2013.

_____. Homoparentalidades e conjugalidades nas igrejas inclusivas: reflexões sobre nexos entre cuidado pastoral, subjetividades e política entre fiéis LGBT. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013. 5p.

_____. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro 30(2), p. 90-121, 2010.

NICOLAU, Roseane Freitas. Os Rituais carismáticos e a transformação das práticas católicas. In: MIRANDA, Júlia; PORDEUS JR., Ismael; LAPLANTINE, François (Orgs.). Imaginários sociais em movimento. Fortaleza: UFC; Pontes Editores, 2006. Pp. 127-150.

NOVAES, Regina. Juventude, Religião e Espaço Público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1), p. 184-208, 2012.

OLIVEIRA, Isabela. Um Desafio ao Respeito e à Tolerância: reflexões sobre o campo religioso daimista na atualidade. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 31(2), p. 154-178, 2011.

PAULINO, A. George L. Entre a normatividade e a tradição: narrativas e imagens de resistência e reinvenção na procissão de “São José de baixo”. ST 29 – Religião, Política e Direitos na Contemporaneidade. Anais do 40^a Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, MG, 2016. <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st29-3>>.

PEIRANO, Mariza. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Passo-a-passo; v. 24).

PORDEUS, JR., Ismael. Magia e trabalho: a representação do trabalho na macumba. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

ROCHA, Cristina; VÁSQUEZ, Manuel. O Brasil na nova cartografia global da religião. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 34(1), p. 13-37, 2014.

WEBER, Max. Sociologia da Religião. In: Economia e Sociedade. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

▪ Ementa

A antropologia no campo da saúde: o normal e o patológico. O modelo biomédico e as alternativas culturais no âmbito da saúde. Corporeidade, cultura e sociedade. Práticas culturais, doença, cura, itinerários terapêuticos e eficácia simbólica. Saúde coletiva, ambiente e políticas públicas de saúde. Geração, corpo, sexualidade e saúde.

▪ Bibliografia Básica

CANGUILHEM, Georges. O Normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CAPRA, Fritjof. O Modelo biomédico. In: O Ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São PaA antropologia no campo da saúde: o normal e o patológico. O modelo biomédico e as alternativas culturais no âmbito da saúde. Corporeidade, cultura e sociedade. Práticas culturais, doença, cura, itinerários terapêuticos e eficácia simbólica. Saúde coletiva, ambiente e políticas públicas de saúde. Geração, corpo, sexualidade e saúde.

▪ Bibliografia Básica

CANGUILHEM, Georges. O Normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000

CAPRA, Fritjof. O Modelo biomédico. In: O Ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2012. Pp. 116-155.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LAPLANTINE, François. Antropologia da Doença. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. O Feiticeiro e Sua Magia. In: Antropologia Estrutural. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. Pp. 193-213.

▪ Bibliografia Complementar

ALVES, Paulo Cesar B.; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

ANDRADE, João Tadeu de. Medicina alternativa e complementar: experiência, corporeidade e transformação. Salvador: EDUFBA; Fortaleza: Ed. UECE, 2006.

BRETON, David Le. A Sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CANESQUI, Ana Maria. Ciências sociais e saúde. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARNEIRO, Fernando Ferreira; PESSOA, Vanira Matos; TEIXEIRA, Ana Cláudia de Araújo (orgs.). Campo, floresta e águas: práticas e saberes em saúde. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

CARRARA, Sergio. Entre cientistas e bruxos: ensaio sobre os dilemas e perspectivas da análise antropológica da doença. In: ALVES, Paulo Cesar B.; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. Pp. 33-45.

CORDEIRO, Maria da Conceição da Silva. Doença de feitiço: aspecto da cosmologia amazônica. Macapá: Editora da UNIFAP, 2017. (Coleção Gapuia – Sociologia em Pesquisas e Teses)

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LAPLANTINE, François. Antropologia da Doença. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. O Feiticeiro e Sua Magia. In: Antropologia Estrutural. 6ª ed. Rio de Janeiro:

HELMAN, Cecil G. Cultura, saúde e doença. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. A Eficácia Simbólica. In: Antropologia Estrutural. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. Pp. 215-236.

MACHADO, Lia Zanotta. Dádivas, conflitualidades e hierarquias na saúde. In: MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro (orgs.). Polifonia do dom. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia. In: ALVES, Paulo Cesar B.; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

_____. O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmologia, religião, medicina e ALVES, Paulo Cesar B.; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

SARTI, Cynthia. Corpo e doença no trânsito de saberes. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, n. 74, p. 77-90, outubro, 2010.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu (16), p. 137-150, 2001.

_____. Políticas feministas do aborto. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): 440, p. 675-680, maio-agosto, 2008

TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ANTROPOLOGIA DO BRASIL INDÍGENA

▪ Ementa

Olhares sobre a identidade indígena. Cartografia dos índios no Brasil: etnias e línguas nativas, distribuição populacional e demografia. Direitos indígenas. Conquista e demandas sócio culturais e políticas. Educação indígenas. Hibridismo cultural em aldeias. Movimento indígena e Indigeníssimo.

▪ Bibliografia Básica

CUNHA, Manoela Carneiro da. Índios no Brasil. Nacional: Claro Enigma, 2013

GOMES, Mércio Pereira. Os índios e o Brasil. Nacional: Contexto, 2012.

GRUPIONI, Luiz Donizette. Índios no Brasil. São Paulo: Global, 1998.

MELATTI, Júlio Cezar. Índios o Brasil. São Paulo.EDUSP:2007

▪ Bibliografia Complementar

CASTRO, Eduardo Viveiro de. Araweté: o povo Ipixuna. São Paulo. CEDI, 1992.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo (org). Toré: regime encantado de índio no Nordeste. Recife: FUNDAJ, 2005.

MELATTI, Júlio Cezar. Índios o Brasil. São Paulo.EDUSP:2007

SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. A temática indígena na escola. Brasília. MEC, MARI, UNESCO: 1995.

ANTROPOLOGIA E LITERATURA

▪ Ementa

Estudo dos procedimentos semiológicos na criação literária e antropológica. Símbolos e mitos na relação com episteme e estilo. Literatura, antropologia e

poéticas: a persuasão das escrituras e a poiesis dos sentidos. Estrutura social e estrutura da linguagem. Dinâmicas sociais do campo da literatura. Texto, escritura e etnografia. A natureza interpretativa do trabalho de campo e a análise da etnografia como texto.

▪ Bibliografia Básica

BAUMAN, R. E C. BRIGGS. 2008. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Ilha 8(1).

CLIFFORD, J. & MARCUS, G (orgs) 2016. A escritura da cultura. Poética e Política da Etnografia. RJ: Eduerj

CLIFFORD, J. 2002. A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

GEERTZ, C. 2005. Obras e vidas o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

CULLER, J. 1999. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda.

▪ Bibliografia Complementar

BASTIDE, R. “A propósito da poesia como método sociológico” [1946] In: Queiróz, M. I. P. (org). Roger Bastide, São Paulo, Ática, 1983

CARVALHO, R. Duarte de. A Câmara, a Escrita e a Coisa Dita – Fitas, Textos e Palestras, Luanda, INALD, 1997

CARVALHO, R. Duarte de. Aviso à Navegação – olhar sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale, Luanda, INALD, 1997

CARVALHO, R. Duarte de. Vou lá visitar pastores, Lisboa, Livros Cotovia, 1999

CARVALHO, R. Duarte de. Os Kuvale na História, nas Guerras e nas Crises, Luanda, Edições Nzila, 2002

CESARINO, Pedro. Oniska: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo, Perspectiva /Fapesp, 2011

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2008

COHN, Sérgio (org). Poesia.br. São Paulo, Azougue, 2012 (vol. a. Cantos ameríndios)

CONRAD, J. No coração das trevas.

DA MATTA, Roberto. “A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia” In: Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro, Rocco, 1993

DELEUZE, G. “A literatura e a vida” In: Crítica e clínica. Tradução Peter Pál Pelbart.

São Paulo, editora 34, 1997, p. 11-16.

FRAZER, O ramo de ouro (versão resumida, Zahar, 1982), p. 19-77 e p. 248-250.

FOSTER, Hal. "O artista como etnógrafo" In: O retorno do real, São Paulo, Cosac Naify, 2014

GEERTZ, C. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002

HATOUM, Milton. "Laços de parentesco: ficção e antropologia" In: Peixoto, F. A, Pontes, H. & Schwarcz, L. (orgs). Antropologias, histórias, experiências, editora da UFMG, 2004

LEIRIS, M. África fantasma, São Paulo, Cosac Naify, 2007

LEIRIS, M. O espelho da tauromaquia, São Paulo, Cosac Naify, 2001

LEIRIS, M. A idade viril, São Paulo, Cosac Naify, 2002

STRATHERN, Marilyn, Fora de Contexto. As ficções persuasivas da antropologia. São Paulo, Terceiro Nome/ Série PPGAS/ Antropologia Hoje, 2013

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz, São Paulo, Companhia das Letras, 2001

CULTURA BRASILEIRA

▪ Ementa

Conceitos básicos: cultura, nacionalismo, identidade, diversidade, tradição e modernidade. Dinâmica das relações sociais e produção da cultura. A pluralidade cultural brasileira: análise de algumas manifestações

▪ Bibliografia Básica

BOSI, Alfredo (org.). Cultura brasileira: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

GOMES, Mércio. Os índios e o Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988, p. 37-63.

RIBEIRO, Darcy, O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lília M. e REIS, Leticia (org.). Negras imagens. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 11-29; p. 31-53; p. 179-193.

SOIHET, Rachel. A subversão pelo riso. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 19-46. OLIVEN, Ruben G. "Cultura e classe em cidades brasileiras", in: Urbanização e mudança social no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

▪ Bibliografia complementar

BATALHA, Cláudio e outros (org.). Culturas de classe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 121-163.

Bibliografia Complementar

AYALA, M. Ignez. No arranco do grito (aspectos da cantoria nordestina). SP: Ática, 1988.

BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias, 9ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

- BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 213-230.
- CARVALHO, Gilmar. Artes da tradição: mestres do povo. Fortaleza: Edições UFC, 2005.
- CASCUDO, L. da C. Antologia da alimentação.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & senzala, 52ª edição. São Paulo: Global, 2013.
- GUEDES, Simoni L. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- GUIBERNAU, Montserrat. Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 55-94. LOPES, A.
- Herculano (org.). Entre Europa e África: a invenção do carioca. Rio de Janeiro: Fund. Casa de Rui Barbosa, 2000, p. 99-109.
- LOPES, Régis. Padre Cícero. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 2000.
- MOURA, G. “A força dos tambores: a festa dos quilombos contemporâneos”, em SCHWARCZ, Lília M. e REIS, Letícia (org.). Negras imagens. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 55-79.
- OLIVEN, Ruben G. A parte e o todo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992, p. 31-45.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PORDEUS JÚNIOR, I. Umbanda: Ceará em transe. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. RIBEIRO, Darcy, Os brasileiros: 1. teoria do Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.
- RIBEIRO, Darcy, Sobre o óbvio. Rio de Janeiro: editora Guanabara, 1986.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lília Moritz e QUEIROZ, R. da Silva (org.). Raça e diversidade. SILVA, V. G. da e AMARAL, R. de C. “Símbolos da herança africana. Por que o candomblé?”, em SCHWARCZ, Lília M. e REIS, Letícia (org.). Negras imagens. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 195-209.
- VELLOSO, Mônica. Que cara tem o Brasil?: culturas e identidade nacional. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- VELLOSO, Mônica. “As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. Revista Estudos Históricos. Vol. 3, nº 6, 1990, p. 207-228.
- VELHO, G. e ALVITO, M. (org.). Cidadania e violência. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, p. 11-25; p. 179-188.
- VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Zahar editor / Editora da UFRJ, 1995. VIANNA, H. “Funk e cultura popular carioca”. Revista Estudos Históricos. Vol. 3, nº 6, 1990, p. 244-253.

LEITURAS ETNOGRÁFICAS

- Ementa

Estudos etnográficos elaborados a partir do marco da antropologia brasileira, da escola sociológica francesa, social britânica e do estruturalismo. Estudos etnográficos da antropologia do pós-guerra, contemporânea e decolonial. A relação entre pesquisa de campo e escrita etnográfica. Representação etnográfica do 'eu' e do 'outro'. Reflexividade e Escrita etnográfica.

▪ Bibliografia Básica

DESCOLA, Philippe. 2006. As lanças do crepúsculo: relações jivaro na Alta Amazônia. São Paulo: Cosac & Naify. 520pp.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 2008 Os Nuer. São Paulo: Ed. Perspectiva.

GEERTZ, Clifford. 2004 [1968]. Observando islã. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

KULIK, Don. 2008. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz.

LIZOT, Jacques. 1988. Círculo de Fogos: Feitos e Ditos dos Índios Yanomami. São Paulo: M. Fontes.

MEAD, Margareth. 2000. Sexo e Temperamento. Ed Perspectiva.

TAUSSIG, Michael. 1993. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz e Terra.

TURNER, Victor. 2005. Floresta de símbolos. Niterói: EdUFF.

▪ Bibliografia Complementar

BATESON, Gregory. 2008 [1936]. Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: Edusp.

BENEDICT, Ruth. 1988 [1946]. O Crisântemo e a Espada: Padrões de Cultura Japonesa. São Paulo: Perspectiva.

BOAS, Franz; STOCKING, George (org.). 2004. A formação da antropologia americana, 1883-1911 (Antologia). Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ.

CARVALHO, José Jorge de. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. Horizontes Antropológicos, 17(15): 107-147

CARVALHO, José Jorge de. 2002. Poder e Silenciamento na Representação Etnográfica. Série Antropologia, nº 316, PPGAS/Universidade de Brasília. 4

Clifford, James, 1998. Sobre a autoridade etnográfica. In Gonçalves, José Reginaldo (org.), A Experiência Etnográfica, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 17-62.

DESCOLA, Philippe. 2006. As lanças do crepúsculo: relações jivaro na Alta Amazônia. São Paulo: Cosac & Naify. 520pp.

DUMONT, Louis. 1997. Homo Hierarchicus: Os Sistemas das Castas e suas Implicações. São Paulo: EDUSP. Bibliografia Suplementar

EVANS-PRITCHARD, E. E. 2008 [1940]. Os Nuer. São Paulo: Ed. Perspectiva.

_____. 2004 [1937]. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar

FIRTH, Raymond. 1996 [1936]. *Nós, os Tikopia*. São Paulo: Edusp.

GEERTZ, Clifford. 2009. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

GONÇALVES, Marco Antônio. 2010. "Firth e os Tikopia." Traduzir o outro: etnografia e semelhança.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. 1997. *A Vida de Laboratório: A Produção dos Fatos Científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumara. [seleções]

LEIRIS, Michel. 2007 [1934]. *A África Fantasma*. São Paulo: Cosac Naify.

LEVI-STRAUSS, Claude. 1996 [1955]. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras

MALINOWSKI, Bronislaw. "Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipiélagos da Nova Guiné Melanésia." São Paulo

MEAD, Margaret. 1969 [1935]. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Ed. Perspectiva. Bibliografia

PEIRANO, Mariza. 1995. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro, Relume/Dumará.

TURNER, Victor. 2005 [1967]. *Floresta de símbolos*. Niterói: EdUFF.

ETNOLOGIA

▪ Ementa

Parentesco, organização política, economia e cosmologia dos grupos indígenas e quilombolas. Aspectos políticos, econômicos e socioculturais do contato interétnico. Movimento indígena e indigenista. Conhecimentos, saberes e ontologias indígenas.

▪ Bibliografia Básica

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida Rita (orgs). 2000. *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado; Paris: IRD

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. *O índio e o mundo dos brancos*. Campinas: Editora da Unicamp.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). 1993. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC/PMSP

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1993 (1991). *História de lince*. São Paulo: Companhia das Letras.

OLIVEIRA, João Pacheco de. 2004. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contracapa.

SCHADEN, Egon. (org.). 1976. Leituras de Etnologia Brasileira. São Paulo: Nacional.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac e Naify.

▪ Bibliografia Complementar

BARTH, Frederik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

BALDUS, Herbert. 1954/68. Bibliografia crítica da Etnologia brasileira. Vol. 1 e 2: São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954;

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta. Assunção: Ceaduc-Cepag, 1997..

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O índio e o mundo dos brancos. Campinas: Ed Unicamp, 1996

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com aspas. São Paulo: Cosac & Naif, 2009.

CLASTRES, Hélène. Terra sem mal. O profetismo Guarani. São Paulo: Ed Brasiliense, 1978, pp 55-91.

DESCOLA, Philippe. “Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia”. In Mana, 4.1, 1998.

ERICKSON, Philippe. "I", "Uuu", "Shhh": gritos, sexos e metamorfoses entre Os Matis (Amazônia Brasileira). Mana. v. 6, nº 2, p. 37-64, 2000.

FAUSTO, C. “Donos demais: maestria e domínio na Amazônia”. In, Mana. n 14, v 2, 2008.

FERNANDES, Florestan. – “A função social da guerra na sociedade Tupinambá”, Pioneira / Edusp, 1970

GALLOIS, Dominique; TESTA, Adriana; BRAGA, Leonardo; VENTURA, Augusto. Etnologia Brasileira: Alguns caminhos de uma antropologia indígena.

GOW, Peter. “Da etnografia à história (Introdução e Conclusão de Of Mixed Blood)”. Cadernos de Campo, v. 15, nº 14-15, p. 197-126, 2006

INGOLD, Tim. "Animalidade e Humanidade". Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 28: 39-53

KOHN, E. “Como os cães sonham.” Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, no. 19, 2016.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das letras.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “História e Etnologia”. In, _____ Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Tânia Stolze. “Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia juruna.” In Revista Brasileira de Ciências Sociais

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’”. In, Antropologia e Sociologia. São Paulo: CosacNaify, 2003.

MELIÁ, Bartomeu. “A terra sem mal dos Guarani”. Revista de Antropologia v.33, p. 33-46, 1990

MÉTRAUX, A - Os gêmeos míticos. In: A religião dos Tupinambá (Cap. 2), Brasileira, vol. 267, 2 ed., 1979 (21-43)

MONTEIRO, John. Confronto de culturas: conquista, resistência, transformação. São Paulo: Edusp, 1997

NIMUENDAJÚ, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani. São Paulo: HUCITEC: Ed. da USP, 1987.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1999.

SCHADEN, Egon. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: Editora EDUSP, 1974

SEEGER, A, DaMATTA, R & VIVEIROS de CASTRO, E. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia, n. 32, p. 2-19, 1979

TAYLOR, Anne-Christine “O corpo da alma e seus estados: uma perspectiva amazônica sobre a natureza de ser-se humano”. Cadernos de Campo v. 21, nº 21, p. 213-228, 2012

TURNER, Terence. “De cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó”. In: Viveiros de Castro, Eduardo e Carneiro da Cunha, Manuela. Amazônia – etnologia e história indígena. São Paulo: Fapesp, 1993.

SILVA, Isabelle Braz. Vilas de índios no Ceará Grande. Campinas: Pontes Editores, 2005.

VILAÇA, Aparecida. Comendo como gente: formas do canibalismo wari. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1992,

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Etnologia Brasileira”. In Sérgio Miceli (org.), O que ler na ciência social brasileira (1970-1995) – Antropologia (Volume 1)”, São Paulo, Editora Sumaré: Anpocs. 1999.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA

▪ Ementa

Métodos de pesquisa antropológica. Estudos sobre a prática do trabalho de campo, da observação participante, das técnicas que compõem o percurso da pesquisa e das discussões em torno da produção do texto etnográfico. Técnicas de levantamento e de análise de dados. Estratégias metodológicas. O estatuto da etnografia. Relatos de experiências de pesquisas e oficinas de construção do projeto de pesquisa.

▪ Bibliografia Básica

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1984.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, B., Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

WHYTE, William F. Introdução; Anexo A. In: _____. Sociedade de esquina. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

OLIVEIRA, Roberto C. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

▪ Bibliografia Complementar

BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar T.; HIKIJI, Rose Satijko G., A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.

BECKER, Howard. Introdução. Métodos de Pesquisa. São Paulo: Hucitec, 1993.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria N. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno; In: _____. A bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis; São Paulo: Editoria da UFSC : Cortez Editora, 2002

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia”, Novos Estudos CEBRAP, n.21/julho1988.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

CÓDIGO DE ÉTICA DA ABA:
<http://www.portal.abant.org.br/index.php/codigo-de-etica>

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth C.L., A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1986 (p.141-156) .

DIAS, Adriana. O universo neonazista na internet: breve relato de uma experiência etnográfica. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo; DULLEY, Iracema (organizadoras), Etnografia, etnografias. Ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. São Paulo: Annablume, 2011. (p.23-42)

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo, São Paulo, nº13, 2005, p.155-161.

FISHER, Michael M.J. Etnografia renovável: seixos etnográficos e labirintos no caminho da teoria, Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 15, nº32, p.23-52

GASKELL, George. Cap.3 Entrevistas individuais e grupais. In: _____. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIBBS, Graham. Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: Artmed, 2009. (p.59-78; 97-115)

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v.46, nº2, 2003, p.445-476 30p. disponível on-line

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Cap.4 Entrevista narrativa. In: _____. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. Cadernos Pagu, Campinas, vol. 3, 1994.

LITTLE, Paul E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, nº25, jan/jun 2006, p.85-103.

OLIVEIRA, Luis Roberto C. Pesquisas em versus pesquisas com seres humanos. In: VÍCTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice;

ORO, Ari Pedro. Antropologia e ética. O debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF, 2004.

OLIVEIRA, Roberto C. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério?” – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo; DULLEY, Iracema (organizadoras), Etnografia, etnografias. Ensaio sobre a diversidade do fazer antropológico. São Paulo: Annablume, 2011. (p.43-58)

PEIRANO, Mariza. Cap.1 Os antropólogos e suas linhagens; cap.2 A favor da etnografia. In: _____. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

STRATHERN, Marilyn. Cap.4 Os limites da autoantropologia. In: _____. O efeito etnográfico. São Paulo: Cosac & Naif, 2014. (p.133-157)

TRIANA, Bruna; GÓMEZ, Diana. A análise fílmica na antropologia: tópicos para uma proposta teórico-metodológica. In: _____. BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar T.; HIKIJI, Rose Satijko G., A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome, 2016, p.109-126.

URIARTE, Urpi M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto Urbe, São Paulo, vol.11, 2012, p.1-11. disponível on-line

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: _____. Pesquisas urbanas. Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. (p.11-19)

MITO, RITO E COSMOLOGIA

▪ Ementa

Mitos, ritos e performance. Estudos de mito e rito e sua relação com a cosmologia. Sistemas dos signos: símbolo, ícone e índice. Pensamento antropológico sobre religião e o papel do rito. Xamanismo, rito e mito.

▪ Bibliografia Básica

BAUMAN, R. E C. BRIGGS. 2008. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha* 8(1).

GEERTZ, Clifford 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio, Zahar.

HOUSEMAN, M. O Vermelho e o Negro: Um Experimento Para Pensar o Ritual. *Mana*, v. 9, n. 2, p. 79-107, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. 1973. *Antropologia Estrutural I e II*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

_____. *Mitológicas*. São Paulo: CosacNaify.

MAUSS, M. HUBERT, H. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. *Ensaaios de sociologia*, p. 142-227,. Perspectiva São Paulo 1899.

PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TURNER, V. *Floresta de símbolos - aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Editora da Universidade federal Fluminense, 2005.

▪ Bibliografia Complementar

ALMEIDA, Mauro. “A Fórmula Canônica do Mito” In: Queiroz, Ruben C. de & Nobre, Renarde F. (eds.). *Lévi-Strauss. Leituras Brasileiras*. Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, pp. 147-182.

BATESON, Gregory. 2008. Naven – Um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: Edusp.

BOURDIEU, Pierre. 1996 (1975). “A linguagem autorizada – As condições sociais da eficácia do discurso ritual”. Em: *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, pp. 85-96.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela e Eduardo Viveiros de Castro. 1985. “Vingança e temporalidade: os Tupinambá”. *Journal de la Société des Américanistes*, vol. 71, pp. 191-208.

DAMATTA, Roberto. “Carnavais, paradas e procissões” pp 44-84. In: DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. RJ: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. 2002 *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martin Fontes.

ELIADE, M. “Renovação do Tempo” In: In: ELIADE, Mircea. *O Mito do eterno retorno*. 1969. Pp 56-96.

- ELIADE, M. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972
- FRAZER, James. 1982. "Balder o belo". Em: O ramo de ouro. Rio de Janeiro: Zahar editores, pp. 203-247
- GENNEP, Arnold. 2011. "Classificação dos ritos" e "A passagem material". Em: Os ritos de passagem. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 23-32; pp. 13-44
- GLUCKMAN, Max. 2011 (1954). Rituais de rebelião no sudoeste de África. Série textos de aula, Antropologia 4, Brasília: Editora da UnB, 34 p.
- GOODY, Jack. O Mito, o ritual e o oral. Petrópolis: Vozes, 2012. Pp 58-62; 91-109.
- HOUSEMAN, M. O Vermelho e o Negro: Um Experimento Para Pensar o Ritual . Mana, v. 9, n. 2, p. 79-107, 2003.
- LANGDON, Ester Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral. Horiz. antropol. [online]. 1999, vol.5, n.12
- LEACH, Edmund. 1983 (1958). "Cabelo mágico". Em: Antropologia. São Paulo: Ática, pp. 139-169
- LEACH, E. Nascimento virgem. In: R. Da Matta (Ed.); Edmund Leach: Antropologia. p.116-138,. São Paulo: Ática 1983.
- LEACH, E. O gênese enquanto um mito. In: R. Da Matta (Ed.); Edmund Leach: Antropologia. p.57-69,. São Paulo: Ática 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1996 [1958]. "A eficácia simbólica" em Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Pp. 215-236.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1991 (1971). "Finale". Em: Mitológicas IV - El hombre desnudo. Madrid: Siglo XXI
- LÉVI-STRAUSS, Claude – 1985. " 'Totem e Tabu' versão jivaro". In: A Oleira Ciumenta. São Paulo: Editora Brasiliense. pp. 229-253.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Gesta de Asdiwal. In: C. Lévi-Strauss (Ed.); Antropologia estrutural dois. p.152-205,. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw. "Características essenciais do Kula". Em: Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo:. 71-86
- MALINOWSKI, B. "Mito em Psicologia Primitiva". In: Magia, Ciência e Religião. Pp. 34-55.
- MAUSS, Marcel.1974. "Introdução"; "As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las" (Polinésia). Em: Sociologia e Antropologia (Ensaio sobre a dádiva). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, pp. 39-67.
- MAUSS, M. A expressão obrigatória de sentimentos (1921). In: R. C. de Oliveira (Ed.), I. Toscano (Trans.); Mauss: Antropologia. v. 11, p.147-153,. São Paulo: Ática 1979.
- MAUSS, M. and HUBERT, H. Sobre o sacrifício. São Paulo: CosacNaify, 2005.
- PEIRANO, M. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp 7-41

SCHECHNER, Richard. 2012 (2002). "Ritual". In: Performance e antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad X, pp. 49-89.

TURNER, Victor. 1974. O processo ritual. Petrópolis: Editora Vozes

TURNER, V. Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu. Niterói: Ed. VAN TURNER, Victor 2005.

DEWEY, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte). Cadernos de Campo 13: 177-185.

UNIDADE CURRICULAR DE CIÊNCIA POLÍTICA

a) OBRIGATÓRIAS:

CIÊNCIA POLÍTICA I

▪ Ementa

Definições de ciência política. Origens grega e romana do pensamento político. Democracia antiga e moderna. Fundamentos da Política moderna. Temas contemporâneos da Ciência Política.

▪ Bibliografia Básica

ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BATISTA, Cristiane; ECHART MUÑOZ, Enara (Org.). Teoria e prática da política. Curitiba: Appris, 2017.

DAHL, Robert A. Análise política moderna. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1988. (Coleção Pensamento Político, 26).

KELLSTEDT, Paul M.; WHITTEN, Guy D. Fundamentos da Pesquisa em Ciencia Politica. Blucher: São Paulo, 2015.

NICOLAU, Jairo. Sistemas eleitorais. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2012.

PLATÃO. A república. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SARTORI, Giovanni. A Teoria da Democracia Revisitada. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil.

Sociologia, n. 48, p. 27-52, maio 2005.

▪ Bibliografia Complementar

CHEVALLIER, Jean Jacques. As grandes obras politicas de Maquiavel a nossos dias. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

DIAS, Reinaldo. Ciência Política. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

DUVERGER, Maurice. Ciência política: teoria e método. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

NICOLAU, Jairo. Representantes de quem?: os (des)caminhos do seu voto da urna à

Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2017.

RUSSELL, Bertrand. Historia Do Pensamento Ocidental. Rio de Janeiro: NOVA FRONTEIRA, 2017.

WEFFORT, Francisco C (Org.). Os Clássicos da Política. 10. ed. São Paulo: Editora Atica, 2001. v. 2.

WEFFORT, Francisco C (Org.). Os Clássicos da Política. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006. v. 1.

WOLFF, Francis. Aristóteles e a Política. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. (Clássicos & Comentadores).

CIÊNCIA POLÍTICA II

▪ Ementa

Teoria política do Renascimento à era moderna. O nascimento da ciência política empírica. Contratualismo Moderno. Impactos da revolução Francesa. Divisão dos Poderes. Regimes representativos. Utilitarismo.

▪ Bibliografia Básica

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução em França. Brasília: Ed. da UnB, 1997. (Coleção Pensamento Político, 51).

HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. O Federalista. Belo Horizonte: Lider, 2003.

HOBBS, Thomas. Leviatã; ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LA BOÉTIE, Étienne De. Discurso Sobre a Servidão Voluntária. [S.l.]: L.C.C. Publicações Eletrônicas, 2006.

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (Coleção clássicos do pensamento político, 14).

MAQUIAVEL. O Príncipe. [S.l.]: Ed. Ridendo Castigat Moraes, 2005.

MARX, Karl. A Guerra Civil na França. A revolução antes da revolução. Assim Lutam os Povos. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 339–442.

MILL, John Stuart. O Governo Representativo. São Paulo: Editora Escala, 2009.

MILL, John Stuart. Sobre a Liberdade. Petrópolis: Vozes, 1991.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. O espírito das leis. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ROUSSEAU, J. J. Do Contrato Social. Oeiras: Editorial Presença, 2010. (Livros que Mudaram o Mundo, 8).

TOCQUEVILLE, Alexis De. A democracia na América. São Paulo: Martins Fontes, 2004. v. II: Sentimentos e opiniões: de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos.

TOCQUEVILLE, Alexis De. A democracia na América. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. I: Leis e costumes ; de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático.

TRISTÁN, Flora. União Operária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos Direitos da Mulher. São Paulo: Boitempo, 2016.

▪ Bibliografia Complementar

BABEUF, Gracchus. Manifesto dos Iguais. Paris, 1796.

CHEVALLIER, Jean Jacques. As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. Belo Horizonte, [S.d.]. FERREIRA, Lier Pires et al. (Org.). Curso de ciência política: grandes autores do pensamento político moderno contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

ROBESPIERRE, Maximilien De. Discursos e relatórios na Convenção. Rio de Janeiro:

EDUERJ/Contraponto, 1999.

SIEYÈS, Emmanuel Joseph. Considerações Preliminares sobre o que é o Terceiro Estado? 1788.

SPINOZA, Baruch De. Tratado Político. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Clássicos WMF).

THOREAU, Henry David. A desobediência civil. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

VITULLO, Gabriel; CUNHA FILHO, Clayton M. Introdução. In: VITULLO, GABRIEL; CUNHA FILHO, CLAYTON M. (Org.). Os antifederalistas: O outro lado do debate constitucional estadunidense. Brasília: EdUnB, No prelo.

WEFFORT, Francisco C (Org.). Os Clássicos da Política. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. v. 2.

WEFFORT, Francisco C (Org.). Os Clássicos da Política. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006. v.1.

CIÊNCIA POLÍTICA III

▪ Ementa

Perspectivas marxistas da política. Teoria das elites. Modelos de democracia. Ação Coletiva. Estado e liberaisismos. Justiça. Reconhecimento, gênero e minorias.

▪ Bibliografia Básica

DAHL, Robert A. Poliarquia. São Paulo: EDUSP, 1997. (Coleção Clássicos, 9).

LENIN, Vladimir Ilich. Que fazer? A organização como sujeito político. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Dialética).

MICHELS, Robert. Sociologia dos Partidos Políticos. Brasília: EdUnB, 1982. (Coleção Pensamento Político, 53).

OLSON, Mancur. A Lógica da Ação Coletiva: Os Benefícios Públicos e uma Teoria dos Grupos Sociais. São Paulo: EDUSP, 1999. (Coleção Clássicos, 16).

PATEMAN, Carole. O contrato sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RAWLS, John. Uma teoria da justiça. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

SCHUMPETER, J. A. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

▪ Bibliografia Complementar

BERNSTEIN, Eduard. Socialismo Evolucionário. Rio de Janeiro: Instituto Teotônio Vilela, 1997. (Coleção Pensamento Social-Democrata).

DOWNS, Anthony. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: EDUSP, 1999. (Coleção Clássicos, 15).

DUSSEL, Enrique. 20 Teses de Política. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. (Coleção Pensamento Social Latino-Americano).

ELSTER, Jon. Marxismo, funcionalismo e teoria dos jogos. Argumentos em favor do individualismo metodológico. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 17, p. 163–204, jun. 1989.

FERES, João; POGREBINSCHI, Thamy. Teoria política contemporânea: uma introdução. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FERREIRA, Lier Pires et al. (Org.). Curso de ciência política: grandes autores do pensamento político moderno contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. Cadernos de Campo, n. 14/15, p. 231–239, 2006.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

KYMLICKA, Will. Direitos humanos e justiça etnocultural. Meritum, v. 6, n. 2, p. 13–55, 2011.

LUXEMBURGO, Rosa. Reforma ou Revolução? São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, Cidadania e Política Democrática Radical. In: MIGUEL, LUIS FELIPE; BIROLI, FLÁVIA (Org.). Teoria política feminista: textos centrais. Niterói/Vinhedo: Editora da UFF/Editora Horizonte, 2013. p. 265–282.

NOZICK, Robert. Anarquia, Estado e Utopia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1991.

MANIN, Bernard; PRZEWORSKI, Adam; STOKES, Susan C. Eleições e representação. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 67, p. 105–138, 2006.

MOSCA, Gaetano. A Classe Política. In: CRUZ, M. BRAGA DA (Org.). . Teorias sociológicas – os fundadores e os clássicos (antologia de textos). 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian., 2004. p. 405–419.

PARETO, Vilfredo. As Elites e o Uso da Força na Sociedade. In: SOUZA, AMAURY DE (Org.). . Sociologia Política. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966. p. 70–88.

PITKIN, Hanna Fenichel. Representação: palavras, instituições e idéias. Lua Nova, v. 67, p. 15–47, 2006.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SCHMITT, Carl. O conceito do político/Teoria do Partisan. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 67, p. 139–190, 2006.

CIÊNCIA POLÍTICA IV

▪ Ementa

Linhagens do Pensamento Político Brasileiro. Coronelismo e poder local. Nacionalismo. Estado, governo e povo brasileiro. Presidencialismo de Coalizão e Política Brasileira Contemporânea.

▪Bibliografia Básica

ABRANCHES, Sérgio. O presidencialismo de coalizão. Dados, v. 31, n. 1, 1988, p. 5-33.

ARRETCHE, Marta. Democracia, federalismo e centralização no Brasil. Rio de Janeiro, Editora FGV/Editora Fiocruz, 2012.

BARRETTO, Vicente. Evolução do pensamento político brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

BASTOS, Tavares. A província: estudo sobre a descentralização no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BOMFIM, Manoel. O Brasil na América: características da formação brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. São Paulo: Hucitec, 2007.

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. Dependência e desenvolvimento na América Latina. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CARDOSO, Fernando Henrique. Política e desenvolvimento em sociedades dependentes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CARVALHO, José Murilo. A construção da ordem. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

CINTRA, Antônio Octávio e AVELAR, Lúcia (orgs). Sistema Político Brasileiro: uma introdução. 2ª Ed. São Paulo: Konrad/UNESP, 2007.

DOLHNIKOFF, Miriam. O Pacto Imperial: origem do federalismo no Brasil do século XIX. São Paulo: Globo, 2005.

FAORO, Raymundo. Existe um pensamento político brasileiro? São Paulo: Ática, 1994.

FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil. 5 ed. São Paulo: Globo, 2006.

FURTADO, Celso. Análise do 'modelo' brasileiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 15ª ed. São Paulo: Editora nacional, 1977.

IANNI, Octavio (org). Política e revolução social no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

JAGUARIBE, Hélio. Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MEDEIROS, Jarbas. Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro, EFGV, 1978.

NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NUNES, Edson. A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: ENAP, 1997.

PIVA, Luiz Guilherme. Ladrilheiros e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sergio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940). São Paulo: Ed. 34, 2000.

RAMOS, Guerreiro. A crise do poder no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

ROMERO, Sílvio. Realidades e ilusões no Brasil: Parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.

TORRES, Alberto. A organização nacional. 3ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

VIANNA, Oliveira. Populações meridionais do Brasil: história, organização psicológica. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

WEFFORT, Francisco. Formação do pensamento político brasileiro: ideias e personagens. São Paulo: Ática, 2006.

▪Bibliografia Complementar

AMARAL, Antonio Azevedo. O Estado Autoritário e a Realidade Nacional. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

BRESSER PEREIRA, Luiz C. Desenvolvimento e crise no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

CAMPOS, Francisco. O Estado Nacional. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

CEPÊDA, Vera Alves. Dilemas do pensamento político: famílias intelectuais e as interpretações sobre o Brasil. Revista de Sociologia e Política, v. 16, n. 31, p. 231–238, nov. 2008.

COSTA, Cruz. Pequena história da república. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DUARTE, Nestor. A Ordem Privada e a Organização Social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

FILHO, Luiz Viana. A vida de Joaquim Nabuco. São Paulo: Cia editora nacional, 1952.

LIMA, Oliveira. Formação histórica da nacionalidade brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

LUZ, Nícia Vilela. A luta pela industrialização do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MANTEGA, Guido. A economia política brasileira. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

MORAES FILHO, Evaristo de. As ideias fundamentais de Tavares Bastos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

NABUCO, Joaquim. Um Estadista do Império. Rio de Janeiro, Topbooks (2vols.), 1998. ————. Minha formação. Brasília: Senado Federal, 1998.

PECAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil. São Paulo, Ática, 1990.

PONTES, Carlos. Tavares Bastos (Aureliano Cândido 1839-1875). 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

RAMOS, Guerreiro. A redução sociológica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1965.

RODRIGUES, José Honório. Aspirações nacionais. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

SALDANHA, Nelson. História das idéias políticas no Brasil, Brasília: Senado Federal, 2001.

VISCONDE DO URUGUAI. “Ensaio sobre o Direito Administrativo”, in J. Murilo de Carvalho (org.), Visconde do Uruguai. São Paulo, Editora 34, 2002.

ESTADO E EDUCAÇÃO

▪ Ementa

Concepções de Estado e de educação. O estudo das concepções de direitos sociais, sociedade política e sociedade civil. O espaço público e o controle social em educação. A política educacional e o debate contemporâneo: o contexto

sociopolítico e econômico do final de século XX e início do século XXI. Política educacional: demanda social x demanda de mercado. Políticas educacionais atuais.

▪Bibliografia Básica

BOBBIO, Norbert. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOBBIO, Norberto. Estado, governo e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2000. P. 53 a 133

TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais: afinal do que se trata? Belo Horizonte: UFMG, 1999.

IANNI, Octávio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

LIBÂNEO, J. Carlos.; OLIVEIRA, J. F. de.; TOSCHI, M. S. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PAOLI, Maria Célia. Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania no Brasil. In: SANTOS, Boaventura Souza. Democratizar a democracia. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2002.

▪ Bibliografia Complementar

ARAÚJO, G. C. Estado, política educacional e direito à educação no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 279-292, jan./abr. 2011. Editora UFPR

AREIAS PRADO, Glória Iára. O MEC e a reorganização curricular. 2000. Disponível em: Acesso em: 04 de Fev. de 2015.

BARBOSA, Livia. Igualdade e Meritocracia. A Ética do Desempenho nas Sociedades Modernas. RJ: FGV, 1999.

BOBBIO, N., Matteucci, N. & Pasquino, G. (1986). Dicionário de política (2 vols.). Brasília: Editora Universidade Brasília.

BOTO, Carlota. A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Unesp, 1996

CHAUÍ, Marilena. Democracia e sociedade autoritária. Comunicação & Informação, jul./dez. 2012, vol.15, no. 2, p.149-161.

DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum” ou localizando uma “agenda globalmente estruturada para a educação”? Educação, Sociedade & Cultura, São Paulo, nº 16, p. 133-169, 2001.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. Executivo e Legislativo na nova ordem constitucional. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. (orgs.). Teoria e educação no labirinto do capital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GENTILI, Pablo ;SILVA, T. Tadeu (orgs.). Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996.

HORTA, José Silvério Baia. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 104, p. 5-34, 1998.

LOURENÇO Filho, M. B. A Educação: problema nacional. R.B.E.P., v. 1, n. 1, jul/44.

SACRISTÁN, Jose Gimeno. A educação obrigatória: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2000

SANTOS, Wanderley Guilherme. Cidadania e justiça. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1997.

SARTORI, Giovanni. A teoria da democracia revisitada – v. 1: o debate contemporâneo. São Paulo: Ática, 1994.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; PINA, Leonardo Docena; MACHADO, Vinícius de Oliveira; LIMA, Marcelo. A base nacional comum curricular: um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 1, p. 107-121, abr. 2017.

b) Optativas:

ANÁLISE DE POLÍTICAS PÚBLICAS

▪ Ementa

Bem público e problema de ação coletiva. Paradigmas organizacionais: racional-legal, gerencial e participativo. Os fundamentos das diferentes perspectivas para análise de políticas públicas. Processo decisório. Implementação de políticas públicas. Avaliação de políticas públicas.

▪ Bibliografia Básica

DAHL, Robert. Análise política moderna. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

PACHECO, Regina Silvia. A agenda da nova gestão pública. In: LOUREIRO, Maria Rita; ABRUCIO, Fernando Luiz; PACHECO, Regina Silvia (Org.). Burocracia e política no Brasil: desafios para a ordem democrática no século XXI. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2010. p. 183–218.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Da administração pública burocrática à gerencial. Revista do Serviço Público, v. 47, n. 1, 1996.

▪ Bibliografia Complementar

LINDBLOM, Charles. O processo de decisão política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

MERTON, Robert K. Sociologia: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

NUNES, Edson. A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLSON, Mancur. A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais. São Paulo: Edusp, 1999.

WEBER, Max. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1963, p. 230-281.

CAPITAL SOCIAL E DEMOCRACIA

▪ Ementa

Definição de capital social. A formação do capital social: a confiança, a reciprocidade e a cooperação. As teorias do capital Social. Capital social e desenvolvimento local/comunitário. Capital social, participação política e democracia.

▪ Bibliografia Básica

DURSTON, John. Construyendo capital social comunitario. Revista de La Cepal, Santiago de Chile, dec. 1999, p. 103-118.

_____. O Que es el capital social comunitario? Santiago do Chile: CEPAL, 2000. (Política Sociales, 38).

EVANS, Peter. O Estado como problema e solução. Lua Nova, São Paulo, n. 28 e 29, 1993.

FRANCO, Augusto de. Capital social. Brasília: Millenium, 2001.

FUKUYAMA, Francis. A Grande ruptura: a natureza humana e a reconstrução da ordem social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

KLIKSBERG, Bernardo. Falácias e mitos do desenvolvimento social. São Paulo: Cortez / UNESCO, 2001.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. Sociologia, problemas e práticas, Lisboa, n. 33, p. 133-138, 2000.

PUTNAM, Robert. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. Capital social e democracia: a vida comunitária anima o desenvolvimento político. Braudel Papers, São Paulo, n. 10, 1995.

▪ Bibliografia Complementar

ABU-EL-HAJ, Jawdat. O Capital social: uma revisão crítica. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 47, 1999.

CASTEL, Robert. As Metamorfoses da Questão Social . Vozes, Petrópolis-RJ, 1998.

OLSON, Mancur. A Lógica da ação coletiva. São Paulo: EDUSP, 1999.

ROCHA, Carlos Vasconcelos. Neoinstitucionalismo como modelo de análise para as políticas públicas. Cívitas, Porto Alegre – volume 5 – Nº 1 – Jan/jun. 2005.

SCHNEIDER, Volker. Redes de Políticas Públicas e a condução de sociedades complexas. Cívitas, Porto Alegre – volume 5 – Nº 1 – Jan/jun. 2005.

CULTURA E COMPORTAMENTO POLÍTICO

▪ Ementa

Valores sociais e políticos: confiança, tolerância e adesão à democracia. Ideologia. Preferência partidária. Participação política. Comportamento eleitoral.

▪ Bibliografia Básica

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christopher. Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano. São Paulo: Francis, 2009.

MOISÉS, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 66, p. 11–43, fev. 2008.

MOISÉS, José Álvaro; CARNEIRO, Gabriela Piquet. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. Opinião Pública, v. 14, n. 1, p. 1–42, jun. 2008.

PAIVA, Denise; TAROUCO, Gabriela da Silva. Voto e identificação partidária: os partidos brasileiros e a preferência dos eleitores. Opinião Pública, v. 17, n. 2, p. 426–451, nov. 2011.

RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. Participação e pós-materialismo na América Latina. Opinião Pública, v. 16, n. 1, p. 28–63, jun. 2010.

FUKS, M.; CASALECCHI, G. Á; GONÇALVES, G. Q.; DAVID, F. F. Qualificando a adesão à democracia no Brasil: quão democráticos são os democratas brasileiros? Revista Brasileira de

Ciência Política, n. 19, jan.-jun. 2016. p. 199-219.

CARREIRÃO, Yan de Souza; KINZO, Maria D'Alva. Partidos políticos, preferência partidária e

decisão eleitoral no Brasil (1989/2002). DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, 2004, p. 131-168.

▪ Bibliografia Complementar

SPECK, B. W.; BALBACHEVSKY, E. Identificação partidária e voto. As diferenças entre petistas e peessedebistas. Opinião Pública, v. 22, n. 3, 2016. p. 569-602.

GIMENES, É. R.; FURRIEL, W. O.; BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. Partidarismo no Brasil: Análise longitudinal dos condicionantes da identificação partidária (2002-2014). Debates, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 2016. p. 121-148.

RIBEIRO, E. A.; BORBA, J. Protesto político na América Latina: tendências recentes e determinantes individuais. *Opinião Pública*, v. 21, n. 1, abr. 2015. p. 188-216.

PUTNAM, R. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DAHL, R. A. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

ALMEIDA, Alberto Carlos. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

AQUINO, Jakson Alves de. Socialização e política. *Sociedade e Cultura*, v. 7, n. 2, p. 191–205, jul./dez. 2004.

ESTADO E CLASSES SOCIAIS NO BRASIL

▪ Ementa

Universidades no Brasil e o papel da ciência na mudança social; debates fundadores da sociologia e da ciência política; o papel do intelectual na sociedade; dependência e desenvolvimento; burguesia nacional, compradora e interna; elite gerencial do setor público; polarizações teóricas sobre o poder político no Brasil após a redemocratização.

▪ Bibliografia Básica

ABRANCHES, Sérgio. “Presidencialismo da coalizão: o dilema institucional brasileiro.” *Dados* 3 (1): 5–33, 1988

BOITO, ARMANDO JR. “O lulismo é um tipo de bonapartismo? Uma crítica às teses de André Singer” *Revista Crítica Marxista*, no. 37 (171-182), 2013

CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FIGUEIREDO, Argelina, Fernando Limongi e Ana Luiza Valente. Governabilidade e concentração do poder institucional - o governo FHC. *Tempo Social* v. 11, no. 2, 1999.

GUIMARÃES, A. S. A. . "Baianos" e "paulistas": duas escolas de relações raciais. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 11, n.1, p. 75-96, 1999

LIMONGI, Fernando. “Presidencialismo, coalizão partidária e processo decisório.” *Novos Estudos CEBRAP*, no. 76, 17–41, 2006.

PRADO JUNIOR, Caio. *A revolução brasileira (Brasiliense)*, 1966.

SADER, Éder and Maria Celia Paoli. “Sobre ‘classes populares’ no pensamento sociológico brasileiro,” in CADOSO, Ruth (ed.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SINGER, André. *RAÍZES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DO LULISMO*. *Novos Estudos CEBRAP*.no. 85 (83-102), 2009.

TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: Fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977

VIANA, Oliveira. Populações meridionais no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

▪ Bibliografia Complementar

ABU-EL-HAJ, Jawdat “Left Bonapartism and the Class Nature of the Workers Party Governments in Brazil: A Critique of the Internal Bourgeoisie Thesis”, Latin American Perspectives, 2016.

ARRUDA, Maria Arminda. Metr pole e Cultura. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

CARDOSO, Fernando Henrique. “O regime político brasileiro” Cadernos CEBRAP, no. 2, 1971.

CARDOSO, Irene. Universidade da Comunhão Paulista. São Paulo: Corte), 1982.

DINIZ, Eli. “Desenvolvimento e estado desenvolvimentista”. Sociologia e Política, v.21 no. 47 (9-20), 2012. FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO e Fundação Friedrich Ebert (org.). Classes? Que Classes? Ciclo de Debates sobre Classes Sociais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Friedrich Ebert, 2013.

LIMONGI, Fernando e Fernando GUARNIERI. Competição partidária e voto nas eleições presidenciais no Brasil. Opinião Pública v. 21, no. 1, 2015

LIMONGI, Fernando e Rafael Cortez. As eleições de 2010 e o quadro partir io. Novos Estudos, no. 88, nov, 2010.

PEREIRA, Luis Carlos Bresser. Empresários, o governo do PT e o desenvolvimentismo. Revista de Sociologia e Política, v.21 no. 47 (21-29), 2013.

SALLUM, Brasílio. “O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo.” Tempo Social v.11 no. 2, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon; Bomeny, Helena Maria e Costa, Vanda Maria. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ESTADO E MOVIMENTOS SOCIAIS

▪ Ementa

Estado, classe social, partido político e movimentos sociais. A lógica da ação coletiva. A crise da forma partido tradicional e os movimentos sociais como nova forma de participação política. Surgimento e evolução dos movimentos sociais no Brasil. Estado, movimentos sociais e as Organizações Não-Governamentais.

▪ Bibliografia Básica

OLSON, Mancur. A lógica da ação coletiva. São Paulo, Edusp, 1999.

TILLY, Charles 2004. Social movements, 1768-2004. Boulder/London: Paradigma.

TOURAINE, Alain. O retorno do ator – Ensaio sobre sociologia. Trad. Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

▪ Bibliografia Complementar

ALONSO, A. 2009. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Lua Nova. Revista de cultura e política, São Paulo, n. 76, p. 49-86.

AVRITZER, L. 2008. Instituições participativas e desenho institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. Opinião Pública, Campinas, vol. 14, nº 1, jun., p. 43-64.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 1997.

GOHN, Maria da Glória. História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995.

GRAMSCI, Antonio. Estado e sociedade civil. In: O leitor de Gramsci. Carlos Nelson Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.267-289. MONTAÑO, C. e DURIGUETTO, M.L. Estado, classe e movimento social. São Paulo: Cortez, 2010.

WOOD, Ellen M. Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2ª edição, 2010.

INSTITUIÇÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS

▪ Ementa

Centralismo e descentralização política no Brasil Monárquico. República e federalismo brasileiros. Sistemas eleitorais e sistemas partidários. O modelo presidencialista de coalizão no Brasil. Sistema político brasileiro e reforma política.

▪ Bibliografia Básica

ABRANCHES, Sérgio H.H. de.(1988), “Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro”. Dados, v.31, nº1.

AMES, Barry. (2003), Os entraves da democracia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

AVELAR, L. & CINTRA, A.Octavio (orgs). (2007) Sistema político brasileiro: uma introdução. 2ªed. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Editora Unesp.

FAORO, Raymundo. (1998) Os donos do poder. 13ed. São Paulo: Globo.

FIGUEIREDO, A. & LIMONGI, F. (2001), Executivo e legislativo na Nova Ordem Constitucional. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

LAMOUNIER, Bolívar. (1992), Estrutura institucional e governabilidade na década de 1990. In: Velloso, João P. dos R. (org) O Brasil e as reformas políticas. Rio de Janeiro: José Olympio.

LIJPHART, Arend.(2003), Modelos de Democracia: desempenho e padrões de governo em 36 países. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LIJPHART, Arend. (1989), As democracias contemporâneas. Lisboa: Gradiva.

MAINWARING, Scott P. (2001), Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

NICOLAU, Jairo M. (1993), Sistema eleitoral e reforma política. Rio de Janeiro: Foglio Ed.

SANTOS, Fabiano. (2003), O poder legislativo no presidencialismo de coalizão. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

SCHWARTZ, Bernard.(1984), O federalismo norte-americano atual. Rio de Janeiro: Editora Forense.

SCHWARTZMAN, Simon (1982), Bases do autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro: Campus.

SOARES, Gláucio A.D; RENNÓ, Lúcio R.(orgs). (2006), Reforma política: lições da história recente. Rio de Janeiro: Editora FGV.

VIANA, Oliveira. (1999), Instituições políticas brasileiras. Brasília: Editora Senado Federal, 1999.

TAVARES, José Antônio G. (1994), Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas: teoria, instituições, estratégias. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

▪ Bibliografia Complementar

AVRITZER, Leonardo; ANASTASIA, Fátima. (orgs). (2006), Reforma política no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG.

TAVARES, José Antonio G. (2003), O Sistema Partidário na Consolidação da Democracia Brasileira. Brasília: Instituto Teotônio Vilela.

SARTORI, Giovanni. (1993), Nem presidencialismo, nem parlamentarismo. Novos Estudos. São Paulo, Cebrap (35):3-14, mar.

LAURENT, A, DEFOSSE, P, FROGNIER, A-P. (2004), Les systèmes électoraux: permanences et innovations. Paris: L'Harmattan.

NOHLEN, Dieter. (1995), Sistemas electorales y partidos políticos. Cidade do México: UNAM: Fondo de Cultura Económica.

LAMOUNIER, Bolívar; NOHLEN, Dieter (orgs.). (1993), Presidencialismo ou parlamentarismo: perspectivas sobre a reorganização institucional brasileira. São Paulo: Loyola, 1993.

LANZARO, Jorge. (org.).(2003), Tipos de presidencialismo y coaliciones políticas em América Latina. Buenos Aires: Clacso.

PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL

▪ Ementa

Sistemas partidários e evolução histórica dos partidos políticos no Brasil. O sistema político no Império. República: Estado e sistema político. Partidos e

regionalismo. 1930-1945: a Revolução de 30, os partidos e A.L.N. Integralismo. 1945-1964: populismo e sistema partidário. O pós 1964: Estado autoritário e sistema político. Bipartidarismo e reorganização partidária. Volatilidade e fragmentação partidária. Partidos, eleições e estabilidade democrática. Sistema partidário contemporâneo.

▪ Bibliografia Básica

AMES, Barry. Os entraves da democracia no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

CHACON, Vamireh. História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas. Brasília: Ed. UnB, 1981.

CHARLOT, Jean. Os partidos políticos. Brasília: Editora da UnB, 1982.

DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. A evolução do sistema eleitoral brasileiro. Brasília: Senado Federal, 2001.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. História e teoria dos partidos políticos no Brasil. 3ªed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1980.

LAMOUNIER, Bolívar. Partidos e utopias: o Brasil no limiar dos anos 90. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

LAVAREDA, José Antonio. A democracia nas urnas: o processo partidário eleitoral brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. IUPERJ, 1991.

LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. (org). O balanço do poder – formas de dominação e representação. Rio de Janeiro, Rio Fundo Ed., IUPERJ, 1990.

LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. (org). Sistema eleitoral brasileiro: teoria e prática. Rio de Janeiro, Rio Fundo Ed., IUPERJ, 1991.

LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. Os partidos políticos brasileiros: a experiência federal e regional (1945-64). Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de.(org) O sistema partidário brasileiro: diversidade e tendências, (1982-94). Rio de Janeiro, Editora FGV, 1997.

LIMONGI, Fernando e FIGUEIREDO, Argelina. Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

MAINWARING, Scott P. Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001. Rio de Janeiro: FGV.

MENEGUELLO, Raquel. Partidos e governos no Brasil contemporâneo (1985-1997). São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MICHELS, Robert. Sociologia dos partidos políticos. (1914). Brasília: Editora da UnB, 1982.

MONTENEGRO, Abelardo. Os partidos políticos do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

NICOLAU, Jairo Marconi. Sistemas Eleitorais. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PANEBIANCO, Ângelo. Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SARTORI, Giovanni. Partidos e sistemas partidários. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: UnB, 1982.

SEILER, Daniel-Louis. Os partidos políticos. Brasília: UnB, 2000.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A democracia interrompida. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2001.

SOUSA, Maria do Carmo Campello de. Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964). São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

TAVARES, José Antonio Giusti. Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas: teoria, instituições, estratégias. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

▪Bibliografia Complementar

AMADO, Gilberto. Eleição e representação. Brasília: Senado Federal, 1999.

ABRANCHES, Sérgio. O presidencialismo de coalizão. Dados, v. 31, n. 1, 1988, p. 5-33.

ARAÚJO, Maria Celina d'. Sindicato, carisma e poder: o PTB de 1945-65. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

CINTRA, Antônio Octávio; AVELAR, Lúcia (orgs.). Sistema Político Brasileiro: uma introdução. 2ª Ed. São Paulo: Konrad/UNESP, 2007.

DINIZ, Eli; AZEVEDO, Sérgio de (Org.). Reforma do Estado e democracia no Brasil. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

HIPPOLITO, Lucia. De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

KINZO, Maria D'Alva G. Partidos, eleições e democracia no Brasil pós-1985. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 54, fev. 2004.

KLEIN, Cristian. O desafio da reforma política – consequências dos sistemas eleitorais de lista aberta e fechada. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

LIJPHART, Arend. Modelos de Democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MAINWARING, Scott. Meneguello, Raquel e Power, Timothy. Partidos conservadores no Brasil contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são suas bases. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MELO, Carlos Ranulfo; SÁEZ, Manuel Alcántara (orgs.). A Democracia Brasileira: balanço e perspectivas para o século 21. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Introdução à história dos partidos políticos brasileiros. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

NUNES, Edson. A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: ENAP, 1997.

PORTO, Walter Costa. Dicionário do voto. Brasília, Editora UnB, 2000.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos, ideologia e composição social. São Paulo: Edusp, 2002.

PENSAMENTO LIBERAL E CONSERVADOR

▪ Ementa

Estado e economia de mercado na visão liberal e conservadora do século XIX. O indivíduo-cidadão e o estado. As instituições políticas liberais e seu funcionamento. Liberalismo, Conservadorismo e democracia. Liberalismo e neoliberalismo: as tendências do século XX. O conservadorismo Inglês e Norte-Americano. Autoridade, poder e tradição.

▪ Bibliografia Básica

BELLAMY, Richard. Liberalismo e sociedade moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

BUCHANAN, James M. Custo e escolha. Uma indagação em teoria econômica. São Paulo: Instituto Liberal/Inconfidentes, 1993.

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução na França. São Paulo: Edipro, 2014.

COUTINHO, João Pereira. As ideias conservadoras. São Paulo: Três estrelas, 2014.

DALRYMPLE, Theodore. Em defesa do preconceito: a necessidade de se ter ideias

preconcebidas. São Paulo: É Realizações, 2015.

GRAY, John. Falso amanhecer: os equívocos do capitalismo global. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HAYEK, Friedrich August. O caminho da servidão. 5ª ed, Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

HAYEK, Friedrich August. Os fundamentos da liberdade. Brasília: UnB, 1983.

KIRK, Russel. A política da prudência. São Paulo: É Realizações, 2013.

LASKI, Harold. O liberalismo europeu. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

MERQUIOR, José Guilherme. O liberalismo: antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova

MILL, John Stuart. Sobre a liberdade. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MISES, Ludwig von. A ação humana. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

MISES, Ludwig von. As seis lições. 6. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1998.

MISES, Ludwig von. Liberalismo. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Liberal, 1987.

MITCHELL, William C; SIMMONS, Randy T. Para além da política: mercados, bem-estar social e o fracasso da burocracia. Rio de Janeiro: Topbooks: Instituto Liberal, 2003.

RAWLS, John. O liberalismo político. Brasília: Ed. Atica: Instituto Teotônio Vilela, 2000.

ROSANVALLON, Pierre. O liberalismo econômico: história da idéia de mercado. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

OAKESHOTT, Michael. Sobre a história. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

OAKESHOTT, Michael. Conservadorismo. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.

SCRUTON, Roger. Como ser um conservador. Rio de Janeiro: editora Record, 2016.

SCRUTON, Roger. O que é conservadorismo. São Paulo: É Realizações, 2015.

SOWELL, Thomas. Conflitos de visões. São Paulo: É Realizações, 2011.

VICENTE, Andrew. Ideologias políticas modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

WOLFF, Robert P. A miséria do liberalismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

▪ Bibliografia Complementar

BUCHANAN, James M. Uma teoria individualística do processo político. In: EASTON, David (org.). Modalidades de análise política. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

BUCHANAN, James. Aproximación de un economista a la política como ciencia, Estudios Públicos, n. 25, 1987, p. 5-16.

BUCHANAN, James. Democracia limitada o ilimitada. Estudios Públicos, n. 6, 1982, p. 37-51.

COLSON, C. Organismo econômico e desordem social. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1911.

GREENE, Theodore M. Liberalismo: teoria e prática. São Paulo: IBASA, 1983.

HAYEK, Friedrich August. Os princípios de uma ordem social liberal. In: CRESPIGNY, Anthony de e CRONIN, Jeremy. Ideologias políticas. Brasília: UnB, 1981, p. 47-63.

HUME, David. Ensaios morais, políticos e literários. São Paulo: abril cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

LOSURDO, Domenico. Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; São Paulo: Ed Unesp, 2004.

MENGER, Carl. Princípios de economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1983 (Col. Os Economistas).

MERQUIOR, José Guilherme. O argumento liberal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MILL, John Stuart. Considerações sobre o governo representativo. Brasília: UnB, 1981.

MISES, Ludwig von. Intervencionismo. Uma análise econômica. Rio de Janeiro: Instituto Liberal/Expressão e Cultura, 1991.

MISES, Ludwig von. Uma crítica ao intervencionismo. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica: Instituto Liberal, 1987.

SMITH, Adam. A riqueza das nações. Investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: abril Cultural, 1983, Livro I (Col. Os Economistas).

SMITH, Adam. Teoria dos sentimentos morais. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 380-390.

PENSAMENTO POLÍTICO MARXISTA

▪ Ementa

Marxismo e Política. O Pensamento político marxista clássico: Marx, Lênin e Gramsci.

Marxismo Ocidental. Marxismo na América Latina. Pós-Marxismo.

▪ Bibliografia Básica

MARX, Karl. As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850 . In A Revolução antes da Revolução, Expressão Popular, São Paulo, 2008.

_____. O 18 Brumário de Luís Bonaparte . In A Revolução antes da Revolução, Expressão Popular, São Paulo, 2008..

LÊNIN - O Estado e a Revolução . In obras escolhidas, vol I, Editora Alfa Omega, São Paulo, 1986.

_____. As Lições da Revolução . In obras escolhidas, vol I, Editora Alfa Omega, São Paulo, 1986

GRASMCI, Antonio. Maquiavel , a Política e o Estado Moderno. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

ANDEERSSON, Perry. Considerações Sobre o Marxismo Ocidental.. Editora Brasileira, São Paulo, 1976.

BOBBIO, Norberto. Nem com Marx, nem contra Marx .Editora Unesp, São Paulo, 2006.

ARICÓ, José. .Marx e a América Latina. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

MOORE, Carlos. Marxismo e Questão Racial .Editora Mandylá, Belo Horizonte, 2010.

▪ Bibliografia Complementar

ANDERSON, Perry. A crise da Crise do Marxismo. Editora Brasileira, São Paul, 1984.

BENSAÏD, Daniel. Marx, o Intempestivo: Grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BORON, Atílio A; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Org.). A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Buenos Aires/São Paulo: CLACSO Expressão Popular, 2007.

BOSTEELS, Bruno. El marxismo en América Latina. Nuevos caminos al comunismo. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional/Presidencia de la Asamblea Legislativa Plurinacional, 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. O Conceito de Política nos cadernos do Cárcere. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

LOUREIRO, Isabel (Org.). Socialismo ou Barbárie: Rosa Luxemburgo no Brasil. São Paulo: Estação das Artes/Rosa-Luxemburg-Stiftung, 2008.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. A guerra Civil na França . In A Revolução antes da Revolução, Expressão Popular, São Paulo, 2008.

POGREBINSCHI, Thamy. O enigma político de Marx. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

Grasmi no Mundo de Hoje – Francisco Fernández Buey.

POSTONE, Moishe. Tempo , Trabalho e Dominação social . Boitempo Editora, São Paulo, 2014.

THERBORN, Goran. From Marxism To Post Marxism. London ; New York: Verso Press USA, 2008.

ZIZEK, Slavoj. As Portas da Revolução. Escritos de Lenin de 1917. Edição: 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

PENSAMENTO POLÍTICO PÓS-COLONIAL

▪ Ementa

A origem e os fundamentos do pensamento político pós-colonial. O grupo de estudos pós-coloniais. O grupo de estudos subalternos. O grupo Modernidade/Colonialidade. O arcabouço conceitual do pensamento Modernidade/Colonialidade. A geopolítica do conhecimento e as ciências sociais. A América Latina e o Giro Decolonial.

▪ Bibliografia Básica

CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GOSFOGUEL, Ramón [Orgs.] El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Instituto Pensar, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2007.

_____. Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In

LANDER, Edgardo [Org.] A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. CLACSO, Buenos Aires, 2005.

DUSSEL, Enrique. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade. In Epistemologias do Sul. SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria de Paula [Orgs.], Editora Cortez, São Paulo, 2010.

_____. 1492 o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Editora Vozes, Petrópolis, 1993.

GOSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do século XVI. *Revista Sociedade e Estado* – volume 31, número 1, janeiro/abril, 2016.

_____. Descolonizar as esquerdas ocidentais: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. *Revista Contemporânea*, V.2, nº 2, p.337-362, jul-Dez, 2013.

_____. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmordenidade, pensamento de fronteira e colonialidade do poder. In *Epistemologias do Sul*. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula [Orgs.], Editora Cortez, São Paulo, 2010

LANDER, Edgardo [Org.] A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. CLACSO, Buenos Aires, 2005.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade política. *Cadernos de leitura da UFF*, dossiê literatura, língua e identidade, nº 34, P. 287-324, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Histórias locais/projetos globais: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar. *Coleção Humanistas*, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In *Epistemologias do Sul*. SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria de Paula [Orgs.], Editora Cortez, São Paulo, 2010.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Edgardo Lander [org.] *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Buenos Aires, 2005.

_____. Colonialidade do Poder, globalização e democracia. *Novos Rumos, USP*, ano 17, nº 37, p.4-26, São Paulo, 2002

TORRES, Maldonado Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In *Epistemologias do Sul*. SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria de Paula [Orgs.], Editora Cortez, São Paulo, 2010.

▪ Bibliografia Complementar

BELLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de ciência política*, nº 11, PP.89-117, maio-agosto, Brasília, 2013.

HOLANDA, Francisco Uribam Xavier de Holanda. América Latina no Século XXI: as resistências ao padrão Mundial de Poder. Expressão Gráfica Editora, Fortaleza, 2016.

ESCOBAR, Arthuro. Mundos y conocimientos de outro modo: el programa de investigación Modernidad/Colonialidad latinoamericano. *Tabua Rasa*, n.1, p.58-86, Bogotá, 2003.

PENSAMENTO AUTORITÁRIO BRASILEIRO

- Ementa

Pensamento político brasileiro, autoritarismo, totalitarismo, fascismo. A ideologia do estado autoritário, o autoritarismo instrumental. Autoritarismo civil-militar. Redemocratização da década de 1980.

- Bibliografia Básica

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. 10. ed. Brasília: UnB, 1997. 2. v.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, vol. 1, São Paulo: Difel, 1975.

- Bibliografia Complementar

AMARAL, Azevedo. O estado autoritário e a realidade nacional. Brasília: Câmara dos Deputados: UnB, 1981.

CAMPOS, Francisco. O estado nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico. Brasília: Senado Federal, 2001.

LINZ, Juan. Autoritarismo e democracia. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.

_____. Poder e política: crônica do autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

VIANNA, Oliveira. Populações meridionais do Brasil. 7. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

_____. Problemas de política objetiva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

_____. Problemas de direito corporativo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. Problemas de direito sindical. Rio de Janeiro: Max Limonad, 1943.

_____. Direito do trabalho e democracia social. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

SOCIOLOGIA POLÍTICA MACRO-HISTÓRICA

- Ementa

História e Ciências Sociais. Metodologia Comparativa Macro-Histórica. Capitalismo, Modernização e Transformações Sociais. Formação e Transformação do Estado. Expansão da Cidadania e Direitos Humanos.

- Bibliografia Básica

- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Lisboa: Editorial Presença, 1972. (Biblioteca de Ciências Humanas, 19).
- BURKE, Peter. História e teoria social. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- CENTENO, Miguel Ángel. Sangre y Deuda: Ciudades, Estado y construcción de Nación en América Latina. Bogotá, D.C: Universidad Nacional de Colombia, 2014.
- ESPING-ANDERSEN, Gøsta. As três economias políticas do welfare state. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 24, p. 85–116, set. 1991.
- HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Boitempo, 2013. v. I.
- MOORE JR., Barrington. As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (Ensino Superior).
- POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- SKOCPOL, Theda. Estados e Revolução Social: Análise Comparativa da França, Rússia e China. Lisboa: Editorial Presença, 1985. (Métodos).
- TILLY, Charles. Coerção, Capital e Estados Europeus, 990-1992. São Paulo: EDUSP, 1996. (Clássicos, 7).
- WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

▪ Bibliografia Complementar

- HOBBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Org.). A Invenção da Tradição. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico, 55).
- MARSHALL, T. H. Cidadania, Classe Social e Status. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista, 150 anos depois: Karl Marx, Friedrich Engels. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo/Contraponto, 1998.
- PIERSON, Paul. Politics in Time: History, Institutions, and Social Analysis. Princeton: Princeton University Press, 2004.

TEORIA DO ESTADO

▪ Ementa

A formação do Estado Moderno. Teorias e tipologias do Estado. Estado e Classes Sociais. Capitalismo e Estado do Bem-estar. Estado, Mercado e Sociedade Civil. Estado e Globalização Financeira.

▪ Bibliografia Básica

BORBA, Pedro. Sociologia Política e o Espectro da Modernização na América Latina. Cadernos de Trabalho NETSAL. v. 3, n. 8, p. 3–28, 2015.

CARNOY, Martin. Estado e teoria política. Campinas: Papirus, 1994.

CENTENO, Miguel Ángel. Sangre y Deuda: Ciudades, Estado y construcción de Nación en América Latina. Bogotá, D.C: Universidad Nacional de Colombia, 2014.

ESPING-ANDERSEN, Gøsta. As três economias políticas do welfare state. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 24, p. 85–116, set. 1991.

HIRSCH, Joachim. Teoria Materialista do Estado: processos de transformação do sistema capitalista de Estados. Tradução Luciano Martorano. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2010.

O'DONNELL, Guillermo. Apuntes para una teoría del Estado. Revista Mexicana de Sociología, v. 40, n. 4, p. 1157–1199, out. 1978.

O'DONNELL, Guillermo. Democracia, agência e estado: teoria com intenção comparativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

OSZLAK, Oscar. Formación Histórica del Estado en América Latina: Elementos teórico-metodológicos para su estudio. In: ACUÑA, CARLOS H. (Org.). . Lecturas sobre el Estado y las políticas públicas: Retomando el debate de ayer para fortalecer el actual. Buenos Aires: Proyecto de Modernización del Estado/Jefatura de Gabinete de Ministros de la Nación, 2007. p. 115–141.

SKINNER, Quentin. *El nacimiento del Estado*. Buenos Aires: Latorre Literaria, S.A., 2003

TILLY, Charles. Coerção, Capital e Estados Europeus, 990-1992. São Paulo: EDUSP, 1996. (Coleção Clássicos, 7).

▪ Bibliografia Complementar

CENTENO, Miguel Angel; FERRARO, Agustín (Org.). State and nation making in Latin America and Spain: republics of the possible. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

DAALDER, Hans. State Formation, Parties and Democracy: Studies in Comparative European Politics. [S.l.]: ECPR Press, 2011.

ERIKSEN, Stein Sundstøl. Regimes, constituencies and the politics of state formation: Zimbabwe and Botswana compared. International Political Science Review, v. 33, n. 3, p. 261–278, 1 jun. 2012.

ERTMAN, Thomas. Birth of the Leviathan: Building States and Regimes in Medieval and Early Modern Europe. [S.l.]: Cambridge University Press, 1997.

GONZÁLEZ, Miguel; BURGUETE CAL Y MAYOR, Aracely; ORTIZ-T, Pablo. La autonomía a debate: autogobierno indígena y estado plurinacional en América Latina. [S.l.]: FLACSO Ecuador, 2010.

KARL, Terry Lynn. The Paradox of Plenty: Oil Booms and Petro-States. [S.l.]: University of California Press, 1997.

KURTZ, Marcus J. Latin American State Building in Comparative Perspective: Social Foundations of Institutional Order. New York: Cambridge University Press, 2013.

LAVALLE, Adrian Gurza et al. Sociedade civil, Estado e autonomia: argumentos, contra-argumentos e avanços no debate. *Opinião Pública*, v. 21, n. 1, p. 157–187, abr. 2015.

MEYER, Ohn W. et al. World Society and the Nation-State. *The American Journal of Sociology*, ArticleType: research-article / Full publication date: July 1997 / Copyright © 1997 The University of Chicago Press, v. 103, n. 1, p. 144–181, 1 jul. 1997.

RISSE, Thomas; STOLLENWERK, Eric. Legitimacy in Areas of Limited Statehood. *Annual Review of Political Science*, v. 21, n. 1, p. 403–418, 2018.

SAES, Décio. A Formação do Estado burguês no Brasil: 1888-1891. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros, 86).

THWAITES REY, Mabel (Org.). El Estado en América Latina: continuidades y rupturas. Santiago de Chile: CLACSO / Editorial Arcis, 2012.

TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

▪ Ementa

Quatro abordagens tidas como norteadoras da teoria das relações internacionais nos séculos XX e XXI: o utopismo, racionalismo, realismo, neo-realismo. Duas novas tendências analíticas: marxismo e interdependência.

▪ Bibliografia Básica

ANGELL, Norman. A grande ilusão. Brasília: UnB/IPRI, 2002.

BULL, Hedley. A sociedade anárquica. Brasília: UnB/IPRI, 2002

CARR, E. H. Vinte anos de crise: 1919-1939. Brasília: Editora UnB/IPRI, 2002

WIGHT, Martin. A política do poder. Brasília: Editora UnB/IPRI, 2002.

MORGENTHAU, Hans. Política entre as nações. Brasília: UnB/IPRI, 2002

▪ Bibliografia Complementar

CHILCOTE, Ronald (org). The Political Economy of Imperialism. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

LEGRO, Jefferey; MORAVCSIK, Andrew. “Is anybody still a realist?” *International Security*, v. 24, no. 2 (Fall), 1999.

SARAIVA, José Flávio Sombra. “Revisitando a Escola Inglesa” *Revista Brasileira de Política Internacional* vol. 49, no.1 Jan./June 2006.

WALTZ, Kenneth. “Structural realism after the cold war” *International Security*, v. 25, no.1 (Summer), 2000.

NYE, Norman. O paradoxo do poder americano. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

TEORIAS DA DEMOCRACIA

▪ Ementa

Origens e fundamentos teóricos da democracia. Democracia e Poliarquia. Modelos de Democracia. Democracia direta e democracia representativa. Democracia e capitalismo. Democracia e sistema econômico global. Globalização financeira e desafios à democracia.

▪ Bibliografia Básica

DAHL, Robert A. Poliarquia. São Paulo: EDUSP, 1997. (Coleção Clássicos, 9).

DAHL, Robert A. Sobre a Democracia. Brasília: EdUnB, 2016.

DOWNS, Anthony. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: EDUSP, 1999. (Coleção Clássicos, 15).

HELD, David. Modelos de democracia. Editora Paideia: Belo Horizonte, 1987.

LIJPHART, Arend. Modelos de democracia: desempenho e padrões de governo em 36 países. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SARTORI, Giovanni. A Teoria da Democracia Revisitada. São Paulo: Editora Ática, 1994. v. 1: O Debate Contemporâneo.

SCHUMPETER, J. A. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.v.8.

STREECK, Wolfgang. Tempo Comprado: a crise adiada do capitalismo democrático. Lisboa: Leya, 2014

▪ Bibliografia Complementar

AGUIAR, Thais Florencio De. Demofobia e demofilia: dilemas da democratização. Rio de Janeiro, RJ: Azougue Editorial, 2015.

ARAÚJO, Cícero. República e democracia. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 51, p.5–30, 2000.

PEREIRA DA SILVA, Fabricio. Democracias errantes: reflexões sobre experiências participativas na América Latina. 1a edição ed. Rio de Janeiro, RJ: Ponteio, 2015.

SANTOS, Wanderley Guilherme Dos. A democracia impedida: o Brasil no século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

VITULLO, Gabriel Eduardo. As outras teorias da democracia: participacionismo, deliberacionismo e republicanismo cívico. Natal: EDUFRN, 2012.

TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS NA AMÉRICA LATINA

▪ Ementa

A América Latina como conceito e objeto. Economia Política Latino-Americana: CEPAL, Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, Dependência. Populismo e Quebras Democráticas. Redemocratização e Reformas Neoliberais. Virada à Esquerda e Nova Direita. Pós-Colonialismo.

▪ Bibliografia Básica

BENGOA, José. La emergencia indígena en América Latina. 2. ed. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2007.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 22, n. 44, p. 289–321, dez. 2009.

CENTENO, Miguel Ángel. Sangre y Deuda: Ciudades, Estado y construcción de Nación em América Latina. Bogotá, D.C: Universidad Nacional de Colombia, 2014.

FERES JR., João. A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos. Bauru/São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2005. (Coleção Ciências Sociais).

GEDDES, Barbara. O quê sabemos sobre democratização depois de vinte anos? Opinião Pública, v. 7, n. 2, p. 221–252, nov. 2001.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000. (Coleção A Outra Margem).

O'DONNELL, Guillermo. Modernización y autoritarismo. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.

PEREIRA DA SILVA, Fabricio. Vitórias na crise: trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

PREBISCH, Raúl. O manifesto latino-americano: e outros ensaios. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, 2011.

SVAMPA, Maristella. Debates latinoamericanos: indianismo, desarrollo, dependencia y populismo. Primera edición ed. Buenos Aires: Edhasa, 2016.

SANTOS, Wanderley Guilherme Dos. Sessenta e quatro: anatomia da crise. São Paulo, SP, Brasil: Vértice, 1986. (Grande Brasil, Veredas, 1).

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). Direita, volver!: retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

▪ Bibliografia Complementar

BENGOA, José. ¿Una segunda etapa de la Emergencia Indígena en América Latina? Cuadernos de antropología social, n. 29, p. 07–22, jul. 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. As Três Interpretações da Dependência. Perspectivas, v. 38, p. 17–48, 2010.

CORTÉS M, Alexis. Modernización, dependencia y marginalidad: itinerario conceptual de la sociología latinoamericana. *Sociologias*, v. 14, n. 29, p. 214–238, abr. 2012.

CUNHA FILHO, Clayton M. Los dilemas de la representación política contemporánea en Bolivia: movimientos sociales, partido y Estado en tiempos de “Proceso de Cambio”. *Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 1, p. 105–115, 2015.

CUNHA FILHO, Clayton M. Uma Década de “Proceso de Cambio”: Balanço e Perspectivas. In: CUNHA FILHO, CLAYTON M.; VIANA, JOÃO PAULO S. L. (Org.). *A Bolívia no Século XXI: Estado Plurinacional, Mudança de Elites e (Pluri)Nacionalismo*. Curitiba: Appris, 2016. p. 295–312.

KURTZ, Marcus J. *Latin American State Building in Comparative Perspective: Social Foundations of Institutional Order*. New York: Cambridge University Press, 2013.

MAHONEY, James. *Colonialism and postcolonial development: Spanish America in comparative perspective*. New York: Cambridge University Press, 2010. (Cambridge studies in comparative politics).

ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS

▪ Ementa

Quatro principais teorias de políticas públicas: Institucionalismo clássico; Racionalismo; Sistemas e Incrementalismo. Sete novas tendências: Neo-institucionalismo (histórico, sociológico e racionalista); Mixed scanning; Processos políticos; Grupos de pressão; Elites políticas; Teoria dos jogos e Escolha pública. Análise de três experiências de intervenção governamental no Nordeste: DNOCS, BNB e SUDENE.

▪ Bibliografia Básica

BARDACH, Eugene. *A practical guide for policy analysis*. Los Angeles: Sage, 2012

BREWER, Gary; DELEON, Peter. *The Foundations of Policy Analysis*. Monterey, Cal.: Brooks, Cole, 1983.

CARVALHO, Otamar. *Desenvolvimento Regional*. São Paulo: Editora Campus, 1979

COHN, Amélia. *Crise regional e planejamento*. São Paulo: Perspectivas, 1976.

DAHL, Robert. *A Preface to Economic Democracy*. New Haven: Yale University Press, 1985.

DNOCS. *Conferências: visões do semiárido por dirigentes do Dnocs*. Fortaleza: DNOCS/BNB-Etene, 2010.

EMMETT, Ross B., ed. *The Elgar Companion to the Chicago School of Economics*. Cheltenham: Edward Elgar, 2010.

HALL, Peter; TAYLOR, Rosemary. "As três versões do neo-institucionalismo." Lua Nova, no. 58, 2003, p. 193-223.

HIRSCHMAN, Albert . "Os problemas do Nordeste brasileiro" in Política econômica na América Latina. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1968

ROBOK, STEFAN. Desenvolvimento econômico regional: o Nordeste brasileiro. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1964.

▪ Bibliografia Complementar

ARBIX, Glauco e SCOTT Martin 2011 Beyond Developmentalism and Market Fundamentalism in Brazil: Inclusionary State Activism without Statism. Center for World Affairs and the Global Economy (WAGE) University of Wisconsin-Madison

HABERMAS, Jurgen. Structural Transformation of the Public Sphere. Cambridge, Mass: MIT Press, 1989.

HALL, Peter; TAYLOR, Rosemary. "As três versões do neo-institucionalismo." Lua Nova, no. 58, 2003, p. 193-223.

LASSWELL, Charles. Politics: Who Gets What, When, How? New York: MacGraw- Hill, 1936.

LIJPHART, Arend. Patterns of Democracy: Government Forms and Performance in Thirty-Six Countries. New Haven: Yale University Press, 1999.

LINDBLOM Charles. The science of muddling through. Public Administration Review v. 19, no. 2, 1959, p. 79-88.

LINDBLOM Charles. The market system: what it is, how it works, and what to make of it. New Haven: Yale University Press, 2001.

MOUFFE, Chantal. Agonistics: Thinking The World Politically. London – New York: Verso, 2013.

OSTROM, Elinor. Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action. New York: Cambridge University Press, 1990.

PATEMAN, Carole. Participation and democratic theory. Cambridge England: Cambridge University Press, 1970.

PATEMAN, Carole. The problem of political obligation: a critique of liberal theory. Cambridge: Polity, 1985.

POMPEU SOBRINHO, Tomás 1958 História da seca. Fortaleza: A Batista Fontenele.

UNIDADE CURRICULAR DE SOCIOLOGIA

a) Obrigatórias:

SOCIOLOGIA I

▪ Ementa

Sociologia e vida social. Modernidade e emergência da Sociologia. Nascimento da economia moderna mundial. Estado moderno, revoluções políticas e conflitos sociais. A Sociologia como ciência. Objeto e método na escola francesa.

▪ Bibliografia Básica

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

_____. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

IANNI, Octávio. Enigmas da modernidade-mundo. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

TARDE, Gabriel de. Monadologia e sociologia e outros ensaios. São Paulo: CosacNaify, 2007.

ELIAS, Norbert. Introdução à sociologia. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

▪ Bibliografia Complementar

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 11. ed. Petropolis: Vozes, 1994. Petropolis, RJ: 1985.

FORACCI, Marialice M. & SOUZA MARTINS, José (orgs.). Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 2. ed. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LEPENIES. Wolf. As três culturas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

QUINTANEIRO, Tânia. Um toque de clássicos. Marx, Durkheim, Weber. Editora UFMG, 2003.

TARDE, Gabriel de. A opinião e as massas. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Filho, 2005.

THEMUDO, Tiago Seixas. Gabriel Tarde: sociologia e subjetividade. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2002.

VARGAS, Eduardo Viana. Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2000.

SOCIOLOGIA II

▪ Ementa

Escola alemã. Materialismo histórico dialético. As lutas de classes. Sociologia compreensiva. A ética econômica das religiões mundiais. Sociologia formal, sociabilidades e vida cotidiana.

▪ Bibliografia Básica

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 5a ed. São Paulo: Bertrand, 1987.

_____. A ideologia alemã: São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

_____. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2.ed. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2001.

_____. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. v. 1. Brasília: UnB, 1999.

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de. Georg Simmel. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

▪ Bibliografia Complementar

LEPENIES, Wolf. As três culturas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

_____. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SIMMEL, Georg. Filosofia do amor. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. O fenômeno urbano. 4ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VANDENBERGHE, Frédéric. Uma história filosófica da sociologia alemã: alienação e reificação. Vol. I. Marx, Simmel, Weber e Lukács. São Paulo: ANNABLUME, 2012.

WEBER, Max. A ética econômica das religiões mundiais. Confucionismo e taoísmo. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SOCIOLOGIA III

▪ Ementa

Modelos contemporâneos de análise da vida social. Escola de Chicago. Interacionismo simbólico. Teoria da prática e poder simbólico. Processo civilizador e sociologia das figurações. Teoria da estruturação.

▪ Bibliografia Básica

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Papirus Editora, 1996.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COULON, Alain. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papirus, 1995.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A. & TURNER, J. (orgs.) Teoria Social Hoje. São Paulo: Editora UNESP, 1999, pp. 127-174.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador, vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Zahar, 2001.

▪ Bibliografia Complementar

BECKER, Howard. Conferência A Escola de Chicago. In: Mana – estudos de Antropologia Social, vol. 2, no. 2, out/ 1996, snt.

_____. Uma teoria da ação social. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987.

_____. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

ELIAS, Norbert. Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel; MACHADO, Roberto. Microfísica do poder. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

_____. A representação do eu na vida cotidiana. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PARK, Robert. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. Gilberto. (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, pp. 26-67.

SOCIOLOGIA IV

▪ Ementa

Interpretações do Brasil. Emergência da Sociologia no Brasil. Teorias e agendas da Sociologia brasileira. Diálogos com o pensamento sociológico na América Latina e África.

▪ Bibliografia Básica

GALEANO, Eduardo H. As veias abertas da América Latina. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SCHEIDT, Eduardo (org). Integração na América Latina em Perspectiva Interdisciplinar. Curitiba: Ed. Prismas, 2017.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens Livres na Ordem Escravocrata. São Paulo: Unesp, 1997.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1973.

PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Globo Livros, 2006.

IANNI, Octávio. Raças e classes sociais no Brasil. 3. ed., rev. e acrescida de novos capítulos. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Estudos afro-asiáticos, v. 23, n. 1, p.171-209, 2001.

▪ Bibliografia Complementar

FANON, Franz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do ouro. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. P. 324.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Renan. A Sociologia de Florestan Fernandes. Manaus: ADUA, 2008.

MOTA, Lourenço Dantas. Introdução ao Brasil 1: um banquete no trópico. 5. ed. São Paulo, SP: Ed. SENAC São Paulo, 2008.

MOTA, Lourenço Dantas. Introdução ao Brasil 2: um banquete no trópico. São Paulo, SP: Ed. SENAC, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. América em tempo de conquista. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. (Coleção Jubileu. América: 500 anos).

BOMFIM, Manuel. A América Latina - males de origem. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

▪ Ementa

Educação e sociologia. Programas escolares e ideais pedagógicos. Integração, reprodução, legitimação e desigualdades sociais. Microsociologia da educação, interacionismo e construtivismo simbólico. *Habitus*, trajetórias, práticas. Fracasso, sucesso, reinvenção escolar. Políticas, avaliações e educação no Brasil.

▪ Bibliografia Básica

ALMEIDA, A.M.F. e NOGUEIRA, M.A. (Orgs.). A Escolarização das Elites: Um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002.

DURKHEIM, E. A Evolução Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 1995.

_____. Educação Moral. (trad. R. Weiss). Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUDELLOT, Christian e ESTABLET, Roger. Escola, a luta de classes recuperada. (trad. Mariana Barreto). Revista Pós Ciências Sociais. Vol. 11, Nº 32, Jul-Dez 2014. P.198 - 2013.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares - As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Homem Plural - Os determinantes da ação. (trad. Jaime A. Classen). Petrópolis: Vozes, 2002.

▪ Bibliografia Complementar

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. (trad. Aparecida J. Gouveia) In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Orgs.). Pierre Bourdieu - Escritos de Educação. 11ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J-C. A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino. (trad. Reynaldo Bairão). 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Os Herdeiros - Os estudantes e a cultura. (trad. Ione R. Valle e Nilton Valle). Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

BOURDIEU, P. e WACQUANT, L.J.D. Réponses. Paris: Seuil, 1992.

DODIER, N. Agir em diversos mundos. (trad. Raul de Carvalho). In: CARVALHO, M.C.B. de. (Org.). Teorias da Ação em Debate. São Paulo: Cortez, Fapesp IEE - PUC, 1993.

DUBET, F; DURU-BELLAT, M. e VÉRÉTOUT, A. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. Sociologias. Vol. 14, Nº 29, Jan-Abr/2012. P. 22-70.

DUBET, F. As Desigualdades Multiplicadas. (trad. Sergio Miola). Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

_____. O que é uma Escola Justa - Escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.

b) Optativas:

COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E OPINIÃO PÚBLICA

▪ Ementa

Cultura e Ideologia na sociedade moderna. A emergência da comunicação midiática e seus impactos na sociabilidade. Mídia e produção simbólica. Abordagens sociológicas sobre a mídia. Esfera pública e formação da opinião pública. Sociabilidade e novas tecnologias.

▪ Bibliografia Básica

BARROS, Antonio Teixeira de. Sociologia da Mídia: principais perspectivas e contrapontos. Século XXI, Revista de Ciências Sociais, v.5, no 1, p.186-223, jan./jun. 2015.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. A opinião pública não existe. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, J. L. A sociedade enfrenta sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CHAMPAGNE, P. Formar a opinião. Petrópolis: Vozes, 1998.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Tradução Denilson Luís Werle. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MAIA, R. (org.). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

▪ Bibliografia Complementar

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 8ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 2012, p. 179-212.

BOURDIEU, Pierre. Curso de 1º de fevereiro de 1990. In: Sobre o Estado. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. O discurso das mídias. Tradução de Ana M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva, 1978.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

SARTORI, Giovanni. Homo Videns: Televisão e pós-pensamento. Bauru, EDUSC, 2001.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TARDE, Gabriel. A Opinião e as Massas. Trad. de Luis Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. Lua Nova [online]. 2002, n.55-56, pp.185-194.

CRIME, VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS

▪ Ementa

Abordagens contemporâneas da sociologia e da antropologia da violência, do crime e das conflitualidades. Crime, violência e punição na teoria clássica e contemporânea. Criminologia e sociologia do crime. Dominação, relações de poder e regimes de violência. Regimes punitivos e estrutura social. Violência e subjetividade. Crime e performance. Prisão e justiça criminal. Etnografias do crime, da polícia, da prisão e da justiça criminal. Mídia e violência. O campo de estudos da violência na América Latina e, em especial, no Brasil.

▪ Bibliografia Básica

AQUINO, J.; HIRATA, D. Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. BIB, São Paulo, n. 84, 2/2017 (publicada em abril de 2018), pp. 107-147.

BARREIRA, César; ADORNO, Sérgio. A violência na Sociedade Brasileira. In: MARTINS, Carlos Benedito e MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: sociologia, São Paulo: ANPOCS, 2010.

DE LIMA, Renato Sérgio; RATTON, José Luiz; DE AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli. Crime, polícia e justiça no Brasil. Editora Contexto, 2012.

MISSE, Michel. “Crime, Sujeito e Sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria ‘bandido’”. Revista Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. A Violência entre o fenômeno e o conceito: possibilidades e limites de definição. In: Sociologia da Violência – do conceito às Representações Sociais. Editora Francis, Brasília, 2010.

ZALUAR, A. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

▪ Bibliografia Complementar

Adorno, Sérgio. "Exclusão socioeconômica e violência urbana." Sociologias, Porto Alegre, 4.8 (2002).

AQUINO, Jania Perla Diógenes de. "Príncipes e castelos de areia: Um estudo da performance nos grandes roubos." São Paulo: Biblioteca 24x7 (2010).

BIRMAN, Patricia, and MACHADO, Carly. "A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole." Revista Brasileira de Ciências Sociais. 27.80 (2012).

FREITAS, Geovani Jacó de. Ecos da violência: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Vol. 20. Relume Dumará, 2003.

FELTRAN, Gabriel de Santis. "Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo." (2008).

GRILLO, Carolina Christoph. Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

Hirata, Daniel Veloso. Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2010.

MARQUES, Adalton. Humanizar e expandir: uma genealogia da segurança pública em São Paulo. São Paulo: IBCCRIM, 2018.

MISSE, Michel. "Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria" bandido"." Lua Nova 79 (2010).

PAIVA, Luiz Fábio S. Contingências da violência em um território estigmatizado. Campinas: Pontes, 2014.

SÁ, Leonardo D. Os filhos do estado: autoimagem e disciplina na formação dos oficiais da política militar do ceara. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. "A arma e a flor: formação da organização policial, consenso e violência." Tempo social. São Paulo. Vol. 9, n. 1 (maio 1997), p. 155-167, 1997.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. "Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano." Sociedade e estado 19.1: 53-84, 2004.

CULTURA BRASILEIRA E IDENTIDADE NACIONAL

▪ Ementa

Nações e nacionalismo. O povo brasileiro. A Identidade nacional. Os debates para as definições da cultura brasileira e da identidade nacional. O tema da cultura popular. A modernidade. O nacional-popular. Política e cultura popular. Indústria cultural e consolidação do popular. Mundialização, diversidades e o internacional-popular.

▪ Bibliografia Básica

HOBSBAWM, E. J. Nações e Nacionalismo desde 1780 - Programa, mito e realidade. (trad. Maria C. Paoli e Anna M. Quirino). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

RIDENTI, M. Em Busca do Povo Brasileiro - Artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ORTIZ, R. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 4ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

▪ Bibliografia Complementar

BOTELHO, A. e SCHWARCZ, L. M. (Orgs.) Agenda Brasileira - Temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ORTIZ, R. A Moderna Tradição Brasileira. 5ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SACHS, I; WILLHEIM, J., e PINHEIRO, P. S. (Orgs.). Brasil: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOSNOWSKI, S. e SCHWARTZ, J. (Orgs.). Brasil: O Trânsito da Memória. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIEIRA, S. O Sertão em Movimento - A dinâmica da produção cultural. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012.

ESTUDOS DE GÊNERO

▪ Ementa

Gênero: definições e campo conceitual. Sujeito, gênero e ciências sociais. Poder e sexualidade e lugar de fala. Epistemologia feminista: história e matrizes teóricas. Gênero e ciência: saberes localizados. Sistema sexo/gênero e crítica pós-estruturalista. Pós-feminismo e teoria queer. Feminismos descoloniais. Gênero, raça, classe: a questão da interseccionalidade. Democracia, sociedade brasileira e a questão do gênero. Desafios metodológicos da pesquisa sócio-antropológica sobre gênero e sexualidade.

▪ Bibliografia Básica

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global. São Paulo, nversos, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Disponível em:

<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-nt/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, v. 22, n. 3, 2014.

SAFFIOTI, H. (1979). A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, jul/dez 1990, 16(2): 5-22.

▪ Bibliografia Complementar

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. 1ª Conferência Nacional da Juventude – Documento Base: Levante essa bandeira. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2008.

COSTA, Ma. Regina da; SILVA, Elizabeth M. da. (orgs). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: PUC/CAPES, 2006.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONÇALVES, Danyelle N. Jovens na Política: Animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais. Campinas: Pontes, 2012. Coleção Cultura e Política v. 3.

_____. (org.). Sociologia e Juventude no Ensino Médio: formação, PIBID e outras experiências. Campinas: Pontes/ Sociedade Brasileira de Sociologia, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIMA FILHO, Irapuan P. A juventude como estética. Revista Coletiva (On-Line), Recife/ FUNDAJ, N. 17, set/dez. 2015.

_____. Dilemas da juventude na escola: notas sobre a sociabilidade juvenil e o ensino médio. In: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle N. (orgs). A Sociologia na Educação Básica. São Paulo: AnnaBlume/ Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), 2017.

PAIS, J. Machado. Sexualidade e Afectos Juvenis. Lisboa: ICS, 2012.

PAIS, J. Machado; BLASS, Leila M. S. (orgs.) Tribos urbanas: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PAPA, Fernanda de C.; FREITAS, Ma. Virgínia de. (orgs). Juventudes em Pauta: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2011.

SILVA, Enid R.A. da; BOTELHO, Rosana U. (orgs.). Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas. Brasília: Ipea, 2016.

SILVA, Ileizi F.; GONÇALVES, Danyelle N. (orgs.). A Sociologia na Educação Básica. São Paulo: AnnaBlume/ SBS, 2017.

ELEIÇÕES E MÍDIA

▪ Ementa

Sociologia Política e Ciência Política: aproximações e distanciamentos. Representações Sociais da política. Campanhas eleitorais e produção simbólica na política. Campanhas eleitorais e Representação. Interfaces entre democracia, campanhas eleitorais e comunicação midiática. Impactos da midiaticização nas campanhas eleitorais. Novas tecnologias e eleições.

▪ Bibliografia Básica

ALDÉ, Alessandra. A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

BARREIRA, I. Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

BOURDIEU, Pierre. “A representação política: elementos para uma teoria do campo político”. In: _____. O poder simbólico. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 163-208.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos A. de. Transição democrática e Padrão midiático-publicitário da política. Campinas: Pontes/Fortaleza: UFC, 1999.

GOMES, Wilson. Transformações da política na Era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004.

SARTORI, Giovanni. “Da sociologia da política à sociologia política”. In: LIPSET, Seymour M. Política e ciências sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor G (orgs.). As ciências sociais e os espaços da política no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

▪ Bibliografia Complementar

ALMEIDA, J. Como vota o brasileiro. São Paulo: Casa Amarela, 1996.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis F. Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

CARVALHO, Rejane. Campanhas Eleitorais e Comunicação Midiática: ciclos de mudança e continuidade. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

GOMES, W; MAIA, R.C.M. (Org.). Comunicação e Democracia: Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.

LAVAREDA, Antonio. Emoções ocultas e estratégias eleitorais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIPSET, Seymour M. Política e ciências sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. Revista Brasileira de Ciências

Sociais, n. 29, p. 5-34, out. 1995.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

RUBIM, A. A. C. Comunicação e política. São Paulo: Hackers, 2000.

SELL, Carlos E. Introdução à Sociologia Política: Sociedade e Política na Segunda Modernidade. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOCIOLOGIA DO CEARÁ

▪ Ementa

Formação social do Ceará e de Fortaleza. Processos políticos, econômicos e culturais. Desintegração da sociedade rural, crescimento demográfico e expansão urbana. Fortaleza Metrôpole regional. Desenvolvimento industrial e incentivos fiscais. Movimentos sociais. Política e eleições.

▪ Bibliografia Básica

BARREIRA, César; BARREIRA, Irllys. (orgs.). Etnografias na Cidade: redes, conflitos e lugares. Campinas-SP: Pontes, 2016. Coleção Conflitos Sociais e Práticas Políticas.

BARREIRA, Irllys. Cidades Narradas: memória, representações e práticas de turismo. Campinas-SP: Pontes, 2012. Coleção Cultura & Política vol. 4.

COSTA, Ma. Clélia L.; PEQUENO, Renato. (ed.). Fortaleza: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrôpoles, 2015. Coleção Metrôpoles: Território, Coesão Social e Governança Democrática; Série Estudos Comparativos.

FARIAS, Airton de. História do Ceará. 6 ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

▪ Bibliografia Complementar

BARREIRA, Irllys A.F. O Reverso das Vitrines: conflitos urbanos e cultura política. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BRAGA, Elza Ma. F.; BARREIRA, Irllys A.F. (orgs.). A Política da Escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Stylus, 1991. Coleção Fortaleza em Questão, v. 1.

BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. Fortaleza: uma breve história. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2012.

CARVALHO, Rejane V.A. de. Transição Democrática Brasileira e Padrão Midiático Publicitário da Política. Campinas-SP: Pontes; Fortaleza: UFC, 1999.

GONÇALVES, Danyelle N. Jovens na Política: animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais. Campinas-SP: Pontes, 2012. Coleção Cultura e Política, v.3.

HEREDIA, Beatriz Ma. A. de (org.). Continuidades e Rupturas na Política Cearense. Campinas-SP: Pontes/ Brasília: CNPq/ Pronex, 2008. Conflitos Sociais e Práticas Políticas.

LEMENHE, Ma. Auxiliadora. As Razões de uma Cidade. Fortaleza: Stylus, 1991. Coleção Fortaleza em Questão, vol. 2.

_____. Família, tradição e poder: o (caso) dos coronéis. São Paulo: Annablume: UFC, 1995. (Selo Universidades, v. 44).

COSTILLA, Lucio F. Oliver; NOBRE, M. Cristina de Q. Dominação e Hegemonia Burguesa na Transnacionalização do Capital: o Ceará na “Era Tasso” (1987/2002). Fortaleza: EdUece, 2011. Selo Teses e Dissertações.

NARRATIVAS, GRAFIAS E TRAJETÓRIAS

▪ Ementa

Condições epistemológicas do narrador. As grafias de uma vida. Sociedade e Literatura. Rastros das Socialidades. Rastros e experiências. Desafios da escrita. Do Leitor ao Navegador. Espaços da Recordação. Usos e Ilusões de uma biografia. Autobiografias e a escrita de si. Fotobiografias.

▪ Bibliografia Básica

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BOURDIEU, Pierre. 3. Por uma Ciência das Obras. Apêndice 1: A ilusão biográfica. In: Razões Práticas: sobre a teoria da ação. 8ed. Campinas-SP: Papirus, 2007.

KOFES, Suely. Uma Trajetória, em Narrativas. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2001.

▪ Bibliografia Complementar

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. 2ª.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

_____. Verdade e memória do passado; Memória, história, testemunho; O Rastro e a Cicatriz: metáforas da memória; In: Lembrar Escrever Esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KOFES, Suely. “Os papéis de Aspern”: Anotações para um debate. In: Histórias de vida: biografias e trajetórias/ Suely Kofes (org.) – Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, p. 5 -16. (Cadernos do IFCH; 31).

SOCIOLOGIA DO CORPO E DA SEXUALIDADE

▪ Ementa

A regulação social dos corpos e das sexualidades: processos psíquicos, dinâmica social e mudança histórica. História da sexualidade moderna. Transformações da sexualidade e emergência da subjetividade moderna: amor, intimidade e individualização. Corpo, sexualidade e sistema de gêneros. Estudos LGBTQ+. Cidadania sexual e políticas sexuais/corporais contemporâneas. Corporalidades, resistências e subversões. Sexualidades brasileiras.

▪ Bibliografia Básica

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Bertrand Brasil, 2003.

BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes, 2006.

PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Ma. (orgs). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

▪ Bibliografia Complementar

ALMEIDA, Miguel Vale de. A chave do armário: homossexualidade, casamento, família. Lisbo: ICS, 2009.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BROWN, Peter. Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? Cadernos Pagu, Campinas, n. 21, 2003.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, jun. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100005>

CSORDAS, Thomas. Corpo/significado/cura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DIAZ-BENITEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo. Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: CEPESC; Garamond, 2009. Disponível em: <http://www.garamond.com.br/arquivo/386.pdf>

DUARTE, Luiz Fernando D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, Ma. Filomena; CARRARA, Sergio. (orgs.). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FACCHINI, R. Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 304 p.

FRY, Peter. Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GAGNON, J. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. Disponível em: <https://ssl663.websiteseuro.com/garamond/arquivo/140.pdf>.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman et alii. O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre, Artmed, 2006.

GIDDENS, Antony. A transformação da Intimidade. Editora UNESP: São Paulo, 1993.

GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo Ed. UNESP, 2005.

GREGORI, Maria Filomena. 2016. Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade.

GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 432 p. Disponível em: http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/grossi_conjugalidadesparentalidades.pdf

GUIMARÃES, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. Cad. Pagu, Campinas, n. 24, jun. 2005, pp. 197-225.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. Cadernos Pagu, Campinas, n.12, p.109-120, 1999.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê. 2ªed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F. e CARRARA, Sérgio (org.). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, 448p. Disponível em: <http://garamond.com.br/arquivo/143.pdf>

POLLAK, Michael. Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: Edições n-1, 2014.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas, RN, v. 4, n. 5, 2012.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../rubin_pensando_o_sexo.pdf SEDGWICK, KOSOFKY, Eve. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, jun. 2007.

WITTIG, Monique. O pensamento hetero. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensament%20Hetero_.pdf

SOCIOLOGIA URBANA

▪ Ementa

As cidades na história. O urbano no pensamento de Marx, Weber e Durkheim. A Escola de Chicago e a crítica marxista. A produção do espaço urbano como processo social. Estado, planejamento urbano e movimentos sociais. Globalização, pós-modernidade e espaço construído: o fim da cidade e do espaço público.

▪ Bibliografia Básica

BECKER, Howard. A escola de Chicago. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, Oct. 1996. Available from <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010493131996000200008&lng=en&nrm=iso>. Access on 18 Feb. 2015.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

KOWARICK, Lucio. Escritos urbanos. São Paulo: Editora 34, 2008

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Oct. 2005. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010493132005000200010&lng=en&nrm=iso>. Access on 19 Feb. 2015.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. (orgs). Pesquisas urbanas-desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

WEBER, Max. Conceito e categoria de cidade. In.: VELHO, Otávio G. (org.) - O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In.: A Metrópole e a Vida do Espírito, Fortuna Carlos (org), Cidade, Cultura e Globalização. Celta:Oeiras/Portugal, 2001.

▪ Bibliografia Complementar

BARREIRA, Irllys A. F.; MATTOS, Geisa Mattos de A. Subversões do Olhar: Evidências Temporais de uma Microsociologia dos Espaços Urbanos. Caderno CRH, Salvador, v 26, n 69, p. 529-544, set/dez 2013.

BARREIRA, Irllys. Pulsações no Coração da Cidade. Revista CRH, Salvador, 2010.

_____. Cidades narradas- memória, representações e práticas de turismo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

CALDEIRA, Tereza. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2008.

LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

LEITE, Rogério Proença; FORTUNA, Carlos. Plural de Cidade - novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina/CES, 2009.

LEITE, Rogério Proença; FORTUNA, Carlos. Diálogos urbanos- territórios, culturas, patrimônios. Coimbra: Edições Almedina/CES, 2013.

LEITE, Rogério Proença; SOUZA, Eder Claudio Malta (orgs). Cidades e patrimônios culturais- investigações para a iniciação à pesquisa. São Cristovão: Editora da UFS, 2013.

FREITAG, Barbara. Teorias da Cidade: A Recepção no Brasil. In.: Teorias da Cidade. 4ed. Campinas, SP. Papirus, 2010. pp 123-149.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MAGNANI, José Guilherme C & TORRES, Lilian de Lucca, (ogr). Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. 3ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008. pp - 128.

MENDOZA, Edgar.S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)

MONGIN, Olivier. A condição urbana- a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação liberdade, 2009.

PICOLLO, Fernanda Delvalhas. A Cidade e Seus Agentes: práticas e representações. Belo Horizonte: EDUSP/PUC Minas, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Fobópolis - O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. (Introdução e Capítulo 1).

_____. O desafio metropolitano- um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos, na produção do espaço urbano. In.: CARLOS, Ana Faria; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação B (orgs). São Paulo. Contexto, 2011.

VARGAS, Comin Heliana, CASTILHO, Ana Luiza Howard. Intervenções em Centro Urbanos. São Paulo: Manole, 2006.

SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

▪ Ementa

Emoções, natureza e sociedade. Emoções, experiência individual e ordem cultural. As emoções e os sentidos nas teorias clássicas e contemporâneas das ciências sociais. Emoções, pesquisa social e subjetividade. Emoções nas sociedades ocidentais modernas. Contemporaneidade e sensibilidades cotidianas.

▪ Bibliografia Básica

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Cad. Pagu [online]. 2011, n.37, pp. 9-41.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

ILLOUZ, Eva. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LE BRETON, David. Antropologia dos sentidos. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. Mana [online]. 2012, vol.18, n.1, pp. 213-224.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos). In: Ensaio de Sociologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. MANA, Rio de Janeiro. vol 11, n. 2, 2005.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

▪ Bibliografia Complementar

BARREIRA, César; BATISTA, Élcio. (In)Segurança e sociedade: 13 lições. Campinas: Pontes, 2011. BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. O caos totalmente normal do amor. Petrópolis: Vozes, 2017.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. RBCS, v. 14, n. 40, jun. 1999

EHRENBERG, Alain. Depressão, doença da autonomia? (Entrevista a Michel Botbol). Ágora v. VII n. 1 jan/jun 2004.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, N; DUNING, E. “A busca da excitação no lazer”. In: A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

ENRIQUEZ, Eugène. Da solidão imposta a uma solidão solidária. Cronos, Natal-RN, v. 5/6, n. 1/2, p. 19-33, jan./dez. 2004/2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, p. 155-161

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOURY, Mauro; BARBOSA, Raoni B. Da subjetividade às emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2015.

KOURY, Mauro; BARBOSA, Raoni B. A vergonha no self e na sociedade. Recife: Bagaço, 2016.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sociologia das emoções. O Brasil urbano sobre a ótica do luto. Petrópolis, Vozes, 2003.

LE BRETON, David. Antropologia da dor. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2013.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SIMMEL, G. Filosofia do amor. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: RBSE. Vol. 4, nº 12, dezembro de 2005.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

JUVENTUDE E ESCOLA

▪ Ementa

A categoria juventude e sua abordagem sociológica. Juventude, consumo e identidade. Escola como espaço social. Juventude na escola. Processos de Socialização. Agrupamentos identitários. Consumo cultural. Sociabilidade e conflito. Desigualdade, exclusão e evasão. Atores sociais na escola.

▪ Bibliografia Básica

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (orgs.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, n.º 24, set-dez, 2003, pp. 40-52.

LIMA FILHO, Irapuan P. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. Revista de Ciências Sociais – UFC, Fortaleza, Vol. 45, N. 1, jan-jun. 2014.

▪ Bibliografia Complementar

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. 1ª Conferência Nacional da Juventude – Documento Base: Levante essa bandeira. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2008.

COSTA, Ma. Regina da; SILVA, Elizabeth M. da. (orgs). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: PUC/CAPEL, 2006.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONÇALVES, Danyelle N. Jovens na Política: Animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais. Campinas: Pontes, 2012. Coleção Cultura e Política v. 3.

_____. (org.). Sociologia e Juventude no Ensino Médio: formação, PIBID e outras experiências. Campinas: Pontes/ Sociedade Brasileira de Sociologia, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIMA FILHO, Irapuan P. A juventude como estética. Revista Coletiva (On-Line), Recife/ FUNDAJ, N. 17, set/dez. 2015.

_____. Dilemas da juventude na escola: notas sobre a sociabilidade juvenil e o ensino médio. In: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle N. (orgs). A Sociologia na Educação Básica. São Paulo: AnnaBlume/ Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), 2017.

PAIS, J. Machado. Sexualidade e Afectos Juvenis. Lisboa: ICS, 2012.

PAIS, J. Machado; BLASS, Leila M. S. (orgs.) Tribos urbanas: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PAPA, Fernanda de C.; FREITAS, Ma. Virgínia de. (orgs). Juventudes em Pauta: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2011.

SILVA, Enid R.A. da; BOTELHO, Rosana U. (orgs.). Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas. Brasília: Ipea, 2016.

SILVA, Ileizi F.; GONÇALVES, Danyelle N. (orgs.). A Sociologia na Educação Básica. São Paulo: AnnaBlume/ SBS, 2017.

SOCIOLOGIA E LITERATURA

▪ Ementa

Sociologias e literatura. Literatura, formas e processos sociais. Experiências sócio-históricas e recepção literária. Criação literária, sociedade e cultura. Literatura, observação, compreensão e revelação do mundo social

▪ Bibliografia Básica

ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo, Mercado de Letras, 1999. *Cultura Letrada. Literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. O mercado dos bens simbólicos. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BOTELHO, André. Hoelz, Maurício. *Sociologias da literatura. Do reflexo à reflexividade*. Tempo Social, USP, v. 28, n. 3.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 1 vol. UNESP, 1975.

_____. *Literatura e Sociedade. Ouro Sobre Azul*, 2008.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____. *Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº 8. São Paulo: USP, 1970.

_____. *A literatura e a formação do homem. Remate de males*. Número especial: Antonio Candido. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, 1999.

▪ Bibliografia Complementar

AMARAL, Gloria Carneiro. *Navette Literária França-Brasil. A crítica de Roger Bastide* (2 vol). São Paulo: EDUSP, 2010

CHARTIER, Roger. *História Cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: editora Difel, 1990.

_____. *Práticas da Leitura*. Estação Liberdade, 2000.

_____. *A História ou a Leitura do Tempo*. Autêntica, 2009.

_____. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. EDFSCAR, 2012.

ELIAS, Norbert. *Mozart. A Sociologia de um Gênio*. Jorge Zahar, 1994.

_____. *Escritos e Ensaio*s. Jorge Zahar, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. *Políticas do Modernismo*. São Paulo: Unesp, 2011.

LYONS, Martyn. Palavra Impressa. A História da Leitura no Século XIX. Casa da Palavra, 1999.

SCHWARZ, Roberto. Ao Vencedor as Batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2000.

_____. As ideias fora do lugar. In: Cultura e Política. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. Nacional por subtração. In: Cultura e Política. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SUBJETIVIDADE E SOCIEDADE

▪ Ementa

O interesse sociológico da questão da subjetividade: teoria clássica e contemporânea. Sujeito, indivíduo, ator social, pessoa e identidade: narrativas sociológicas da subjetividade. A narrativa freudiana da subjetividade e sua difusão nas ciências sociais. Modos de subjetivação em cenários sociais contemporâneos. Políticas da individualidade e a nova economia psíquica do eu.

▪ Bibliografia Básica

EHRENBERG, Alain. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREUD, Sigmund O mal-estar na civilização (1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAULEJAC, Vincent de. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. Cronos, PPG em Ciências Sociais, UFRN. v. 5/6, n. 1/2, 2004/2005.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, São Paulo : Ed. UNESP, 1993. ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de: Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2001.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

HAROCHE, Claudine. A condição sensível. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LAHIRE, Bernard. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 2, agosto 2008.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu'. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). Mana, vol.11, n.2, 2005.

▪ Bibliografia Complementar

- BECK, Ulrich. O caos totalmente normal do amor. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BIRMAN, Joel. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1997.
- ELIAS, Norbert. Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FREUD, Sigmund. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In: BRAUNSTEIN, Nestor; FUKS, Betty (orgs.). 100 anos de novidade: A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908-2008). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- GAULEJAC, Vincent de. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2007.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LE BRETON, David. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. Ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SCHUTZ, Alfred. Sobre fenomenologia e relações sociais. Petrópolis: Vozes, 2012. MELUCCI, Alberto. A experiência individual na sociedade planetária. Lua Nova, n. 38, 1996. SAHLINS, Marshall. Cultura na prática. Rio, Editora UFRJ, 2004. (Experiência individual e ordem cultural).
- WAGNER, Roy. A invenção do eu. In: A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

UNIDADE CURRICULAR DE METODOLOGIA E PESQUISA

a) Obrigatórias:

METODOLOGIA DA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS I

▪ Ementa

O método científico na perspectiva da pesquisa em Ciências Sociais. Senso comum e ruptura epistemológica. A pesquisa como relação: proximidade e distanciamento. Perspectiva dialógica. Ética e intersubjetividade na pesquisa científica. Métodos qualitativos de pesquisa. Técnicas de pesquisa qualitativas: observação participante e etnografia, pesquisa-ação, pesquisa em ambientes virtuais, grupo focal, entrevista, narrativas e trajetórias.

▪ Bibliografia Básica

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 17-58.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. (Coleção Antropologia Social).

HAGUETTE, Tereza Maria da Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. 14ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MILLS, C. Wright. A Imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

▪ Bibliografia Complementar

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 23ª ed. [Tradução de Floriano de Souza Fernandes]. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre et al. Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. (dir.). A Miséria do Mundo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

CARDOSO, Ruth (org.). A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006. Pp. 17-35.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. O exercício do ofício da pesquisa e o desafio da construção metodológica. In: Cultura: metodologias e investigação. Lisboa: Ver o Verso Edições, 2009.

CLIFFORD, James. A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. [Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves; Tradução de Patrícia Farias]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. 13ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987. (Biblioteca Universitária. Série 2, Ciências Sociais; v. 44).

GEERTZ, Clifford. O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 6ª ed. [Tradução de Vera Mello Joscelyne]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GOLDMAN, Marcio. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. In: Anuário Antropológico, Nº. 93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HINE, Christine. Etnografia virtual. Barcelona: Editora U.O.C., 2004.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Orgs.). Vidas e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015. Pp. 20-39.

_____. Uma trajetória, em narrativas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MAGNANI, José G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José G. C. & TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Ed. USP; Fapesp, 2000. Pp. 13-53.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49, junho de 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Pp. 17-34. (Coleção Os Pensadores).

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PEIRANO, Mariza. A Favor da Etnografia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. A Teoria Viva e Outros Ensaios de Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez., 2014.

VELHO, Gilberto. O Desafio da Proximidade. In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (orgs.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Pp. 11-19.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (orgs.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WEBER, Max. A "Objetividade" do Conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (org.). Weber. Sociologia. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

FUNDAMENTOS DE ESTATÍSTICA

▪ Ementa

Introdução geral à compreensão da estatística; estatística descritiva; probabilidade; variáveis aleatórias; distribuição binomial; distribuição normal; distribuições amostrais; estimação; teste de hipótese; regressão linear simples.

▪ Bibliografia Básica

TRIOLA, Mario F. *Introdução à estatística*. 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

- Bibliografia Complementar

CERVI, Emerson Urizzi. Manual de métodos quantitativos para iniciantes em Ciência Política. 1. ed. Curitiba: CPOP, 2017.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JÚNIOR, José Alexandre . Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). Política Hoje (UFPE), v. 18, p. 115-146, 2009.

OFICINA DE PRODUÇÃO DO TRABALHO CIENTÍFICO

- Ementa

Normas da ABNT e formatação de trabalhos científicos. Uso de gerenciador de referências bibliográficas. Tipos de trabalho científico: resenha, artigo e monografia.

- Bibliografia Básica

MENDES, Aline et ali. Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/>

SÁLVIO, Sílvia Celeste. Zotero: gerenciador bibliográfico. Campinas: Unicamp, 2015. Disponível em: https://www.sbu.unicamp.br/portal2/pdf/guiasemanuais/Guia_Zotero_Fevereiro_2015_IFGW-04-03-15.pdf.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

- Bibliografia Complementar

BECKER, Howard. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar. 2015.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 3a Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

PHILLIPS, B. S. Pesquisa Social: estratégias e táticas. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 1986.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 20º Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

b) Optativas:

METODOLOGIA DA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS II

- Ementa

Complementaridade entre análise qualitativa e quantitativa. O modelo hipotético-dedutivo nas ciências sociais. Falseabilidade. Causalidade. Métodos quantitativos de pesquisa. Análise de regressão, análise de componentes principais e análise fatorial de correspondência. Indicadores e índices. Elaboração e aplicação de questionário.

▪ Bibliografia Básica

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 48, p. 27-52, maio de 2005.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Brito; ROCHA, E. C.; SILVA JUNIOR, J. A.; PARANHOS, R. Causalidade e Mecanismos em Ciência Política. *Revista Mediações (UEL)*, v. 18, p. 10-27, 2013.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; NUNES, F. ; ROCHA, E. C.; SANTOS, M.L.; SILVA, M. B. ; SILVA JÚNIOR, José Alexandre . O que fazer e o que não fazer com a regressão: pressupostos e aplicações do modelo linear de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). *Política Hoje (UFPE. Impresso)*, v. 20, p. 44-99, 2011.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JÚNIOR, José Alexandre. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. *Opinião Pública (UNICAMP. Impresso)*, v. 16, p. 160-185, 2010.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; PARANHOS, R. ; ROCHA, E. C. ; SILVA JÚNIOR, José Alexandre; MAIA, R. G. Análise de componentes principais para construção de indicadores sociais. *Revista Brasileira de Biometria*, v. 31, p. 61-78, 2013.

PARANHOS, R. ; FIGUEIREDO FILHO, D. B. ; ROCHA, Enivaldo Carvalho da ; SILVA JÚNIOR, J. A. Corra que o survey vem aí. Noções básicas para cientistas sociais. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*, v. 6, p. 07-24, 2013.

ALMEIDA, Alberto Carlos. Como são feitas as pesquisas eleitorais e de opinião. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

▪ Bibliografia Complementar

BABBIE, Earl. Métodos de pesquisa de survey. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BAQUERO, Marcello. Pesquisa quantitativa nas ciências sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CERVI, Emerson Urizzi. Manual de métodos quantitativos para iniciantes em Ciência Política. 1. ed. Curitiba: CPOP, 2017.

HAIR, Joseph F. et al. Análise multivariada de dados. 6ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ROSENBERG, Morris. A lógica do levantamento de dados. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1976.

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PROJETO E PRÁTICA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

▪ Ementa

Pergunta de partida. Levantamento bibliográfico e documental. Revisão de literatura. Inserção exploratória no campo da pesquisa. Delimitação do objeto. Definição dos objetivos. Metodologia da pesquisa.

▪ Bibliografia Básica

GONDIM, Linda Maria Pontes & LIMA, Jacob Carlos. A Pesquisa como Artesanato Intelectual: considerações sobre método e bom senso. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 20^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projeto de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 1986.

▪ Bibliografia Complementar

BECKER, Howard. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (orgs.). A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 3a Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDEMBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7 ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2003.

GONDIM, Linda M. (Org). Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica. Petrópolis: Vozes, 1997.

PHILLIPS, B. S. Pesquisa Social: estratégias e táticas. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

POINCARÉ, H. A ciência e a hipótese. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de investigação em Ciências Sociais. Portugal: Gradiva Publicações, 1992.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 20^o Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1980.

_____. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1988.

MANIPULAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

▪ Ementa

Recodificação e conversão de variáveis. Computação de novas variáveis. Manipulação de bancos de dados. Produção e aprimoramento de gráficos. Mapas. Análise de redes sociais. Produção de relatórios de pesquisa.

▪ Bibliografia Básica

AQUINO, Jakson Alves de. R para cientistas sociais. Ilhéus, BA: EDITUS, 2014. (ebook disponível gratuitamente em <http://www.uesc.br/editora/>).

FOX, John. An R and S-Plus companion to applied regression. Thousand Oaks: Sage, 2002.

HUSSON, François; LÊ, Sébastien; PAGÈS, Jérôme. Exploratory multivariate analysis by example using R. Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2011.

UNIDADE CURRICULAR TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO

a) Obrigatórias

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA I

▪ Ementa

O professor e a escola. O ensino de Sociologia na escola: história e configurações atuais. A formação de professores de Sociologia: o lugar do estágio e a profissionalização docente. Acompanhamento da rotina, da vivência e da experiência de professores de Sociologia. Os tipos de estabelecimentos escolares e a recontextualização sociológica. Observação e pesquisa sobre a escola. Observação e análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Entrevista com professores de Sociologia e gestores escolares.

▪ Bibliografia básica

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 222–231, 1997. (Espaço Aberto).

FORACCHI, Marialice e PEREIRA, Luis (1973). **Educação e sociedade**, SP: Companhia Editora Nacional.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. Ciências Sociais **Unisinos**. V.51, nº3, pp. 251-260, setembro/dezembro 2015

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 20, 2000.

▪ Bibliografia complementar

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (org). 16. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (p.45-72).

BRASIL MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada.

BRUNETTA, A. A. (org.) et al. **Dicionário de Ensino de Sociologia**. 1ª ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. **En la escuela: sociología de la experiencia escolar**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A, 1997.

SILVA, I. F.; NILIN, D. **A sociologia na Educação Básica**. 1º ed. São Paulo: Annablume, 2017.

SOUZA, J.; MARINHO, N.; GAUDENCIO, J. Ensino e Docência: desafios para a formação e atuação de professores de Sociologia. **Política & Sociedade**. Florianópolis, v. 14, nº 31, set./dez. 2015.

PICONEZ, C. S.; KULCSAR, R. . O Estágio Supervisionado Como Atividade Integradora. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**, Campinas, Editora Papirus, v. 1, p. 38-48, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA II

▪ Ementa

Os currículos. A Sociologia no currículo escolar e as reformas educacionais no Brasil. As diretrizes curriculares nacionais e estaduais para o ensino de Sociologia. Os conteúdos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política nos livros didáticos, currículos e práticas pedagógicas. A atuação do professor de Sociologia na base comum e na parte diversificada do currículo. Observação e análise do planejamento do professor de Sociologia. Análise do material didático utilizado pelo professor de Sociologia. Produção de material didático.

▪ Bibliografia básica

HANDFAS, Anita; SANTOS, Mário Bispo dos. O Livro Didático de Sociologia em Debate. In: GONÇALVES, Danyelle (Org.). **Sociologia e juventude no ensino médio: Formação, PIBID e outras experiências**. Rio de Janeiro: Pontes, 2013.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, Francisco Willams R. (Des)continuidades na política de um currículo nacional: a Sociologia nos arranjos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 52, n.1, mar./jun., 2021, p.245-282.

MEUCCI, Simone; BEZERRA, Rafael. Sociologia e educação básica: hipóteses sobre a dinâmica de produção do currículo. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 45, n.1, 2014.

OLIVEIRA, Amurabi. A Antropologia no Ensino Médio: uma análise a partir dos livros didáticos. **Cadernos de Estudos Sociais**, v.28, n.2, jul./dez. 2013.

SILVA, Ileizi F. A Sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **E. Cronos**, Natal, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

SILVA, Ileizi; ALVES NETO, Henrique; VICENTE, Daniel. **A proposta da Base Nacional Comum Curricular e o debate entre 1988 e 2015**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 3, p. 330-342, set./dez., 2015.

▪ Bibliografia complementar

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico**. Petrópolis: Vozes: 1996.

MEUCCI Simone. Notas sobre o pensamento social brasileiro nos livros didáticos de Sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 02, n. 03, jan./jun. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUSA NETO, Manuel Moreira; ALMEIDA, Rosemary; PESSOA, Márcio Kleber. Ferramenta didática ou guia curricular? Percepção de professores sobre o processo de escolha dos livros didáticos de Sociologia em escolas do Ceará. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, set./dez. 2015.

TAKAGI, Cassiana T. T. **Ensinar sociologia: análise dos recursos didáticos**. São Paulo: FEUSP, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.48, set.-dez. 2011.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA III

▪ Ementa

Os estudantes e a aula de Sociologia. Metodologia de ensino de Sociologia na Educação Básica. A relação das juventudes com os saberes sociológicos. Avaliação da aprendizagem. Regência de micro aulas na universidade. Práticas de ensino na escola. Elaboração de plano de aula e plano de ensino. Observação e pesquisa das metodologias de ensino utilizadas em sala de aula. Observação e pesquisa sobre os estudantes.

▪ Bibliografia básica

BARREIRA, Irllys. O ofício de ensinar para iniciantes: contribuições ao modo sociológico de pensar. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 45, n. 1, jan./jun., 2014, p. 63-86.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 0, n. 97, p. 47-63, 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

LIMA FILHO, I. P. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.45, n.1, p.103-118. 2014.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SARANDY, Flávio. Elementos formais do trabalho didático rotineiro. In: MOARES, Amaury. **Curso de especialização em ensino de sociologia**. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

SILVA, Ileizi F. Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia na educação básica. In: SILVA, Ileizi F. et al (Org.) **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa**. Londrina: UEL; SET-PR, 2009.

▪ Bibliografia complementar

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Março, 1983.

GONÇALVES, D. N. (Org.). **Sociologia e juventude no ensino médio: formação, PIBID e outras experiências**. Campinas: Pontes, 2013.

GONÇALVES, D. N.; LIMA FILHO, 2014. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: o PIBID no processo formativo das licenciaturas em Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, v.2, n.3, jan./jun. 2014.

HANDEFAS, Anita; TEIXEIRA, Rosana. A prática de ensino como rito de passagem e o ensino de Sociologia. **Mediações**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 131-142, jan./jun. 2007.

MORAES, Amaury. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social**, São Paulo, USP, abr. 2003.

OLIVEIRA, A.; BARBOSA, V. Formação de professores em Ciências Sociais: desafios e possibilidades a partir do Estágio e do PIBID. **Inter-Legere**, n.13, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Adriano. TOMAZETTI, Elisete. Sobre a condição juvenil na escola contemporânea. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 106-121, abr. 2012.

PICONEZ, S. C. B. et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 24 ed. Campinas: Papirus, 2011.

b) Optativas:

OFICINA DE ENSINO

▪ Ementa

Produção de aulas, materiais didáticos, sequências didáticas, oficinas e instrumentos de avaliação da aprendizagem dos estudantes utilizando-se de textos, mapas mentais, músicas, literatura, jogos, recursos visuais e audiovisuais, dentre outros. Uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na aprendizagem. Criação e experimentação dos instrumentos produzidos.

▪ Bibliografia Básica

BECKER, Howard. Mundos artísticos e tipos sociais. In: VELHO, Gilberto. **Arte e Sociedade**: ensaios de sociologia e arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GONÇALVES, Danyelle; LIMA FILHO, Irapuan. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: o PIBID no processo formativo das licenciaturas. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 2, n. 3, jan./jun., 2014.

HANDEFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. (orgs.). **A Sociologia vai à Escola**: história, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet/ FAPERJ, 2009.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 45, n. 1, jan./jun., 2014, p. 45-61.

BRUNETTA, A. A. et al (org.) et al. **Dicionário de Ensino de Sociologia**. 1ª ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

▪ Bibliografia Complementar

BEZERRA, Rafael; ROMKO, Igor. Sociologia e literatura: reflexão e prática sobre o uso da ficção no ensino de sociologia. **Revista Urutágua**. Revista Acadêmica Multidisciplinar. Universidade Estadual de Maringá (UEM), n. 35, dez./mai., 2016.

CANDIDO, Antônio. Direito à Literatura In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GRANERO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCONDES, Beatriz; MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Katia H. **Como usar as artes visuais na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2013.

OUTROS COMPONENTES CURRICULARES

a) Obrigatórios:

COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO

▪ Ementa

O texto como unidade estrutural; usos e funções comunicativas do texto; o parágrafo como subunidade do texto; a estrutura do parágrafo: os elementos de coesão e coerência ao nível do texto, do parágrafo e da frase.

ECONOMIA E SOCIEDADE

▪ Ementa

Fundamentos da teoria econômica. Divisão do trabalho e produtividade. Imperialismo. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Internacionalização do capital e empresas transnacionais. A formação dos blocos econômicos.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

▪ Ementa

Lógica, linguagem e conhecimento. O problema da verdade na filosofia contemporânea. O empirismo lógico na filosofia de Karl Popper. A idéia de paradigma em Thomas Kuhn.

DIDÁTICA I

▪ Ementa

Educação e Didática na Realidade Contemporânea: O Professor, O Estudante e O Conhecimento; A Natureza do trabalho Docente; Concepções de Ensino; A Sala de Aula e seus Eventos; Planejamento e Gestão do Processo de Ensino-Aprendizagem.

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I

▪ Ementa

Transformações econômicas e sociais a partir da segunda metade do século XVIII. Iluminismo e despotismo reformista. Revolução Francesa e período napoleônico. A cidadania moderna. Surgimento e Transformações da indústria. Liberalismo e capitalismo industrial. Mercado mundial e novas formas de colonização. Trabalhadores rurais e urbanos na segunda metade do século XVIII e durante o século XIX. Revoluções liberais e democráticas. Processos de unificação nacional, Estado-nação e nacionalismos. Pensadores e movimentos críticos do capitalismo. Circulação de idéias, experiências e culturas do século XVIII ao XIX.

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE

▪ Ementa

Sociedade e natureza. Paradigmas ecológicos e sustentabilidade social. Espaço, lugar, território e paisagem. Desenvolvimento socioeconômico e ecossistema. Movimentos ecológicos e partidos ecológicos. As Conferências Mundiais sobre meio ambiente. A sociedade de risco. Políticas públicas para o meio ambiente.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM NA ADOLESCÊNCIA

▪ Ementa

Concepções básicas sobre o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. Conceito e características da adolescência. Desenvolvimento sócio-afetivo e cognitivo. Crises na adolescência. Fatores psicológicos no processo ensino/aprendizagem: percepção, atenção, motivação, memória e inteligência. Distúrbios na aprendizagem. Avaliação da Aprendizagem.

ESTRUTURA, POLITICA E GESTAO EDUCACIONAL

▪ Ementa

A Educação no contexto sócio, econômico, político, histórico e legal brasileiro; Conceito de Sistema e organização escolar – o Sistema Educacional Brasileiro; A legislação educacional; As políticas públicas para a educação; Gestão educacional; Financiamento da educação; Formação do profissional da educação; A estrutura e a política para a educação no Estado do Ceará.

ESTUDOS SOCIO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DA EDUCAÇÃO

▪ Ementa

Conceitos fundamentais à Sociologia, História e Antropologia para a compreensão da relação entre Educação e Sociedade. A interdisciplinaridade do pensamento pedagógico. Multiculturalismo e políticas educacionais de ação afirmativa.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

▪ Ementa

Fundamentos histórico culturais da Libras e suas relações com a educação dos surdos. Parâmetros e traços linguísticos da Libras. História socio educacional dos sujeitos surdos. Cultura e identidade surdas. O Alfabeto datilológico. Expressões não-manuais. Uso do espaço. Classificadores. Vocabulário da Libras em contextos diversos. Diálogos em língua de sinais.

b) Optativas em Componentes Específicos

ESTADO, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS

▪ Ementa

Conceituação e caracterização histórica dos direitos humanos. Relações ética e direitos humanos. A dimensão social dos direitos humanos. A declaração universal dos direitos humanos e as legislações contemporâneas. Direitos humanos, Estado e democracia. O debate contemporâneo dos direitos humanos no Brasil.

▪ Bibliografia Básica

ALVES, José Augusto Lindgren. Os direitos humanos na pós-modernidade. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COMPARATO, Fábio Konder. A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos. São Paulo: Saraiva.

PAIVA, A. R. (org.). Direitos Humanos em seus desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio & Ed. PALLAS, 2012.

▪ Bibliografia Complementar

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BALDI, César Augusto (ORG.). Direitos humanos na sociedade cosmopolita. Rio de Janeiro: RENOVAR, 2004.

BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

HABERMAS, Jürgen. A inclusão do outro: estudos de teoria política. 2^a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

RAWLS, John. O direito dos povos: seguido de “A idéia de razão pública revista”. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JUVENTUDES NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

▪ Ementa

A categoria juventude e sua abordagem sociológica. Ser jovem ao longo do tempo. Juventude, consumo e identidade. Participação política da juventude, movimentos sociais, campanhas políticas. Políticas públicas para a juventude.

▪Bibliografia Básica

COSTA, Ma. Regina da; SILVA, Elizabeth M. da. (orgs). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: PUC/CAPES, 2006.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, n.º 24, set-dez, 2003, pp. 40-52.

FIALHO, Lia M.F.; RIBEIRO, Mary Anne T. de L. (orgs). Juventudes em Debate. Fortaleza: EDUECE, 2016.

GONÇALVES, Danyelle N. Jovens na Política: Animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais. Campinas: Pontes, 2012. Coleção Cultura e Política v. 3.

LIMA FILHO, Irapuan P. A juventude como estética. Revista Coletiva (On-Line), Recife/ FUNDAJ, N. 17, set/dez. 2015.

PAIS, J. Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PAPA, Fernanda de C.; FREITAS, Ma. Virgínia de. (orgs). Juventudes em Pauta: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2011.

▪ Bibliografia Complementar

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. 1^a Conferência Nacional da Juventude – Documento Base: Levante essa bandeira. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, 2008.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (orgs.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONÇALVES, Danyelle N. Novas formas de participação: a política em tempos de Facebook. In: BEZERRA, Marcos O.; COMEFORD, John; PALMEIRA, Moacir. (orgs.). Questões e Dimensões da Política. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LIMA FILHO, Irapuan P. Em Tudo o que Faço, Eu Procuro Ser Muito Rock and Roll: Rock, rebeldia e estilo de vida. Fortaleza: UFC, 2013.

_____. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. Revista de Ciências Sociais – UFC, Fortaleza, Vol. 45, N. 1, jan-jun. 2014.

LIMA FILHO, Irapuan P. Barulho nas ruas escuras: estilo de vida e redes sociais nos agrupamentos roqueiros. Revista Crítica de Ciências Sociais. Lisboa, No. 109, maio/ 2016.

_____. Dilemas da juventude na escola: notas sobre a sociabilidade juvenil e o ensino médio. In: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle N. (orgs.). A Sociologia na Educação Básica. São Paulo: AnnaBlume/ Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), 2017.

PAIS, J. Machado. Sexualidade e Afectos Juvenis. Lisboa: ICS, 2012.

PAIS, J. Machado; BLASS, Leila M. S. (orgs.) Tribos urbanas: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Enid R.A. da; BOTELHO, Rosana U. (orgs.). Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas. Brasília: Ipea, 2016.

SABERES E CULTURAS AFROBRASILEIRAS

▪ Ementa

Saberes a partir da cosmovisão africana. Vivências e Significações culturais africanas nas Américas. Processos de construção de fronteiras culturais e de identidades étnicas. A contribuição das africanidades no cotidiano. Cultura, Educação e Racismo.

▪Bibliografia Básica

DOMINGUES, P. Representações, racismo e branqueamento. In: Uma história não contada: Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

PAIXÃO, M. 500 anos de solidão: ensaios sobre as desigualdades raciais no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.

SCHWARCZ, L. Questão racial e etnicidade. In: MICELI, S. (Org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). V. 1. Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999. (pp. 267-315 e Anexos).

▪Bibliografia Complementar

ARRUDA, Jorge Bezerra. Africanidade do povo brasileiro: somos iguais e diferentes. São Paulo: Diáspora, 2009.

BRUSCHWIG, Henri. A partilha da África Negra. São Paulo: Perspectiva, 1974.

M'BOKOLO. Elikia. África Negra. História e civilizações tomo I (até o século XVIII). Salvador e São Paulo: EDUFBA e Casa das Áfricas, 2009.

_____. África Negra. História e civilizações: do século IXI aos nossos dias tomo II. São Paulo/Salvador: EDUFBA/Casa das Áfricas, 2011.

NINA RODRIGUES, R. Os africanos no Brasil. Os africanos no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

PEREIRA, A. M. África: Para abandonar estereótipos e distorções. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PLURALIDADE METODOLÓGICA NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

▪ Ementa

Análise de discurso. Estudos de recepção. História de vida. Etnobiografia. Etnometodologia. Autoantropologia. Cartografias. Usos da imagem na pesquisa em ciências sociais. Modelagem baseada em agentes. Análise de redes sociais. Pesquisa experimental em ciências sociais. Análise qualitativa comparada (QCA/Fuzzy Sets). Rastreamento de processos (Process tracing).

▪ Bibliografia Básica

ALMEIDA, Sabrina Karlla Oliveira de. Razões para o desenvolvimento do método experimental na Ciência Política contemporânea. Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales, v. 6, n. 1, 2016.

DAWSEY, John C. Victor Turner e Antropologia da Experiência. Cadernos de Campo, n. 13, pp. 163-176, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FURTADO, Bernardo Alves. PolicySpace: modelagem baseada em agentes. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.

CARDOZO, Vânia. Z; GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto (orgs.). Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Entre arte e ciência: usos da fotografia pela antropologia. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 9-20.

SANDES-FREITAS, Vitor; BIZZARRO-NETO, Fernando. Qualitative Comparative Analysis (QCA): usos e aplicações do método. Revista Política Hoje, v. 24, n. 2, p. 103–118, 12 jan. 2016.

SILVA, Fábio Mariano Espíndola; CUNHA, Eleonora Schettini Martins. Process-tracing e a produção de inferência causal. *Teoria e Sociedade*, n. 22, 2014.

STRATHERN, M. Os limites da autoantropologia. In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Tradução de Iracema Dulley. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

▪ Bibliografia Complementar

ALVES, Eder Junior; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise comparativa qualitativa como método de pesquisa em administração: uma revisão sistemática de literatura. *Métodos e Pesquisa em Administração*, v. 2, n. 2, p. 4-18, 2017.

AQUINO, Jakson Alves de. Formação de alianças e cooperação entre antropoides virtuais: um modelo computacional baseado em agentes. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

BARNES, J. A. Redes Sociais e Processo Político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos*. São Paulo: Global, 1987. p. 159-193.

BARREIRA, Irllys. O labor criativo na pesquisa: experiências de ensino e investigação em Ciências Sociais. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BAUER, Martin & GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes, 2002.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n. 2, p. 23-60, 1995.

_____. Antropologia de Uma Imagem “Sem Importância”. Ilha, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 47-64, julho de 2003.

TACCA, Fernando de. Fotografia: intertextualidades entre ciência, arte e antropologia. In: NOVAES, Sílvia Caiuby (org.). Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 197-214.

VELHO, Gilberto. Os novos sentidos da interdisciplinaridade. Mana. v.16, n.1, p. 213-216, 2010.

MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

▪ Ementa

Apresentação do campo de estudos. Contribuição dos estudos feministas. As noções de sexo, gênero e sexualidade. Escritos de Foucault, Gayle Rubim, Judith Butler, Joan Scoot. A noção de interseccionalidade. A produção social da diferença: interseções entre etnia, raça, gênero, sexo, idade, classe, religião, deficiência e soropositividade. A configuração de distintos sistemas de classificação social. Corporalidades e identidades coletivas. Interfaces entre campos de estudos sobre raça e direitos sexuais. Cruzamentos com a antropologia da política, da educação, dos movimentos coletivos e dos direitos humanos.

▪ Bibliografia Básica

CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cadernos Pagu, 2007, nº 28, pp. 65-99. [disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/05.pdf>].

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FACCHINI, Regina. Entre umas e outras: mulheres, (homo) sexualidade e diferenças na cidade de São Paulo. Campinas: UNICAMP, 2008. Tese de doutorado [disponível p/ download gratuito mediante cadastro no Nourau/Unicamp].

LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: RJ, Editora UFRJ, 2002.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. Revista Estudos Feministas, v. 14, 2006. [disp. em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a07v14n1.pdf>].

SEGATO, Rita Laura. Inventando a Natureza: Família, Sexo e Gênero no Xangô de Recife. *Anuário Antropológico*. São Paulo: SP, Tempo Brasileiro, 11-54, 1985.

STOLCKE, Verena: “Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?”, Estudos Afro-Asiáticos, n. 20, 1991.

VANCE, Carol. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 1995. [disponível em www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf].

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira. O corpo educado. *Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PROJETOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS

▪ Ementa

Relação Estado/Sociedade Civil como dimensão fundante na proposição, implementação e avaliação de Políticas Públicas. Caráter contraditório da intervenção estatal face às necessidades sociais e interesses a perpassarem a sociedade. O exercício do controle social do Estado pela sociedade como uma expressão de participação. Projetos Sociais como desenhos de intervenção em resposta às múltiplas configurações da Questão Social. Processos de elaboração e execução de projetos sociais em articulação com Políticas Públicas. A avaliação em profundidade de projetos sociais como uma exigência da democratização das políticas públicas.

▪ Bibliografia Básica

AVRITZER, L. (org). A dinâmica da participação local no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

DAGNINO, E. (org). Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DAGNINO, E.; TATAGIBA, L. (orgs). Democracia, Sociedade Civil e Participação. Chapecó: Argos, 2007

FLEURY, S. Estado sem cidadãos – Seguridade Social na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

LEJANO, R. P. Parâmetros para Análise de Políticas: A fusão de Texto e Contexto. Campinas: Arte Escrita, 2012.

4. GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO

Ao considerar as dimensões didática, pedagógica e administrativa, a boa gestão acadêmica é parte essencial do processo de ensino-aprendizagem. A gestão acadêmica tem por princípio o exercício transparente, representativo e democrático da tomada de decisões, envolvendo, além da Coordenação, o conjunto de docentes, dos/as servidores/as técnico-administrativos/as e dos/as discentes do Curso de Ciências Sociais. No intuito de proporcionar possibilidades de participação e corresponsabilidade, os/as discentes complementam seu papel de protagonistas de sua formação profissional.

4.1 Colegiado e Coordenação

O Estatuto da UFC, em seu Artigo 41, afirma que “A Coordenação de Curso de graduação será exercida: a) no plano deliberativo e consultivo, pelo Colegiado de Coordenação de Curso; b) no plano executivo, pelo Coordenador de Curso”. Em consonância ao disposto, a Coordenação do Curso de Ciências Sociais tem origem no colegiado da coordenação, o qual é constituído pelos representantes das unidades curriculares (um titular e um suplente). A representação discente, na proporção de um quinto, complementa o colegiado.

Entre membros docentes da coordenação, representantes das unidades curriculares, são eleitos/as os/as coordenadores, para um mandato de 3 anos, sendo permitida uma recondução, conforme Artigo 42 do Estatuto. Entre as responsabilidades do/a coordenador/a estão: pautar e conduzir os trabalhos da coordenação, garantindo o compromisso com a melhoria da qualidade do curso, atuando nas dimensões didáticas, pedagógicas, administrativas e políticas, por meio do exercício da liderança democrática, desenvolvendo ações propositivas e proativas. (ver artigo atribuições do coordenador/a)

Os Cursos de Ciências Sociais (Integral e Vespertino/Noturno) têm um único colegiado de coordenação. No interior desse colégio são eleitos/as os/as docentes coordenadores/as e vice-coordenadores/as de cada um dos cursos, com as devidas competências distribuídas entre Licenciatura e Bacharelado. Segue a disposição de funcionamento das instâncias constitutivas do colegiado e da coordenação.

REPRESENTAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES/ DISCENTES	COLEGIADO COORDENAÇÃO DA	COORDENAÇÃO EXECUTIVA
Sociologia	2 representantes	1 Docente Coordenador/a do Curso Integral (Bacharelado) 1 Docente Vice-coordenador/a do Curso Integral (Bacharelado) 1 Docente Coordenador/a do Curso Vespertino/Noturno (Licenciatura) 1 Docente Vice-coordenador/a do Curso Vespertino/Noturno (Licenciatura)
Antropologia	2 representantes	
Ciência Política	2 representantes	
Teoria e Prática de Ensino	2 representantes	
Metodologia e Pesquisa	2 representantes	
Unidade Especial Extensão e Formação Complementar	2 representantes	
Corpo Discente	1/5 do colegiado	

Ao colegiado e à coordenação cabe observar a coerência das estratégias e práticas para alcance dos objetivos do Curso, propondo avaliações sistemáticas e atualizações necessárias para que os projetos de graduação alcancem suas finalidades quanto à formação dos futuros profissionais que irão atuar no mundo do trabalho. No âmbito do curso de Ciências Sociais, os/as docentes do colegiado da coordenação assumirão as funções de Núcleo Docente Estruturante.

4.2. Núcleo Docente Estruturante

É uma instância consultiva do curso que tem por objetivo acompanhar o funcionamento do PPC. A sua composição replica a do colegiado da coordenação e tem o objetivo essencial de avaliar “o cumprimento da missão e dos objetivos definidos em seu Projeto Pedagógico”, zelando pelo “cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação” (Resolução 10/CEPE de 10 de Setembro de 2012). Com mandato de três anos, o NDE é eleito no período letivo imediatamente posterior à realização do ENADE, devendo se reunir semestralmente. Os/As dois/duas coordenadores/as são membros natos e presidentes do NDE.

De acordo com o artigo 3º da Resolução Nº10/CEPE de 10 de Setembro de 2012, o NDE tem as seguintes atribuições:

I – avaliar, periodicamente, pelo menos a cada três anos no período do ciclo avaliativo dos SINAES e, sempre que necessário, elaborar propostas de atualização para o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e encaminhá-las para apreciação e aprovação do colegiado do curso;

- II – fazer o acompanhamento curricular do curso, tendo em vista o cumprimento da missão e dos objetivos definidos em seu Projeto Pedagógico;
- III – zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- IV – contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- V – indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mundo do trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- VI – zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.
- VII – sugerir e fomentar ações voltadas para a formação e o desenvolvimento dos docentes vinculados ao curso.

(Resolução 10/CEPE de 10 de Setembro de 2012).

Compete aos/as coordenadores/as dos Cursos de Ciências Sociais, em suas atribuições de presidentes do NDE, em conformidade com o artigo 5º da Resolução 10/CEPE de 10 de setembro de 2012: convocar e presidir as reuniões; encaminhar as proposições do NDE; designar o relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo NDE; coordenar a integração do NDE com os colegiados e demais setores da instituição.

4.3 Integração com as redes públicas de ensino

O Curso de Licenciatura em Ciências Sociais celebra convênios e ações, mediante iniciativas da Pró-reitoria de Extensão e Pró-Reitoria de Graduação, contribuindo para o ensino de Sociologia e áreas afins, no âmbito das Ciências Humanas. Busca-se promover integração com a rede pública de ensino através de estágios, atividades de extensão e participação em programas de iniciação à docência.

Neste quesito, destaca-se a participação de discentes e docentes dos Cursos, no período de 2009 a 2018, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que contou com 21 estudantes atuando em 13 polos, desenvolvendo atividades voltadas para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores/as para a educação básica. Nesse sentido, mais de 100 estudantes da rede pública estadual participaram de

atividades como: cursos, minicursos e práticas pedagógicas coordenadas pela equipe do PIBID, tendo em vista a compreensão e superação de problemas sociais de interesse dos/as participantes. Tal iniciativa foi fundamental para a inserção dos/as estudantes da Licenciatura em ciências sociais nas escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica, desenvolvendo atividades didático-pedagógicas sob orientação de um/a docente da licenciatura e de um/a professor da escola.

Atualmente, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Sociologia (PIBID-SOC), iniciado em novembro de 2020, com vigência de 18 meses, compõe parte de um projeto interdisciplinar com a História e a Filosofia. Nele contamos com a participação de 8 bolsistas remunerados, 2 bolsistas voluntários e um professor supervisor, vinculado à SEDUC-CE. O objetivo do projeto é proporcionar formação docente de excelência, através da imersão dos/as estudantes nas atividades escolares, do acompanhamento e desenvolvimento do planejamento docente e da produção de estratégias e recursos didático-pedagógicos para o ensino de Sociologia e das Ciências Humanas.

A rotina de atividades do projeto conta com o acompanhamento semanal das aulas do professor supervisor, seguido de encontros periódicos para debate das questões percebidas e trabalhadas em sala de aula. Nesses encontros também são planejadas as ações de pesquisa e ensino a serem desenvolvidas na Escola.

A integração com a rede pública de ensino ocorre também por meio de Projetos de Extensão que promovem ações formativas voltadas para professores/as da educação básica e aulas públicas de Sociologia para estudantes do ensino médio, a partir da cooperação entre profissionais do ensino superior e da educação básica.

4.4 Apoio ao discente

O curso de Ciências Sociais é marcado por um processo estruturado de formação, compreendendo disciplinas teóricas e práticas, com níveis de dificuldade que desafiam os estudantes de diferentes formas. As metodologias criadas para o acompanhamento dos/as discentes têm como objetivo fornecer meios para que os/as estudantes ingressem, permaneçam e concluam seus

cursos de graduação em período de até 4 anos e meio. Os/As discentes dispõem de atendimento em secretarias e linhas de acesso virtual como páginas de internet, e-mails institucionais (csociaisnoturno@ufc.br) e comunicação via página do Curso de Graduação em Ciências Sociais, no Facebook e Instagram.

Entre os desafios do Curso estão a superação dos problemas de evasão escolar e os desafios de permanência dos/as estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica e/ou com experimentação de violências de origens étnico-racial, de gênero, por orientação sexual, por etarismo, por capacitismo e por dissidências relacionadas às corporalidades, que reverberam em seus percursos acadêmicos. No processo de acompanhamento, a coordenação do Curso prima por esforços coletivos com corpo docente e grupos de pesquisa, ensino e extensão para o maior aproveitamento possível de editais de iniciação científica, iniciação à docência, apoio à graduação, programas e projetos de extensão, entre outros.

No Curso de Ciências Sociais da UFC, destaca-se o Programa de Educação Tutorial (PET). O PET é um programa vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, atuando na graduação por meio de ações coletivas, de caráter interdisciplinar, tendo em vista ajudar a formar cidadãos/ãs com ampla visão de mundo e com responsabilidade social. São características do PET/UFC de Ciências Sociais: a) realização de atividades que envolvam pesquisa, ensino e extensão; b) interdisciplinaridade, que é fundamental para a formação acadêmica condizente com níveis de graduação, através de atividades planejadas de forma a manter um equilíbrio entre a participação individual e a coletiva dos seus membros; c) interação contínua entre os seus membros e os corpos discentes e docentes dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação. O Programa tem uma importância significativa para que estudantes estejam envolvidos/as integralmente com atividades dos Cursos, garantido sua permanência diária no cotidiano da Universidade.

As ações de acompanhamento compreendem informações quantitativas e qualitativas fornecidas pela UFC, mediante seus dispositivos de avaliação. É responsabilidade do NDE a escuta de professores/as e estudantes para identificar problemas e sugerir ações pedagógicas para atenuar os percalços encontrados na formação e conclusão dos Cursos. Para o acompanhamento discente, o Projeto prevê ainda a adoção das seguintes medidas:

- a) Investimento do corpo docente em projetos de apoio à graduação, com objetivo de cuidar de problemas de evasão escolar e retenção em determinados componente curriculares;
- b) Mapeamento das dificuldades dos/as estudantes de Ciências Sociais nos seus trajetos formativos;
- c) Atendimento individualizado;
- d) Seminários de atenção psicossocial, com especialistas na área;
- e) Linhas de comunicação com Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, Secretaria de Acessibilidade e instâncias de representação estudantil;

É importante destacar o trabalho da Coordenação de Acompanhamento Estudantil que desempenha as seguintes funções de apoio discente: a) acompanhar a vida acadêmica dos/as discentes dos cursos de graduação, através da interação com os Centros Acadêmicos (CAs) e Diretório Central de Estudantes (DCE), atuando inclusive como uma espécie de “ouvidoria”; b) pesquisar condições de melhoria da formação acadêmica na Universidade Federal do Ceará; c) interagir com a sociedade através de seminários, palestras e outros eventos; d) articular-se, permanentemente, com coordenações dos cursos, outras Pró-Reitorias, visando a inserção dos/as estudantes nos programas, e sua participação em eventos que contribuam para a formação extracurricular.

4.5 Gestão do curso e os processos de avaliação interna e externa

As estratégias de avaliação deste PPC de Ciências Sociais se fundamentam no pressuposto da gestão democrática de uma universidade pública, gratuita e socialmente referenciada cuja finalidade é prestar um serviço de excelência educacional para a sociedade brasileira. Estão incluídos nos processos avaliativos docentes, discentes, servidores/as técnico-administrativos/as, departamentos, unidades acadêmicas, entre outros órgãos da universidade. O acompanhamento permanente de avaliação do referido projeto será de responsabilidade do Colegiado da Coordenação. A avaliação será orientada por um conjunto de insumos fornecidos pela UFC, em conformidade com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), criado pela Lei 10.861, de 14 de fevereiro de 2004, posteriormente regulamentado pela Portaria Ministerial 2.051, de 9 de julho de 2004, e

fundamentado nos parâmetros estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

O SINAES adota os seguintes parâmetros para composição de sua avaliação:

a) Avaliação Institucional

Verifica o perfil e o significado da atuação da IES, através das suas atividades, cursos, programas, projetos e setores, considerando as diferentes dimensões institucionais, dentre as quais, obrigatoriamente: (i) a missão e o plano de desenvolvimento institucional; (ii) a política institucional voltada ao ensino, à pós-graduação, à pesquisa e à extensão; (iii) a responsabilidade social da instituição; (iv) a comunicação com a sociedade; (v) a política institucional de gestão de pessoal; (vi) a organização e a gestão da instituição; (vii) a adequação da infra-estrutura física à missão da instituição; (viii) o planejamento e a avaliação institucionais; (ix) a política interna de atendimento aos/às estudantes universitários/as; (x) a sustentabilidade financeira da instituição.

b) Avaliação das condições dos Cursos de Graduação

Identifica as condições de ensino oferecidas aos/às estudantes universitários/as, em especial aquelas relativas ao perfil do corpo docente, às instalações físicas e à organização didático-pedagógica.

c) Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)

Afere o desempenho dos/as estudantes universitários/as em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, suas habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento, bem como suas competências para compreender temas exteriores ao âmbito específico da profissão que estejam ligados à realidade brasileira e mundial.

Além da avaliação contínua por meio de reuniões de trabalho no âmbito do NDE, é missão da política adotada neste Projeto a realização de seminário, a cada dois anos, para que se possam verificar o cumprimento dos objetivos e finalidades explicitados neste texto. Desta maneira, as reflexões produzidas no seminário a partir de diversos insumos deverão compor ações e estratégias que, em sua dinâmica administrativa, subsidiem os planos de desenvolvimento institucional da UFC e do Curso de Ciências Sociais.

5. INFRAESTRUTURA DO CURSO

O número de vagas do curso de Ciências Sociais é adequado às condições de infraestrutura disponível na Área III do Centro de Humanidades (Campus Benfica):

- a) 11 salas de aula;
- b) 01 auditório de 97 cadeiras;
- c) 01 sala de audiovisual (01 aparelho de televisão, 01 aparelho de vídeo, datashow e tela móvel);
- d) 01 Sala de Estudos⁸ e 15 laboratórios de pesquisa (nem todos dispõem de espaço físico).

Em relação às instalações físicas do prédio, composto por piso e dois andares, é preciso frisar que a coordenação se mantém atenta a problemas como:

- a) demandas recorrentes de manutenção predial relativas a infiltração em paredes e tetos, umidade/mofo nas salas e problemas de instalação elétrica;
- b) necessidade de adaptação dos espaços para garantir acessibilidade aos/às discentes e docentes com limitações de locomoção;
- c) salas de aula sem internet a cabo e/ou wi-fi;
- d) sala de estudos para discentes não está em funcionamento;
- e) sala de informática insuficiente para demanda dos Cursos (dos 7 computadores existentes apenas 3 funcionam);
- f) os/as discentes e docentes não dispõem de cantina no próprio espaço do CH III para refeições e integração em intervalos de aulas;
- g) a área não dispõe de guarita de segurança, mesmo após sucessivos episódios de assaltos;
- h) problema de iluminação no pátio interno, o que aumenta a vulnerabilidade para a realização de atividades acadêmicas no espaço, especialmente, no período noturno;

⁸ Esta sala conta com um importante acervo bibliográfico (de livros adquiridos por compra, pelo Programa de pós-graduação em Sociologia, além de outros títulos doados por docentes que se aposentaram; e, também, vários periódicos, e cópia impressa das monografias de graduação, e dos trabalhos de mestrado e doutorado defendidos na pós-graduação de Sociologia, entre 1976 e 2015) e era intensamente utilizada, sobretudo pelos/as estudantes, diariamente. No entanto, encontra-se fechada, desde 2016 (quando da aposentadoria do funcionário responsável), o que significa dizer não acessível a qualquer pretensão usuário/a.

- i) interrupção da reforma da Praça Geraldo Markan (pátio interno), sem a instalação da cantina, espaços de convivência e execução do projeto de paisagismo;
- j) os Cursos funcionam num prédio isolado das demais subunidades acadêmicas do Centro de Humanidades, inviabilizando uma permanente troca de experiências lúdico-culturais e acadêmicas entre discentes e docentes.

6. REFERÊNCIAS

DOCUMENTOS DE ORIENTAÇÃO:

1. Apresentação – Prática como componente curricular;
2. Estrutura curricular e seus elementos;
3. Instrumento de avaliação INEP/MEC 2017;
4. Manual de Estágio da UFC;
5. Orientações básicas para criação de componente curricular;
6. Orientações sobre Regimento Interno NDE;
7. Plano Nacional de Graduação FORGRAD 1999;
8. Referenciais de Acessibilidade INEP/MEC 2013;
9. Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Atividades Complementares;
10. Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Estágio Supervisionado;
11. Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Trabalho de Conclusão de Curso.

LEGISLAÇÃO

1. Acessibilidade a deficientes – Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004;
2. Atividades complementares – Resolução nº 07 – CEPE, de 17 de junho de 2005;
3. Atividades complementares de cursos de tecnologia – Parecer nº 239 – CNE;
4. Avaliação presencial para EaD – Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005;
5. Bibliografia Básica e Complementar – Resolução nº 10 – CEPE, de 23 de setembro de 2013;
6. Carga Horária Docente – Resolução nº 23 – CEPE, de 03 de outubro de 2014;
7. Carga Horária Mínima e Integralização – Resolução nº 02 – CNE, de 18 de junho 2007;
8. Carga Horária Mínima e Procedimentos para Integralização cursos da área de saúde – Resolução nº 04 – CNE, de 06 de abril 2009;

9. Carga horária mínima para cursos superiores de tecnologia – Portaria nº 10 – MEC, de 28 de julho de 2006;
10. Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia;
11. Conceito de hora-aula – Resolução nº 03 – CNE, de 02 de julho de 2007;
12. Curricularização da Extensão. Resolução CEPE n 28, de 1 de dezembro de 2017;
13. Curricularização de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003;
14. Curricularização de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008;
15. Destinação de Carga Horária EaD – Portaria nº 4.059 – MEC, de 10 de dezembro de 2004;
16. Diretrizes Curriculares – Cursos de Graduação;
17. Diretrizes Curriculares – Cursos de Graduação na modalidade a distância – Resolução nº 01 – CNE, de 11 de março de 2016;
18. Diretrizes Curriculares – Cursos Superiores de Tecnologia – resolução nº 03 – CNE, de 18 de dezembro de 2002;
19. Diretrizes Curriculares – Educação Básica – Resolução nº 04- CNE, de 13 de julho de 2010;
20. Diretrizes Curriculares – Formação de Professores Indígenas – Resolução nº 01 – CNE, de 7 de janeiro de 2015;
21. Diretrizes Curriculares – Licenciaturas – Resolução nº 02 – CNE, de 1 de julho de 2015 (PDF 218.78 KB);
22. Educação Ambiental – Lei nº 9.795, de 27 de abril 1999;
23. Educação Ambiental – Decreto nº 4.281, de 25 de junho 2002;
24. Educação Ambiental – Resolução nº 02 – CNE, de 15 de junho de 2012;
25. Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Resolução nº 01 – CNE, de 17 de junho de 2004;
26. Educação em Direitos Humanos – Resolução nº 01 – CNE, de 30 de maio de 2012;
27. Eixos temáticos – Relações Étnico-Raciais e Africanidades, Educação Ambiental e Educação em Direitos Humanos, de 03 de junho de 2013 – Portaria nº 21 – PROGRAD/UFC, de 03 de junho de 2013;

28. Estágio – Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008;
29. Estágio Curricular Supervisionado – Resolução nº 32 – CEPE, de 30 de outubro 2009;
30. Formação de tecnólogos – Parecer nº 436 – CNE;
31. Lei Federal nº 3866, de 25/01/1961;
32. LIBRAS – Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005;
33. LIBRAS – Portaria nº 19 – PROGRAD/UFC, de 26 de novembro de 2009;
34. Nova habilitação para graduados em Letras – Resolução nº 01 – CNE, de 18 de março de 2011;
35. Núcleo Docente Estruturante – Resolução nº 01 – MEC/CONAES, de 17 de junho de 2010;
36. Núcleo Docente Estruturante – Resolução nº 10 – CEPE, de 01 de novembro de 2012;
37. Prazos de processos – Ofício circular nº 16 – PROGRAD/UFC, de 4 de outubro de 2011;
38. Reprovação por Frequência – Resolução nº 12 – CEPE, de 19 de junho de 2008;
39. Tempo Máximo para Conclusão de Cursos – Resolução nº 14 – CEPE, de 03 de dezembro de 2007;
40. Trâmite de processos – Ofício circular nº 15 – PROGRAD/UFC, de 12 de novembro de 2013;
41. Unidades Curriculares – Resolução nº 07 – CEPE, de 08 de abril 1994.

7. ANEXOS

ANEXO I – MANUAL ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

ANEXO II – MANUAL ATIVIDADES COMPLEMENTARES

ANEXO III – MANUAL DE REGULAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE
EXTENSÃO

ANEXO IV – MANUAL DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MANUAL DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

FORTALEZA

2022

SUMÁRIO

- 1. Apresentação**
- 2. O Estágio Curricular Supervisionado**
- 2.1 As Etapas do Estágio**
- 3. Acompanhamento, orientação e supervisão**
- 4. Atribuições e competências**
- 5. Avaliação do Estágio**
- 6. Disposições Gerais**
- 7. Anexos**

1. Apresentação

O Estágio Curricular Supervisionado é uma atividade educativa, exercida no ambiente de trabalho, que visa à formação profissional por meio da articulação entre teoria e prática. Trata-se de um importante momento no itinerário de formação do/a aluno/a através do qual são adquiridas e exercitadas competências profissionais e aplicados os conhecimentos curriculares.

O devido cumprimento desta função depende de compromisso firmado entre a instituição de ensino, o/a aluno/a e a instituição concedente, o que implica o adequado planejamento, acompanhamento, execução e avaliação das atividades de estágio em co-responsabilidade entre as partes envolvidas. Esse compromisso é formalizado e operacionalizado através de “Termo de Compromisso de Estágio”, regido segundo a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Este Manual de Estágio apresenta os objetivos, finalidades e etapas do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFC.

2. O Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se de um conjunto de atividades voltadas para a aprendizagem da profissão docente, através da participação em situações reais de trabalho. O Estágio constitui-se no momento de aprofundamento dos conteúdos e práticas de ensino das Ciências Sociais no Ensino Médio. Tem como **finalidades**:

- a) A formação do/a professor/a para o ensino médio;
- b) A articulação de conhecimentos das Ciências Sociais;
- c) A instrumentalização dos conhecimentos adquiridos no cotidiano acadêmico e na prática de ensino;
- d) Vinculação entre conhecimentos teóricos e da realidade educacional e social.

O **objetivo geral** do Estágio Curricular Supervisionado obrigatório do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais é oportunizar ao/à estudante experiências de educação no ensino médio através:

- a) da apropriação de conhecimentos;
- b) do desenvolvimento de habilidades necessárias à prática educativa e profissional;

São **objetivos específicos**:

- a) Identificar a realidade educacional dos campos de estágio;

- b) Realizar planejamento, execução e avaliação do processo ensino-aprendizagem nas Ciências Sociais;
- c) Aplicar metodologias de ensino de sociologia adequadas ao ensino médio, ou criar novas;
- d) Instrumentalizar-se para a reflexão e a pesquisa acerca do ensino de sociologia e temas sociológicos educacionais.

De acordo com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, as atividades de estágio obrigatório preveem carga horária curricular mínima do curso, consistindo em pré-requisito essencial para a obtenção do diploma.

No Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFC, conforme a Resolução nº 02 – CNE/CP, de 20 de dezembro de 2019, a **carga horária de 400 (quatrocentas) horas** será destinada para o estágio curricular supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Essas horas serão distribuídas nos seguintes componentes curriculares:

- a) Estágio de Docência I - 128 h/a – 6º Semestre
- b) Estágio de Docência II - 128 h/a - 7º Semestre
- c) Estágio de Docência III - 144 h/a - 8º Semestre

O Estágio Curricular Supervisionado será desenvolvido em escolas e instituições educacionais de preferência públicas, que tenham em seus currículos o componente curricular de Sociologia na base comum e/ou na parte diversificada, ou ainda em componentes curriculares com conteúdos relacionados às Ciências Sociais.

Em conformidade com a Lei 11.788, Art. 10º, a carga horária máxima semanal a ser cumprida pelo estagiário não poderá ultrapassar as 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais.

2.1 As Etapas do Estágio

O estágio curricular supervisionado deve cumprir etapas que consistem em um processo de aprendizagem, desenvolvendo atividades a seguir relacionadas a fim de cumprir com os objetivos apresentados neste Manual:

- a) observação da estrutura, do funcionamento, dos recursos, da comunidade escolar e dos/as profissionais da educação na escola na qual se realiza o estágio;
- b) observação da atuação didática e pedagógica do/a professor/a regente da classe em que ocorre o estágio;
- c) participação nas atividades da escola, em especial das aulas, atuando em atividades de ensino sugeridas e/ou autorizadas pelo/a professor/a regente da classe;

d) regência de classe, ministrando aulas na classe em que estagia, sob a supervisão do/a professor/a regente e do/a professor/a de estágio.

Ao longo de cada componente curricular de Estágio, o/a estudante deve:

- a) acompanhar uma turma durante o semestre letivo;
- b) desenvolver atividades exigidas pela escola e pelo/a professor/a responsável pela turma;
- c) ministrar aulas durante o semestre, elaborando materiais didáticos;
- d) acompanhar as semanas pedagógicas (na medida do possível), participar ativamente do planejamento semanal da disciplina e assistir o Conselho de Classe (em concordância com a escola);
- e) desenvolver trabalhos e avaliações, de acordo com as condições da escola, em concordância com o/a professor/a da turma;
- f) acompanhar o trabalho do/a professor/a de Sociologia em projetos e outros componentes curriculares, como o Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), o Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS), dentre outros;
- g) analisar os livros didáticos de Sociologia, sobretudo os utilizados na escola em que está estagiando;
- h) analisar os problemas apresentados pelos/as discentes;
- i) elaborar materiais didáticos diversos, texto didático, propostas e instrumentos de avaliação, recursos audiovisuais, planos de aula, programas, entre outros;
- j) participar diretamente no desenvolvimento dos conteúdos e regência em sala de aula, nas escolas;
- k) apropriar-se da realidade educacional, a fim de se instrumentalizar para o trabalho de conclusão de curso.

2.2. Componentes Curriculares de Estágio

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA I - 128 h/a - 8 créditos – 6º Semestre

Ementa:

O professor e a escola. O ensino de Sociologia na escola: história e configurações atuais. A formação de professores de Sociologia: o lugar do estágio e a profissionalização docente. Acompanhamento da rotina, da vivência e da experiência de professores de Sociologia. Os tipos de estabelecimentos escolares e a recontextualização sociológica. Observação e pesquisa sobre a escola. Observação e análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Entrevista com professores de Sociologia e gestores escolares.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA II - 128 h/a - 8 créditos – 7º Semestre

Ementa:

Os currículos. A Sociologia no currículo escolar e as reformas educacionais no Brasil. As diretrizes curriculares nacionais e estaduais para o ensino de Sociologia. Os conteúdos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política nos livros didáticos, currículos e práticas pedagógicas. A atuação do professor de Sociologia na base comum e na parte diversificada do currículo. Observação e análise do planejamento do professor de Sociologia. Análise do material didático utilizado pelo professor de Sociologia. Produção de material didático.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA III - 144 h/a - 9 créditos – 8º Semestre

Ementa:

Os estudantes e a aula de Sociologia. Metodologia de ensino de Sociologia na Educação Básica. A relação das juventudes com os saberes sociológicos. Avaliação da aprendizagem. Regência de micro aulas na universidade. Práticas de ensino na escola. Elaboração de plano de aula e plano de ensino. Observação e pesquisa das metodologias de ensino utilizadas em sala de aula. Observação e pesquisa sobre os estudantes.

3. Acompanhamento, orientação e supervisão do estágio

As atividades de estágio serão acompanhadas por uma Comissão de Estágio, a ser especialmente constituída para este fim, designada pela Coordenação do Curso de Licenciatura de Ciências Sociais segundo os princípios enunciados no projeto pedagógico e segundo as finalidades, objetivos, etapas e atividades a seguir especificados.

Os/as discentes estagiários/as serão orientados/as pelo/a professor/a da instituição de ensino designado para cada turma, doravante denominado/a Professor/a Orientador/a de Estágio. No início de cada semestre, o/a Professor/a Orientador/a de Estágio apresentará um Plano de Atividades contendo um cronograma com os períodos de *formalização*, *desenvolvimento* de atividades na instituição concedente e *socialização* das atividades de estágio na universidade.

A elaboração do Plano de Atividades seguirá as recomendações da Resolução CEPE/UFC nº 12, de 19 de junho de 2008, que orienta a definição dos seguintes requisitos mínimos:

- a) objetivos;
- b) atividades previstas;
- c) período (início e término do estágio);

- d) local e caracterização da Instituição Concedente que receberá o estagiário/a;
- e) horário do estágio;
- f) professor/a orientador/a da instituição de ensino e professor/a supervisor/a da instituição concedente.

A definição do cronograma com os períodos de formalização, desenvolvimento e socialização deve considerar o Calendário Acadêmico da UFC, o calendário das instituições concedentes e as cláusulas do Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório (Disponibilizado no Site da Agência de Estágios da UFC).

Compreende-se por *formalização* o período de celebração do termo de compromisso com o/a estagiário/a e com a instituição concedente que indicam as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, aos horários e aos calendários escolar e acadêmico. O desenvolvimento de atividades na instituição concedente será realizado depois de cumpridas as formalidades definidas na legislação em vigor.

No período de *desenvolvimento de atividades na instituição concedente*, o/a estagiário/a vivenciará a experiência prática profissional de acordo com o plano de atividades definido pelo/a Professor/a Orientador/a.

Entende-se como *socialização das atividades de estágio* os encontros na universidade programados no cronograma para relatos das experiências de estágio, entrega do registro de frequência e apresentação do Relatório de Atividades.

Com base no processo de acompanhamento, orientação, supervisão e avaliação do Estágio, seguem as atribuições de cada agente participante e responsável pelo desenvolvimento do Estágio.

4. Atribuições e Competências

São partes indispensáveis à realização do Estágio: a Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, a partir da Comissão de Estágio, o/a Professor/a Orientador/a; o/a Professor/a Supervisor/a e o/a discente estagiário. Sem prejuízo das exigências postas pela legislação supracitada, compete à/ao:

4.1. Comissão de Estágio

A Comissão de Estágio será integrada pela Coordenação do curso e os docentes do Núcleo Docente Estruturante da Área de Teoria e Prática de Ensino, a quem competem:

- a) Definir, a cada semestre, o/a Professor/a Orientador/a de cada turma de Estágio.
- b) Acompanhar o funcionamento do Estágio e sua relação com o desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso.
- c) Deliberar, junto com o/a Professor/a Orientador/a, sobre casos omissos neste Manual.

4.2. Professor/a Orientador/a

Professor/a Orientador/a é o/a docente da instituição de ensino designado para a turma de Estágio, cabe a este/a:

- a) Articular-se com instituições educacionais públicas e privadas e fortalecer o vínculo da UFC com as instituições concedentes;
- b) Efetuar o levantamento de Instituições Concedentes;
- c) Elaborar do Plano de Atividades;
- d) Orientar os/as estudantes quanto ao processo de formalização, de desenvolvimento de atividades na instituição concedente e de socialização das atividades na universidade;
- e) Acompanhar, de acordo com o cronograma pré-definido, o/a discente nas atividades de campo para vivenciar a realidade escolar de forma integral, incluindo participação nos conselhos de classe e reunião de professores/as;
- f) Conduzir o processo de avaliação com a participação do/a professor/a supervisor/a da instituição concedente;
- g) Promover a integração teórico-prática de acordo com as competências e habilidades preconizadas no Projeto Pedagógico de Curso (PPC).

4.3. Professor Supervisor

O/a Professor/a supervisor/a é o/a profissional que acompanha e avalia o/a estagiário/a na instituição concedente, a quem compete:

- a) Oportunizar experiência prática profissional ao/à estagiário/a;
- b) Supervisionar o/a estagiário/a na realização do Plano de Atividades;
- c) Preencher o registro de frequência do/a estagiário/a e a avaliação que será conduzida pelo/a Professor/a Orientador/a.

4.4. Atribuições do Estagiário

O/a Estagiário/a é o/a estudante devidamente matriculado/a em algum dos componentes curriculares que integralizam a carga horária do Estágio Curricular Supervisionado, que vivenciará a experiência profissional na instituição concedente, cabe aos/às estudantes:

- a) Providenciar a formalização do estágio por meio do preenchimento e impressão dos documentos necessários (Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório, Carta de Apresentação e Registro de Frequência);
- b) Coletar as assinaturas e carimbos necessários ao Termo de Compromisso e entregá-lo para o/a Professor/a Orientador/a, conforme cronograma;
- c) Cumprir o Plano de Atividades;
- d) Cumprir as normas internas da instituição concedente;
- e) Prestar as informações que lhe forem solicitadas;
- f) Socializar a vivência do Estágio;
- g) Entregar Relatório de Atividades;
- h) Cumprir outras obrigações previstas no Termo de Compromisso de Estágio e zelar pela parceria entre a Instituição Concedente e a UFC.
- i) Apresentar frequência igual ou superior a 90% (noventa por cento), conforme artigo 116, parágrafo 2º, do Regimento Geral da UFC;
- j) Obter nota igual ou superior a 07 (sete).

5. Avaliação do Estágio

A avaliação do Estágio será conduzida pelo/a Professor/a Orientador/a que se baseará nos princípios pedagógicos gerais enunciados no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e nos objetivos e atividades acima previstos, bem como nas práticas avaliativas definidas na Resolução CEPE/UFC nº 12, de 19 de junho de 2008 e no Regimento Geral da UFC, conforme estabelece o Capítulo VI: Avaliação de rendimento escolar.

A Avaliação do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais considerará também a:

- a) realização do Plano de Atividades;
- b) entrega do Relatório de Atividades;
- c) socialização do estágio na universidade;
- d) avaliação realizada pelo/a Professor/a Supervisor/a responsável na instituição concedente;
- e) avaliação do/a Professor/a Orientador/a do Estágio.

Será considerado/a aprovado/a o/a estudante que obtiver média final igual ou superior a 7 (sete) e frequência igual ou superior a 90% (noventa por cento).

O/a estudante que não obtiver nota final igual ou superior a 7 (sete) e frequência igual ou superior a 90% (noventa por cento) será considerado/a reprovado/a no componente curricular e, conseqüentemente, terá que repeti-lo. Caso a reprovação tenha sido motivada por fato excepcional, o caso será avaliado pela Comissão de Estágio.

6. Disposições gerais

O Estágio Curricular Supervisionado não acarretará vínculo empregatício de qualquer natureza, conforme Art. 3º, *caput* e § 2º, e Art. 2º da Lei nº 11.788 de 25/09/2008.

Os casos omissos neste Manual de Estágio serão resolvidos pela Comissão de Estágio, no prazo de 15 dias após comunicado formal da parte interessada enviado ao Professor Orientador.

ANEXOS

ANEXO 1 - MODELO DE CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais
Área de Teoria e Prática de Ensino de Sociologia
Estágio Curricular Supervisionado
CARTA DE APRESENTAÇÃO

Fortaleza, ____ de _____ de XXXX

Prezado(a) Sr.(a):

Apresentamos a V.S.^a o(a) aluno(a) _____,
regularmente matriculado(a) na disciplina
_____, do Curso de Licenciatura em
Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), que pretende realizar
o Estágio Curricular Supervisionado nesta Instituição Concedente.

Informamos que o Estágio é um componente curricular obrigatório, perfazendo
um total de 400 horas, das quais _____ serão cumpridas neste semestre
(detalhamento do *período*). As atividades deste semestre serão:

- _____
- _____
- _____

O Estágio será orientado pelo Prof.(a) _____, que poderá fazer
contatos com o professor da disciplina de Sociologia, com a finalidade de
acompanhar o desempenho do(a) estudante em sua experiência prática na
Instituição Concedente, bem como coletar informações sobre sua atuação nas
atividades.

Agradecemos a atenção e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos através dos contatos do professor orientador.

Atenciosamente,

Nome do Professor Orientador
Professor(a) Orientador(a) do Estágio Curricular Supervisionado
E-mail:
Contato:

ANEXO 2 - MODELO DE REGISTRO DE FREQUÊNCIA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

REGISTRO DE FREQUÊNCIA E ATIVIDADES REALIZADAS NO CAMPO DE ESTÁGIO

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Nome do(a) estagiário(a):		
Orientador(a):		
Instituição concedente (local de realização do estágio):		
Data	Atividades desenvolvidas*	Assinatura do(a) supervisor(a) do campo de estágio

Fortaleza, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) responsável pela Instituição Concedente

**ANEXO 3 - MODELO DE FICHA DE AVALIAÇÃO DO(A)
PROFESSOR(A) SUPERVISOR(A)**



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ÁREA DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

FICHA – AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO NO ESTÁGIO

ESTUDANTE:	
PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A):	
PROFESSOR(A) SUPERVISOR(A):	
INSTITUIÇÃO CONCEDENTE:	
Endereço:	
ACOMPANHAMENTO	
1- O(A) estudante acompanhou semanalmente as aulas de Sociologia ou atividades realizadas pelo(a) professor(a) supervisor(a)?	☐ Sim ☐ Não
2- O(A) estudante participou e interagiu durante as aulas? <i>*Caso não tenha ocorrido a possibilidade de participação e interação, deixe em branco.</i>	☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Às vezes ☐ Muitas vezes ☐ Sempre

Observações:

REGÊNCIAS

Observação: Marque a opção “Não se aplica” quando a atividade que está sendo avaliada não foi realizada

1- PLANO DE AULA: apresenta os requisitos necessários para o bom desenvolvimento da aula, a redação está clara e coerente quanto aos objetivos da aula

- (☐) Excelente
- (☐) Bom
- (☐) Regular
- (☐) Insuficiente
- (☐) Não se aplica

2- COMUNICAÇÃO: clareza na comunicação, adequação da linguagem, movimentação na sala.

- (☐) Excelente
- (☐) Bom
- (☐) Regular
- (☐) Insuficiente
- (☐) Não se aplica

3- SEQUÊNCIA DIDÁTICA: organização e sequência do conteúdo, domínio do conteúdo, recursos didáticos, organização do tempo.

- (☐) Excelente
- (☐) Bom
- (☐) Regular
- (☐) Insuficiente
- (☐) Não se aplica

4- INTERAÇÃO: estimulou o diálogo e a participação dos alunos.	() Excelente () Bom () Regular () Insuficiente () Não se aplica
5- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: apresentou proposta de avaliação compatível com a aula realizada, oferecendo condições aos alunos de demonstrarem o que aprenderam	() Excelente () Bom () Regular () Insuficiente () Não se aplica
6- FINALIZAÇÃO: realizou uma síntese final do conteúdo e dos objetivos da aula	() Excelente () Bom () Regular () Insuficiente () Não se aplica
<i>Observações:</i>	

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Professor(a) Supervisor(a)

ANEXO 4 - MODELO DE RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS ÁREA DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O Relatório de Atividades de Estágio é o documento que apresenta sistematicamente como foi a realização do Plano de Atividades entregue no início do semestre pelo/a Professor/a Orientador/a. É um recurso que visa promover a reflexão sobre a vivência no ambiente profissional e a prática docente.

Recomenda-se que a estrutura do Relatório seja composta pelas seguintes partes:

- **Introdução**

Apresentar informações contextuais que mostram em quais condições o estágio foi realizado, identificando o período e a instituição concedente.

- **Metodologia**

Descrição das formas de atuação ou observação e análise das atividades escolares articuladas com a teoria desenvolvida na universidade.

- **Resultados e Discussão**

A partir do Plano de Atividades, apresentar uma descrição de como foi a realização das atividades previstas, discutindo de forma crítica e reflexiva, com base em referencial teórico utilizado durante a disciplina. Descrição do cotidiano escolar vivenciado e observado, detalhando as percepções das rotinas e eventos extraordinários da prática pedagógica.

- **Conclusão**

Nesta seção, o/a estudante poderá descrever o que a experiência de estágio no semestre corrente lhe proporcionou enquanto futuro profissional.

- **Referências Bibliográficas**

Indicação das referências bibliográficas de acordo com as normas do Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UFC e da ABNT.

Orientações gerais:

O/a Professor/a Orientador/a tem autonomia para alterar o formato do Relatório de Atividades de Estágio, desde que mantenha seu escopo principal: apresentar sistematicamente como foi a realização do Plano de Atividades.

A recomendação de estrutura visa incentivar a elaboração de trabalhos que possam ser apresentados nos Encontros Universitários da UFC.

A formatação deve seguir as normas do Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UFC e da ABNT.

Este relatório poderá ser utilizado pela Comissão de Estágio para avaliar situações imprevistas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MANUAL DE
ATIVIDADES COMPLEMENTARES

FORTALEZA

2023

SUMÁRIO

- 1. Apresentação**
- 2. Objetivos**
- 3. Integralização das Atividades Complementares**
- 4. Modalidades de Atividades Complementares**
- 5. Atribuições e Competências**
- 6. Anexos**

1. Apresentação

1.1 Desde 2006 o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais vem exigindo o cumprimento de Atividades Complementares para a integralização curricular dos/as discentes. Com o advento do Projeto Pedagógico do Curso, o que se faz agora é ampliar as possibilidades de uma maior diversidade no aproveitamento de atividades extracurriculares, bem como atualizar sua integralização, especialmente após as exigências de curricularização das atividades de extensão.

1.2 As atividades complementares constituem um campo da formação discente que visa ampliar e enriquecer a dimensão curricular apreendida nas disciplinas obrigatórias e optativas. Os conhecimentos incorporados por meio dessas atividades extracurriculares contribuem para maior interdisciplinaridade, diversificação e autonomia dos/as estudantes, contribuindo assim para a excelência de sua formação.

1.3 Este Manual regulamenta as Atividades Complementares desenvolvidas pelos/as alunos/as, em suas modalidades, cargas horárias e formas de regularização. É, portanto, uma normatização interna, promovida pela Coordenação de Curso de Ciências Sociais, complementar ao que está estabelecido na Resolução nº07 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão-CEPE, de junho de 2005, constituindo-se parte integrante do Projeto Pedagógico do Curso.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral:

- Apresentar aos/às discentes e docentes as modalidades, cargas horárias e formas de regularização das Atividades Complementares no curso de Licenciatura em Ciências Sociais cuja integralização constitui requisito para a colação de grau.

2.2 Objetivos específicos:

- Apresentar as modalidades de Atividades Complementares adotadas pelo Curso de Licenciatura em Ciências Sociais;
- Indicar as cargas horárias máximas em cada modalidade exigidas para cumprimento da carga horária referente à integralização das Atividades Complementares indicada no PPC;
- Definir regras para integralização das horas de Atividades Complementares pelos/as discentes;

- Expor as atribuições de cada parte envolvida na atividade (discentes e coordenação do curso).

3. Integralização das Atividades Complementares

3.1 A integralização de Atividades Complementares é obrigatória, devendo o/a discente cumprir 128 horas entre as atividades indicadas, conforme estabelece o PPC.

3.2 As Atividades Complementares serão realizadas ao longo do curso. A participação dos/as estudantes nas modalidades previstas é de livre escolha, desde que respeite para fins de aproveitamento a carga horária máxima de aproveitamento por modalidade indicada neste Manual.

3.3 A solicitação de integralização deverá ser realizada mediante preenchimento de formulário específico acompanhado de um memorial acadêmico sucinto, de até no máximo três páginas, comentando a importância das atividades desenvolvidas para sua formação, além de todos os comprovantes de realização das atividades.

3.4 As atividades serão devidamente registradas no Histórico Escolar, após análise e parecer da Coordenação do Curso.

3.5 O/a discente deve apresentar à Coordenação do Curso seu pedido de integralização em até 120 dias do período anterior à conclusão do curso.

3.6 As atividades desenvolvidas pelos/as discentes serão devidamente validadas, somente se iniciadas a partir do ingresso do/a estudante na UFC.

4. Modalidades de Atividades Complementares

As Atividades Complementares a aproveitar estão dispostas no quadro abaixo:

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ATIVIDADES COMPLEMENTARES PARA APROVEITAMENTO

ATIVIDADES		CARGA HORÁRIA MÁXIMA	NORMATIZAÇÃO
1.	Iniciação à docência	48 horas	Apresentar certificado ou declaração;
2.	Iniciação à Pesquisa		

3. Extensão (Horas não computadas na curricularização de extensão)		Aproveitamento de 1 (uma) hora-aula para cada hora de atividade; O Estágio Curricular Supervisionado não pode ser aproveitado.
4. Artísticas, culturais e esportivas	32 horas	Apresentar certificado ou declaração; Aproveitamento de 1 (uma) hora-aula a cada 4 (quatro) horas de atividades.
5. Participação e/ou organização de eventos	32 horas	Apresentar certificado/declaração O evento deve guardar relação com as Ciências Sociais; Aproveitamento de 1 (uma) hora-aula para cada hora de atividades.
6. Experiências ligadas à formação profissional	32 horas	Atividades desenvolvidas em escolas, sindicatos, partidos políticos, ONGs e outras instituições públicas e privadas; Apresentar certificado ou declaração; Apresentar cópia do contrato de trabalho quando houver vínculo de trabalho; Aproveitamento de 1 (uma) hora-aula para cada hora de atividade.
7. Produção técnica e/ou científica	48 horas	Artigo em revista científica, capítulo de Livro (com ISBN) ou livro (com ISBN), relacionados a área de formação do/a aluno/a (48 horas); Resenha em revista científica, sobre tema relacionado à formação do/a aluno/a (32 horas); Resumo publicado em anais de congresso da área de Ciências Sociais (16 horas); Artigo em revista ou jornal (8 horas); Apresentação de trabalho de iniciação científica ou em congressos estudantis (8 horas)
8. Experiência de gestão	32 horas	Atividades em diretorias de Centros Acadêmicos e Diretórios Estudantis (apresentar Ata que comprove eleição para o cargo); Atividades de coordenação desenvolvidas em ONG`S, sindicatos, partidos políticos, Repartições públicas ou privadas (apresentar declaração da instituição e cópia do contrato de trabalho) Aproveitamento de 1 hora-aula para cada hora trabalhada.
9. Outras Formações	32 horas	Atividades de formação ofertada por Instituições de Ensino

		Superior reconhecidas pelo MEC (cursos, minicursos, cursos de língua estrangeira, oficinas, etc.) Apresentar certificado/diploma; Aproveitamento de 1 (uma) hora-aula para cada hora comprovada.
--	--	---

5. Atribuições e Competências

5.1 Compete ao/à discente: cumprir, ao longo do curso, as Atividades Complementares nas modalidades e carga-horária indicadas pelo PPC; apresentar à Coordenação do Curso requerimento (Formulário e Memorial) e documentação comprobatória para integralização das atividades em até 120 dias antes da colação de grau.

5.2 À Coordenação do Curso compete: a) receber a documentação exigida para fins de integralização da carga-horária de Atividades Complementares; b) analisar documentação e emitir de pareceres; c) fazer o registro da carga-horária das atividades complementares no Histórico Escolar do/a estudante; e d) informar os/as discentes sobre as Atividades Complementares e procedimentos para integralização.

5.3 Compete ao Colegiado do Curso dirimir dúvidas referentes à interpretação destas normas, bem como suprir as suas lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

6. Anexos

- Resolução nº07 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão-CEPE, de junho de 2005.
- Formulário de Requerimento Integralização Atividades Complementares



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
FORMULÁRIO DE INTEGRALIZAÇÃO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Curso de Ciências Sociais Turno: _____ Grau: _____ Estudante: _____ Matrícula: _____ Ingresso(Semestre/Ano): _____ Matriz Curricular: _____			CARGA HORÁRIA TOTAL DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES PREVISTA NO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO: _____ horas.	
ATIVIDADE	DATA/PERÍODO	INSTITUIÇÃO	Sub-total de horas/realizadas	Sub-total de horas/ aproveitadas
TOTAL:				

Parecer emitido pelo/a coordenador/a do curso:

Data, assinatura e carimbo (coordenação)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MANUAL DE REGULAMENTAÇÃO DAS
ATIVIDADES DE EXTENSÃO

FORTALEZA

2023

SUMÁRIO

1. **Apresentação**
2. **Objetivos**
3. **Atividades de Extensão**
4. **Integralização das Atividades de Extensão**
5. **Avaliação**
6. **Acompanhamento dos discentes e curricularização**
7. **Atribuições e Competências**
8. **Anexos**

1. Apresentação

1.1 A extensão é o espaço da formação acadêmica através do qual as instituições de ensino propiciam a articulação dos/as discentes com as dinâmicas sociais e culturais fora do ambiente universitário. É também por meio dela que se realiza a difusão, socialização e democratização dos conhecimentos produzidos, promovendo uma relação dialógica e troca de experiências e saberes junto às comunidades envolvidas nas ações de extensão (programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços cadastradas na PREX).

1.2 A curricularização da extensão vem, nesse sentido, contribuir para a ampliação de um processo educativo de caráter interdisciplinar que visa consolidar essa interação entre a Universidade e a Sociedade, haja vista a exigência da participação ativa do/a estudante nas práticas a serem desenvolvidas. Os/as discentes envolvidos/as em ações de extensão incorporam aprendizados de inúmeras formas. Os efeitos da experiência extensionista dos/as discentes se desdobram na formação, na vida pessoal, na sociabilidade e na relação com os espaços social e natural.

1.3 Este Manual de Regulamentação das Atividades de Extensão obedece à Resolução N° 28/CEPE, de 1º de dezembro de 2017, da Universidade Federal do Ceará e à Resolução CNE/CP N° 02 de 20 de dezembro de 2019 e somente poderá ser alterado mediante voto da maioria absoluta dos membros do Colegiado do Curso. Sua finalidade é estabelecer o conjunto de normas para o registro, acompanhamento e integralização acadêmicos das Atividades de Extensão Universitária, no âmbito do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, sendo o seu cumprimento etapa obrigatória da integralização curricular e requisito para a colação de grau.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral:

- Apresentar aos/às discentes e docentes as normas para curricularização da extensão no curso de Licenciatura em Ciências Sociais cuja integralização constitui requisito para a colação de grau.

2.2. Objetivos específicos:

- Apresentar a modalidade de curricularização adotada pelo Curso de Licenciatura em Ciências Sociais;
- Indicar o percentual mínimo de horas exigidas para cumprimento da carga horária referente à curricularização indicada pelo PPC;
- Definir regras para integralização das horas de extensão pelos/as discentes;

- Expor as atribuições de cada parte envolvida na atividade (discentes; comissão supervisora de extensão e coordenação do curso).

3. Atividades de Extensão

3.1. Para fins da curricularização da extensão, o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, opta pela criação da *Unidade Curricular Especial de Extensão*, que congrega as ações de extensão, ativas e devidamente cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão (PREX), para a integralização das 320 horas, conforme o art. 5º, da RESOLUÇÃO nº 28/CEPE, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2017.

3.2. O/a estudante poderá participar, a seu critério, de qualquer Ação de Extensão registrada na PREX (programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços), seja coordenada por docente do curso de Ciências Sociais ou de outros cursos da UFC, desde que lhe seja permitida a admissão pelo/a coordenador/a da respectiva atividade de seu interesse.

3.3. Entre as áreas temáticas da PREX em que os/as discentes deverão cumprir a carga horária relativa às atividades de extensão, o PPC estabelece: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho.

4. Integralização das Atividades de Extensão

4.1. As Atividades de Extensão serão integralizadas ao longo do curso, de acordo com a oferta realizada. Após serem desenvolvidas pelos/as estudantes, as atividades serão devidamente registradas no Histórico Escolar, conforme requerimento dos/as discentes e apresentação da documentação exigida.

4.2. Para normalização da carga horária, se considera como referência a média de horas dedicadas por bolsistas de Programas e Projetos da PREX/UFC. Ao considerar a média de 12 horas semanais dedicadas ao Projeto, em 10 meses, os/as estudantes contabilizam 480 horas de trabalhos de extensão. Os/as bolsistas poderão integralizar o total de 320 horas, por projeto. Dos/as estudantes não-bolsistas se exige o mínimo de participação equivalente a cerca de 5 meses em alguma Ação de Extensão cadastrada na PREX/UFC.

4.3. Em conformidade com o artigo 10 da Resolução nº 28 CEPE/UFC, de 1º de dezembro de 2017, serão computadas também, pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais, atividades de extensão certificadas e declaradas por outras Instituições de Ensino Superior (IES), do Brasil e do Exterior. O estudante, ainda, poderá requerer o aproveitamento de horas de extensão desenvolvidas na UFC ou em outras IES após transferência de curso.

4.4. Os comprovantes de participação das ações extensionistas poderão ser realizados por meio de certificados, declarações ou outros documentos,

devidamente assinados pelo/a coordenador/a ou responsável da atividade de extensão.

4.5. É obrigatória a apresentação, pelo/a estudante, à Coordenação do Curso de Ciências Sociais, do Requerimento de Integralização, Relatório de Atividades e Certificado/Declaração de participação no Projeto/Programa de Extensão, contendo a informação da carga-horária realizada, até no máximo 60 (sessenta) dias antes da data da colação de grau, para que seja feito o registro no Histórico Escolar. Para os registros acadêmicos dos Projetos de Extensão, o/a estudante deve apresentar, à Coordenação do Curso, documento original ou cópia comprovada.

5. Avaliação

5.1 Para fins de avaliação do percurso de curricularização da extensão, os/as discentes deverão produzir um Relatório de Atividades que deve conter a seguinte estrutura: 1. Introdução; 2. Descrição da ação de extensionista (onde foi realizada, espaço social e geográfico); 3. Atividades desenvolvidas e discussão das ações realizadas destacando as contribuições para a sociedade e para promoção de uma formação profissional e cidadã; 4. Relação das atividades com a pesquisa e o ensino; 5. Autoavaliação (a fim de atender ao disposto no Capítulo II da Res. CNE/CES nº 7/2018); 6. Considerações finais; 7. Referências; 8. Anexos (caso necessário).

6. Acompanhamento dos discentes e curricularização

6.1. A Unidade Curricular Especial de Extensão (UCEE) será coordenada por uma comissão de 4 docentes do Colegiado do Curso, que assumirá a função de Supervisão de Extensão, responsável por emitir pareceres das documentações apresentadas para fins de curricularização da extensão na integralização curricular do/a discente.

6.2. O acompanhamento dos/as discentes em ações de extensão será realizado pela UCEE, e Coordenação do Curso no que lhe couber, especialmente em relação a esclarecimentos sobre a curricularização, divulgação de ações e procedimentos para integralização.

7. Atribuições e Competências

7.1. À Coordenação do Curso compete: a) receber a documentação exigida para fins de integralização da carga-horária de extensão; b) encaminhar a documentação dos/as discentes à Comissão da Unidade Curricular Especial de Extensão para emissão de pareceres; c) fazer o registro da carga-horária das atividades de Extensão no Histórico Escolar do/a estudante; e d) fomentar a ampliação da oferta de ações extensionistas no âmbito do curso.

7.2. À Comissão da Unidade Curricular Especial de Extensão compete: a) conhecer todas as ações de extensão ativas do Curso de Ciências Sociais devidamente cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão; b) divulgar as modalidades de extensão devidamente ativas e as respectivas temáticas, por ano; c) emitir pareceres após análise da documentação apresentada pelos/as discentes; e d) informar os/as discentes sobre a curricularização, divulgação de ações e procedimentos para integralização.

7.3. Aos/às discentes compete: a) contatar docente responsável pela ação extensionista de seu interesse; b) cumprir as atividades previstas no programa, projeto e/ou ação escolhido; c) solicitar requerimento e apresentar relatório de atividades e documentação comprobatória no prazo indicado para integralização.

7.4. Compete ao Colegiado do Curso dirimir dúvidas referentes à interpretação destas normas, bem como suprir as suas lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

8. Anexos

Resolução N° 28/CEPE, de 1º de dezembro de 2017

Resolução n° 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018

Formulário Requerimento Integralização Atividades de Extensão



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
FORMULÁRIO DE INTEGRALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Curso de Ciências Sociais Turno: _____ Grau: _____ Estudante: _____ Matrícula: _____ Ingresso(Semestre/Ano): _____ Matriz Curricular: _____			CARGA HORÁRIA TOTAL DE ATIVIDADES CDE EXTENSÃO PREVISTA NO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO: _____ horas.	
ATIVIDADE (AÇÃO, PROJETO, PROGRAMA DE EXTENSÃO)	CÓDIGO PREX	DATA/PERÍODO	Sub-total de horas realizadas	Sub-total de horas aproveitadas
TOTAL:				

Parecer emitido pela Comissão da UCEE:

Data, assinaturas (Coordenação e UCEE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MANUAL DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TCC

FORTALEZA

2023

SUMÁRIO

1. **Apresentação**
2. **Integralização do Trabalho de Conclusão de Curso**
3. **Orientação**
4. **Avaliação**
5. **Atribuições e Competências**
6. **Modalidades de TCC**
7. **Orientações Normativas**
8. **Anexos**

1. Apresentação

1.1 O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) constitui uma etapa essencial e requisito obrigatório, no percurso de formação intelectual e profissional de todo/a estudante de Licenciatura de Ciências Sociais. Nesse momento, o/a discente se insere com mais densidade nas atividades de pesquisa inerentes aos modelos de investigação social constantes neste manual.

1.2 Ressalta-se que o objetivo do TCC é consolidar o processo de ensino e aprendizagem que compõe a formação do/a estudante no campo das Ciências Sociais. Sua realização representa uma etapa de aprendizagem do domínio das ferramentas teóricas, metodológicas e técnicas dessa área de conhecimento. Além da orientação, a qualidade do TCC depende, em grande parte, do desempenho acadêmico do/a estudante, da sua capacidade de organização e ordenamento das diferentes fases da pesquisa que a modalidade do seu trabalho demanda.

1.3 Com efeito, este Manual estabelece as regras para realização do TCC para o/a discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. A primeira parte consiste no estabelecimento dos critérios gerais acerca dessa atividade e a segunda detalha as especificações de cada modelo de TCC. Sublinha-se que o/a estudante deverá realizar apenas um TCC, entre os modelos elencados neste Manual.

2. Integralização do Trabalho de Conclusão de Curso

2.1 Para o/a discente realizar o TCC precisará, no 9º semestre, efetuar matrícula no SIGAA e ter sido aprovado/a no seguinte componente curricular que é pré-requisito, a saber: Estágio de Docência III. Além disso, o/a discente deverá preencher formulário específico no qual deve conter as seguintes informações: nome completo, número de matrícula, nome do/a orientador/a e coorientador/a (se houver), modalidade do TCC e as assinaturas do/a aluno/a, do/a orientador/a e coordenador/a do respectivo curso.

2.2 A carga horária do TCC corresponde a 160 horas e sua frequência deve ser de 90%, no mínimo, conforme artigo 116, parágrafo 2º, do Regimento Geral da UFC.

2.3 Cada modalidade de TCC desenvolvida por um/a discente, será acompanhada pelo/a professor/a orientador/a ao longo do período de seu planejamento, execução e conclusão.

2.4 A escolha do/a discente de uma das possíveis modalidades de TCC ocorrerá em comum acordo com o/a orientador/a, observando as características e exigências de cada uma delas.

3. Orientação

3.1 Para a elaboração do TCC, o/a estudante estará, obrigatoriamente, sob a orientação de um/a dos/as docentes do Curso de Ciências Sociais. Eventualmente, a Coordenação do

Curso pode autorizar, mediante solicitação, que estudantes de Ciências Sociais sejam orientados/as por professores/as de outras áreas do conhecimento. Para tanto, deverá ser comprovado que, na sua trajetória acadêmica, o/a docente mantém interlocução com a produção no campo da Antropologia, da Ciência Política ou da Sociologia.

3.2 O/a professor/a orientador/a será escolhido pelo/a discente conforme identificação teórica e metodológica com a temática e modalidade do TCC que pretenda realizar.

3.3 É permitido, ainda, que o/a discente tenha um coorientador/a, desde que a coorientação tenha a anuência do/a orientador/a formal do TCC.

4. Avaliação

4.1 A avaliação do TCC será concluída quando o trabalho passar por uma apresentação e defesa específica (quando couber), realizada pelo/a estudante, à uma banca examinadora composta por dois ou três docentes, a depender do tipo de TCC.

4.2 A formação da Banca Examinadora terá como critérios fundamentais, a aproximação teórica e metodológica dos/as professores/as com o tema e modalidade do TCC desenvolvido pelo/a discente, e essa escolha será realizada em comum acordo entre professor-orientador/a e estudante.

4.3 O/a discente deverá entregar uma cópia de seu TCC para cada membro da Banca Examinadora, em via impressa ou virtual (conforme a demanda docente), com uma antecedência de 15 dias antes da defesa do seu trabalho.

4.4 O TCC que for bem avaliado receberá o conceito “aprovado”. Em situação contrária também não receberá uma nota, mas sim outro conceito: “não aprovado”. Em ambos os casos, o conceito “aprovado” ou “não aprovado”, constará na ATA de Defesa do TCC, atestada e assinada pelos/as docentes participantes da Banca Examinadora.

4.5 Quando o/a estudante reprovar o TCC, deverá se matricular novamente nesse componente curricular e desenvolver, outra vez, a atividade.

4.6 Caso a Banca Examinadora indique ajustes no TCC como condição para sua aprovação, o/a discente terá um prazo de 30 dias para realizar os ajustes necessários à aprovação. Após a entrega do TCC ajustado ao/a orientador/a, este/a atestará o feito em adendo à ATA de Defesa, o qual deverá ser assinado pelos/as demais avaliadores/as.

4.7 Quando o/a aluno/a e/ou docentes participantes da Banca Examinadora não puderem comparecer à sessão de defesa do TCC, a mesma poderá ser realizada em ambiente virtual, no mesmo dia e horário acordados por todos os/as envolvidos/as, desde que justificado e autorizado pela Coordenação, ou, ainda, ajustar e acordar nova data e horário.

5. Atribuições e Competências

5.1 Compete ao/a orientador/a: Orientar teórica e metodologicamente o TCC conforme normatiza este manual; Compor a banca examinadora, observando as sugestões do/a

discente; Elaborar um cronograma de orientação; Cumprir o cronograma de orientação; Solicitar o agendamento da defesa do TCC à Coordenação de curso.

5.2 Compete ao/a orientando/a: Matricular-se no TCC; Sugerir à Coordenação do curso um/a orientador/a para o seu TCC; Receber orientação teórica e metodológica, conforme o cronograma acordado com o/a orientador/a; Sugerir nomes de docentes para a banca examinadora; Realizar o TCC conforme indicações do/a orientador/a e de acordo com o cronograma acordado; Entregar cópias impressas e/ou eletrônicas (conforme o caso) do TCC aos membros da banca examinadora com, pelo menos, 15 dias de antecedência da defesa do TCC.

5.3 Compete à Coordenação do Curso: Registrar a matrícula do/a discente e o tipo de TCC que realizará; Atribuir o/a docente que será o/a orientador/a; Produzir a ATA de defesa; Emitir Declarações de Participação em Bancas; Acompanhar processo de integralização dos TCCs pelos/as discentes.

5.4 Compete à Banca Examinadora: Receber cópias do TCC impressas ou eletrônicas (conforme o caso), com, pelo menos, 15 dias de antecedência da defesa do TCC; Comparecer à sessão pública de defesa do TCC para a qual foi convidado/a para ser avaliador/a; Sugerir ajuste no TCC caso considere necessário; Emitir conceito “aprovado” ou “reprovado” (conforme o caso) ao TCC avaliado; Assinar ATA de Defesa.

6. Modalidades de TCC

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais prevê as seguintes modalidades de Trabalho de Conclusão de Curso:

6.1 *Monografia* - Trabalho individual realizado sobre um tema, objeto de pesquisa, campo de análise, envolvendo teorias e metodologias que dialoguem com as áreas de conhecimento das Ciências Sociais. Obrigatoriedade: defesa para uma banca examinadora composta por três professores/as, incluindo o/a orientador/a a quem cabe presidir sessão de avaliação.

6.2 *Artigo Científico ou Ensaio* - Trabalho individual referente à sistematização de um texto abordando temática de pesquisa que dialogue com as áreas de conhecimento das Ciências Sociais. Obrigatoriedade: defesa para banca examinadora composta por três professores/as, incluindo o/a orientador/a a quem cabe presidir sessão de avaliação. Caso haja uma carta de aceite para publicação, a defesa estará dispensada.

6.3 *Relatório de Pesquisa Quantitativa* - Análise individual de um tema, a partir de uma abordagem empírica eminentemente quantitativa. Obrigatoriedade: defesa para banca examinadora composta por três professores/as, incluindo o/a orientador/a a quem cabe presidir sessão de avaliação. Caso haja uma carta de aceite para publicação a defesa estará dispensada.

6.4 *Entrevista* - Realização de entrevista sobre obra e percurso acadêmico ilustrativos da significativa contribuição de um/a autor ou autora para o campo das Ciências Sociais. Obrigatoriedade: avaliação por banca examinadora composta por três professores/as, incluindo o/a orientador/a a quem cabe presidir sessão de avaliação. Caso haja uma carta de aceite para publicação, a defesa estará dispensada.

6.5 *Projeto de Pesquisa ou Intervenção Social* - Proposta de trabalho de investigação e intervenção social envolvendo teorias, metodologias e técnicas que dialoguem com as áreas de conhecimento das Ciências Sociais. Obrigatoriedade: defesa para banca examinadora composta por três professores/as, incluindo o/a orientador/a a quem cabe presidir sessão de avaliação.

6.6 *Exposição Fotográfica, Literária ou Audiovisual* - Produção resultante de pesquisa, fundamentada em teorias, metodologias e técnicas que dialoguem com as áreas de conhecimento das Ciências Sociais. Entre os produtos a serem avaliados, além da exposição, o/a discente deve construir um Pré-Projeto da Obra (5-7 páginas) e um Ensaio sobre a obra como complemento de sua exposição (5-7 páginas). Obrigatoriedade: avaliação por banca examinadora composta por três professores/as, incluindo o/a orientador/a.

6.7 *Memorial* - Trabalho individual sobre a trajetória acadêmica e profissional (quando se aplicar) do/a concludente. Obrigatoriedade: avaliação do/a professor/a orientador/a.

6.8 *Material Didático Cultural, Científico, Informativo, etc.* – Produção individual resultante de pesquisa, com vistas a sua utilização no ensino médio e superior, que auxilie no aprendizado e compreensão de temas e componentes das áreas de interesse das Ciências Sociais. Obrigatoriedade: oficina de apresentação para banca examinadora composta por três professores/as, sendo um/a deles/as professor/a da educação básica e outro/a o/a professor/a orientador/a.

7. Orientações Normativas

7.1 Abaixo segue quadro demonstrativo no qual constam orientações normativas que o/a discente deve observar quando da produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

7.2 Todos os trabalhos devem observar e aplicar as orientações indicadas pela Biblioteca do Centro de Humanidades da UFC ou, na ausência dessas, seguir as normas e regras atualizadas da ABNT, à exceção da Exposição Fotográfica (Item 6 – Tabela)

Quadro Síntese das Modalidades de TTC's Licenciatura em Ciências Sociais	
Modalidades TCCs	Orientações Normativas
1 Monografia	Mínimo/Máximo de páginas: 30-40
2 Artigo científico, entrevista ou ensaio	Mínimo/Máximo de páginas: 15-20
3 Relatório de pesquisa quantitativa	Mínimo/Máximo de páginas: 20-30
4 Entrevista	Mínimo/Máximo de páginas: 20-30
5 Projeto de Pesquisa ou Intervenção Social	Mínimo/Máximo de páginas: 10-15
6 Exposição fotográfica, literária ou audiovisual	Pré-Projeto da obra para exposição. Mínimo/Máximo de páginas: 5-7 Ensaio sobre a obra como complemento de sua exposição. Mínimo/Máximo de páginas: 5-7 Realização de sessão pública para exposição do material após a avaliação pública pela banca examinadora, seguido por um debate (opcional). Duração (exposição): um período do dia OBS: Custos de materiais de inteira responsabilidade do/a discente.
7 Memorial	Mínimo/Máximo de páginas: 20-25
8 Material Didático	Escolha livre do tipo de material didático. Manual de apresentação, utilização e aplicação (para jogos e demais materiais lúdicos). Planejamento e execução da oficina de apresentação do material. Entrega do Plano de Apresentação do material. Duração Mínima/Máxima da oficina: 45-50 minutos.

Quadro Síntese das Modalidades de TTC's Licenciatura em Ciências Sociais	
Modalidades TCCs	Orientações Normativas
	OBS: Custos materiais de inteira responsabilidade do candidato/proponente.

Compete ao Colegiado do Curso dirimir dúvidas referentes à interpretação destas normas, bem como suprir as suas lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

8. Anexos

Formulário de Registro de Orientação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FORMULÁRIO DE ORIENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IDENTIFICAÇÃO DO/A ESTUDANTE:

Nome: _____

Matrícula: _____

Curso: _____

Turno: _____

MODALIDADE DE TCC:

(Indicar o formato/natureza do TCC, conforme as possibilidades que constam no Projeto Pedagógico do Curso)

TEMA/TÍTULO DO TRABALHO:

(PROVISÓRIO)

ORIENTADOR/A:

Nome: _____

Unidade Curricular: _____

PERÍODO DE ORIENTAÇÃO:

(Indicar semestre letivo)

TERMO DE COMPROMISSO:

Por meio deste termo, entregue à Coordenação do Curso, formaliza-se a orientação no componente curricular TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO, envolvendo os seguintes compromissos acadêmicos: 1. *Elaboração do cronograma de encontros de orientação e do plano de trabalho a ser desenvolvido*; 2. *Execução das atividades previstas para o semestre*; 3. *Finalização e apresentação/defesa do TCC*; 4. *Registro da aprovação no Sigaa/UFC*, respeitando as datas-limite estabelecidas no calendário universitário.

Data: _____

ASSINATURA DO/A ESTUDANTE

ASSINATURA DO/A ORIENTADOR/A

ASSINATURA DO/A COORDENADOR/A